

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

“O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO”:
VARNHAGEN E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO
E DA IDENTIDADE NACIONAL

KELLY CARVALHO

MARÇO/2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
C253n
V _____ EX _____
TOMBO BCI 49031
PROC 16-837100
C _____ DX _____
PREÇO R\$ 11,00
DATA _____
Nº CPD _____

CM00167332-5

BIB ID 240623

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

C 253 n **Carvalho, Kelly**
O nascimento de uma nação: Varnhagen e a construção do conhecimento histórico e da identidade nacional / Kelly Carvalho.
-- Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador: Edgar Salvadori De Decca.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Varnhagen, Francisco Adolfo de, 1816-1878.
2. Historiografia - Brasil - Séc. XIX. 3. Brasil - Política e governo, 1839-1837. I. De Decca, Edgar Salvadori. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

KELLY CARVALHO

**“O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO”:
VARNHAGEN E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO
E DA IDENTIDADE NACIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas,
sob orientação do Prof. Doutor Edgar Salvadori d’Decca.

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora em
26/03/2002

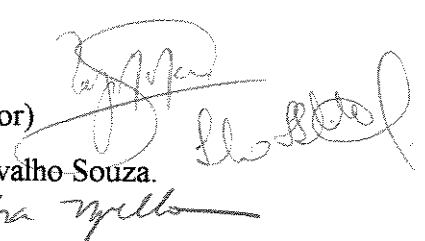
BANCA

Prof. Dr. Edgar Salvadori d’Decca (orientador)

Prof^ª Dra. Yara Lis Franco Schiavinatto Carvalho-Souza.

Prof^ª Dra. Cristina Meneguello.

Prof^ª Dra. Silvia Hunold Lara (suplente)



MARÇO/2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

1121893

Resumo

Dissertação de Mestrado em História Social do Trabalho que analisa o pensamento historiográfico e o ideal de Nação elaborado pelo historiador Francisco Adolpho de Varnhagen, durante o período compreendido entre 1839 a 1857. A leitura desse nosso trabalho evidencia a busca de analisar Varnhagen tentando resgatar os interlocutores do autor, os debates que endossava ou repelia, os motivos pelos quais aceitava ou não um determinado argumento, as variantes do seu pensamento, tentando conhecer e estabelecer relações entre o seu pensamento historiográfico com o “*secullo oscillatorio*” no qual viveu e para o qual escreveu.

Abstract

The master dissertation in Social History of Work that analyses the historiographic thought and the ideal of a nation, elaborated by the historian, Francisco Adolpho de Varnhagen, between the years 1839 and 1857. The literature of our work shows an analysis of Varnhagen in an attempt to recover the interlocutions of the author, the debates which he endorsed or opposed, the motives for accepting or repelling certain arguments, his variants in thought; trying also to know and establish the relationships between his historiographic thought and the “*secullo oscillatorio*” in which he lived and for which he wrote.

Agradecimentos

Agradeço à *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*, que me proporcionou condições para a realização desta pesquisa, bem como a viabilização do meu curso de Mestrado.

Agradeço ao professor Edgar Salvadori d’Decca, orientador de curso e pesquisa, pelos incentivos, estímulos e generosidade com que me auxiliou ao longo dessa trajetória acadêmica.

Sumário

<i>I – Introdução</i>	09
<i>1.1 – Metodologia</i>	13
<i>II – As diferentes formas de pensar e produzir o conhecimento histórico no Brasil (1839-1854/57)</i>	17
<i>2.1 – Parênteses: Reflexões acerca do Recorte Cronológico para o estudo da Historiografia Oitocentista</i>	20
<i>III – As formas do mesmo?</i>	29
<i>3.1 – As elites Oitocentista; o IHGB e Varnhagen</i>	35
<i>IV – “... e por fim a crítica”</i>	47
<i>4.1 – Os Críticos Oitocentistas</i>	57
<i>4.2 – Os Críticos Republicanos</i>	65
<i>4.3 – Os Críticos Europeus</i>	69
<i>4.4 – A historiografia contemporânea</i>	75
<i>4.5 – Parênteses: os literatos (breves considerações)</i>	87
<i>V – “... um gênero Varnhageniano”</i>	93
<i>5.1 – Crítica</i>	94
<i>5.2 – “Doutrinas Históricas”</i>	99
<i>VI – Interlocutores “oficiais”</i>	119
<i>6.1 – Robert Southey</i>	119
<i>6.2 – José Bonifácio</i>	121
<i>6.3 – von Martius</i>	129
<i>6.4 – Hegel</i>	130

<i>VII – Outros Interlocutores</i>	137
7.1 – <i>Hipólito José da Costa</i>	137
7.2 – <i>A presença de Walter Scott</i>	146
<i>VIII - Observações finais:</i>	151
8.1 – <i>Literatura</i>	151
<i>IX – Relação das Obras publicadas e/ou editadas por Varnhagen</i>	157
<i>X – Glossário</i>	171
<i>XI – Conclusões</i>	183
<i>XII – Bibliografia</i>	187
12.1 - <i>Fontes Primárias</i>	187
12.1.2 - <i>Relação dos artigos de autoria de Varnhagen publicados nas Rev. do IHGB (1839-1857)</i>	188
12.1.3 - <i>Documentos Oferecidos (ao IHGB)</i>	193
12.2 - <i>Fontes Secundárias</i>	195
12.3 – <i>Bibliografia Geral</i>	198
12.3.1 - <i>Dicionários</i>	198
12.3.2 – <i>Historiadores</i>	198
12.3.3 – <i>Literatos</i>	200
12.3.4 – <i>Historiadores e Literatos do IHGB e do IHG/SP</i>	201
12.3.5 – <i>Teórica-metodológica</i>	203
<i>XIII – Anexo: “Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil” (Memória por F. A. V.)</i>	205

“Quantos exemplos não poderamos citar de crenças d’estas tradicionais, das quaes algumas, já derrubadas pela justa e severa critica entre o pequeno numero comparativo dos que n’uma nação frequentam os livros, se conservam todavia e conservarão para sempre no vulgo, e até para mais nos corações d’esses mesmos a quem a convicção e a razão estão doutrinando ao contrário? Quando as crenças se radicam uma vez, não é facil extipar-lhe raizes.”

*Francisco Adolpho de Varnhagen
 (“O Caramuru perante a história”)*

I - Introdução

Temos consciência de que este é um trabalho especialmente difícil. Nem se trata de supervalorizar os obstáculos da pesquisa em si, como o abundante volume das fontes, tanto primárias quanto secundárias, e mesmo das dificuldades em localizar algumas destas fontes. Trata-se da percepção de alguns problemas, de certas características teóricas e metodológicas desta pesquisa.

A combinação dos gêneros historiografia brasileira, história das idéias, história política e o objeto de estudo são precisamente as características que tornam este trabalho difícil. A tênue inter-relação da História com a Literatura, marca indelével do período, é igualmente um obstáculo, por exigir leituras específicas e, também, pela complexidade da diferenciação dos conceitos implícitos em tal relação.

Como já foi dito por mais de um autor, estudos no campo historiográfico são considerados bastante complexos por exigir “(...) *do analista conhecimentos de teoria, de metodologia e de História*”.¹ Sendo nossa produção nos campos da história da historiografia e história das idéias uma prática ainda pouco comum pelos nossos historiadores, a reflexão acerca desses gêneros é bastante fragmentada carecendo de pesquisas sistemáticas.

Considerando o local de onde o observador da análise da produção historiográfica se posiciona, a asserção acima proferida pode parecer passível de

¹FICO, Carlos; POLITO, Ronald. Introdução. In.: *A história no Brasil (1980 – 1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992. p. 15.

contradição, como, por exemplo, para José Honório Rodrigues na 3ª edição da *“Teoria da História do Brasil”*, de 1969. Naquele ano, Rodrigues, observando a produção do período de 1964 a 1967, concluiu que esta área de estudo *“... desenvolveu-se muito no Brasil nos últimos anos (...)”*². Certamente desenvolveu-se comparado a períodos anteriores os qual o analista observava. Todavia, não o suficiente para alterar significativamente o quadro atual.

Há que se ressaltar que este não é um quadro estático, a preocupação com a análise historiográfica, desde a fundação do IHGB, faz-se presente, sendo concomitante com as origens da sistematização do conhecimento histórico no país. O que nos interessa chamar atenção é para o caráter inconstante desta produção. Temos uma renitente lacuna.

A lacuna desta deformação tem conseqüências das mais diversa natureza que incidem perniciosamente na evolução do conhecimento histórico nacional, sendo a permanência no processo de reconstituição histórica uma das mais agravantes. Apreensão compartilhada na década de 70 por duas grandes referências sobre o assunto no Brasil, Francisco Iglésias e Nilo Odália.

Na reunião da SBPC de 1971, Iglésias, em apresentação da mesa-redonda sobre *“A pesquisa Histórica no Brasil”*, foi enfático:

“O que marcava a historiografia tradicional ainda sobrevive em grande parte. Seus cultores têm, mesmo hoje, traços da produção antiga. Apesar dos cursos universitários de História, a maior parte do que se publica de História do Brasil se ressent de vícios que já

²RODRIGUES, José Honório. Diversos gêneros na história. In.: *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 1978. p. 193. 5ª ed.

deviam ter sido superados. Dois deles precisam de denúncia: a falta de pesquisa e a falta de interpretação. Pesquisa-se pouco entre nós: a maior parte dos escritos é simples repetição de anteriores, perpetuando-se equivocados.”³

O local de denúncia deste quadro expresso por Odália, sintomaticamente similar ao de Iglésias, foi a reunião de História da Unesp ocorrida em 1976:

“Talvez não seria exagero dizer-se que quem analisa a produção de nossos historiadores tem a impressão de que o conhecimento histórico brasileiro sofre do mal de Sísifo, está sempre num processo infindo de reconstituição. (...). Falta-nos sem dúvida, uma história da historiografia, que poderia servir de ponte de ligação entre o que se fez e o que se faz.”⁴

Nossos avanços de 76 para cá não foram substâncias em termos de volume de produção⁵. Mas podemos avaliar que este é um quadro que tende a ser revertido progressivamente. Motivados com o incentivo dos cursos de pós-graduação criados em finais da década de oitenta especificamente para atender nossa demanda no campo da análise historiográfica⁶, é perceptível na década de noventa o renovado interesse que este gênero desperta em nossos historiadores (notada inclusive no mercado editorial).

³IGLÉSIAS, Francisco. A pesquisa histórica no Brasil. In.: *Anais da SBPC*, Curitiba, 1971. p.375.

⁴ODÁLIA, Nilo. Formas do pensamento historiográfico brasileiro. In.: *Anais de História*. UNESP, São Paulo, 1976. p. 31.

⁵Comparando os programas das disciplinas de “Historiografia Brasileira”, “Metodologia da História” e “Introdução ao Estudo da História”, dos cursos de graduação em História da UFOP nos anos de 1991-96 com os da UNICAMP 1999/2000, observamos que, em praticamente uma década, a bibliografia manteve-se praticamente constante. Obviamente este é um parâmetro questionável, mas de certa forma representativo do quadro descrito.

⁶UFRJ: “Metodologia, Teoria da História e Historiografia” (1988); UFRGS: “Teoria e Metodologia da História” (1989); PUC/RJ: “Teoria e Historiografia” (1988). Fonte: Fico, C. & POLITO, R. *op. cit.*

A conseqüência maior deste nosso desconhecimento historiográfico, como já foi dito, é a continua repetição, e consolidação, de mal entendidos que prejudicam o conhecimento mais amplo de nossa trajetória histórica. Odália, organizador do volume dedicado a Varnhagen na coleção “*Grandes Cientistas Sociais*”, assim sintetizou nosso conhecimento historiográfico: “*nossas deficiências no campo da história das idéias ressaltam quando verificamos a pobreza e o desinteresse com que são tratados nossos historiadores.*”⁷

Ironicamente, Varnhagen, o pioneiro do estudo de crítica historiográfica no Brasil⁸, é o mais acabado exemplo deste quadro que apresentamos. Não que não tenha sido estudado. O foi, aliás, de forma mais abundante do que supúnhamos a princípio. Entretanto, nossas pesquisas nos levaram à conclusão de que raros foram os estudiosos que se dedicaram ao autor de maneira objetiva, observando os instrumentos de análise propostos pela ciência histórica.

A presença da análise ideológica é característica predominante nas leituras do pensamento do autor. Seus leitores são divididos em dois grupos, os leitores monarquistas e os republicanos.

Entre seus contemporâneos, Varnhagen não foi popular, nem poderia pelo motivo de questionar os interesses da “*elite*” oitocentista. Os membros do Instituto

⁷ODÁLIA, Nilo (org.). *Varnhagen*. São Paulo: Ática, 1979. p. 30. (col. *Grandes Cientistas Sociais*, nº 9).

⁸VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *Reflexões críticas sobre o escripto do século XVI: impresso com o título de Notícia do Brasil*. Lisboa: 1839 (no t. 3 da Coll. de Not. Ultr.)

_____. Juízo acerca do compendio da Historia do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6 p. 60). In.: *Rev. do IHGB*, 1840. vol. 8, nº 2. p. 276-283.

_____. Breves commentarios – À precedente obra de Gabriel Soares. In.: *Rev. do IHGB*, 1840. Tomo 10, primeiro trimestre. p. 449-460. (entre outros).

Histórico e Geográfico, como se sabe, pertenciam à alta aristocracia latifundiária, tinham diversos motivos para execrá-lo, visto que Varnhagen foi o primeiro intelectual a criticar o modelo, que até hoje perdura, de propriedade de terra. Por outro lado, Varnhagen não compactuava com o modelo de idealização romântica do homem brasileiro desenhado pelos literatos do Instituto. O Imperador, Pedro II, não tinha motivos para apreciar seu pensamento, pois é novamente Varnhagen o primeiro a questionar o modelo do monarquismo tropical. Os críticos republicanos, por sua vez, jamais poderiam simpatizar com um defensor do regime monárquico.

Assim temos um quadro bastante delicado, onde o sujeito de análise historiográfica confunde-se com as posições ideológicas do século XIX, e tornando-se o grande vilão da historiografia brasileira.

1.1 - Metodologia

Quem examina os estudos realizados acerca do pensamento historiográfico de Francisco Adolpho de Varnhagen, reconhece logo a obra "*História Geral do Brasil*" (1854/57) como fonte primordial.

No nosso entender o recorrente procedimento de análise textual justifica-se pelo motivo de ser essa a obra capital do autor, síntese maior do seu esforço intelectual. Por outro lado, esta tradição metodológica nos parece restritiva por três motivos: 1- "... *apenas interpretar o conhecimento histórico sob o ponto de vista do*

*produto final, não atentando para as condições em que o mesmo surgiu (...)*⁹; 2 - homogeneizar o pensamento do autor; 3 – verticalizar as temáticas discutidas pelos críticos. Por exemplo: o caráter ideológico e conservador do pensamento vargeniano.

Dessa forma, buscamos nos amparar numa pesquisa com maior diversidade de fontes e no recorte cronológico delimitado, os anos compreendidos entre 1839 a 1857. Buscamos, portanto, uma análise historiográfica que se diferenciasse da tradição, que nos parece restritiva, de análise da *“História Geral do Brasil”*, por não considerar as condições que propiciaram o surgimento da obra e generalizam o pensamento do autor.

A partir desta postulação, definimos como procedimentos metodológicos os seguintes:

I – Recorte Cronológico delimitado: 1839 a 1857. A primeira data, 1839, liga-se ao ano de publicação do primeiro trabalho do historiador¹⁰, 1857, publicação do 2.º volume da *“HGB”*;

II – Diversidade de fontes-primárias¹¹;

III – Ao longo do trabalho com as fontes primárias constatamos que para focar a matriz mais ampla, social e intelectual, de que nasceu a *“História Geral do Brasil”*, seria necessário localizar as influências de Varnhagen, seus interlocutores e

⁹ *Idem. ibidem.* p. 18.

¹⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *Reflexões críticas sobre o escripto do século XVI*: impresso com o título de Notícia do Brasil. Lisboa: 1839 (no t. 3 da Coll. de Not. Ultr.)

¹¹ A relação da bibliografia de fontes primárias está ao final deste.

a recepção que seus trabalhos iniciais obtiveram junto à comunidade intelectual da primeira metade do século XIX.

Por fim, julgamos que a leitura das obras produzida acerca da História do Brasil, que precedem a produção do autor, é obrigatória. Sabemos ser esse procedimento passível de críticas. No entanto, não nos seria possível ignorar que o percurso traçado para explicar o Brasil, de Gândavo a Southey, foi analisado por Varnhagen, durante esse período de formação. Este procedimento é auxiliar para avaliarmos o movimento dialético de aceitação/negação de concepções historiográficas que resultaram na “HGB”.

O leitor familiarizado com a produção vargeniana notará que o trabalho com as fontes primárias não foi exaustivo, como pretendemos. Muito da extensa bibliografia impressa pelo autor não é encontrada no Brasil, conseguimos catalogar algumas, mas não tivemos acesso. O difícil acesso ao “*Jornal Panorama*”, “*Revista Universal Lisboense*” e outras revistas especializadas em história e literatura publicadas na Europa no período em questão, também são fatores que limitaram nossa pesquisa. A produção literária do autor foi intencionalmente preterida pelo motivo de restringirmos a pesquisa a estudos de caráter históricos.

Ainda em relação às fontes, chamamos atenção para o fato de que se encontram dispersas. Muito embora o Ministério das Relações Exteriores tenha criado a “*Biblioteca Francisco Adolfo de Varnhagen*” a fim de acondicionar a obra do autor, o material sob a responsabilidade dessa instituição é composto, em sua maioria, por documentos oficiais, muito deles de caráter confidencial com acesso restrito.

O mesmo ocorre com a documentação acondicionada no “*Museu Imperial de Petrópolis*”; parte da documentação referente à Varnhagen encontra-se sob custódia dos descendentes da família Imperial¹², tendo o acesso restrito. Além destas limitações, parte significativa da documentação vargeniana encontra-se em museus e arquivos europeus.

Além das dificuldades expostas acima, prática de não assinar os trabalhos publicados não é um procedimento incomum em Varnhagen, como também não é o recurso de apenas sugerir autoria como, por exemplo, os textos criptografados com suas iniciais (*A*). Dado o volume das fontes selecionadas, torna-se inviável dedicarmos à discussão referentes à confiabilidade ou não das fontes, posto que exigira conhecimentos específicos¹³. Restringimos nosso trabalho aos textos devidamente assinados, ignorando esta discussão autoral.

¹² Como pode ser confirmado com a seguinte nota anexada à caixa que acondiciona a documentação: “*A documentação do Catálogo C é de propriedade do Sr. d. Pedro de Orleans e Bragança*”. (In.: *Museu Imperial de Petrópolis*).

¹³ Fizemos exceção apenas a um texto publicado no jornal “*Panorama*”, que temos certeza que fora composto por Varnhagen.

2 – As diferentes formas de pensar e produzir o conhecimento histórico no Brasil (1839-1854/57)

A dinâmica interna da pesquisa¹⁴ exigiu que voltássemos para os interlocutores de Varnhagen. O motivo que nos levou a tal procedimento metodológico, foi o de que a mera leitura de sua produção tornou-se insuficiente para compormos um quadro mais específico do seu pensamento. O diálogo de Varnhagen com seus contemporâneos se fez necessário para que não caíssemos na estéril “análise textualista” (crítica tanto por Rossanvallon quanto por Skinner¹⁵) da sua obra.

Os objetivos deste exercício são precisamente: 1) mostrar, e também estabelecer (embora de forma sumária), as diferenças de pontos de vistas das formas de pensar e produzir o conhecimento histórico no Brasil durante o período de 1839 a 1854/57 (ressaltando o diálogo entre Varnhagen e o IHGB), arriscando a esboçar as “(...) diferenças de contextos nas quais as obras tomaram sentido”¹⁶, tentando nos esquivar, na medida do possível, do modelo de comparativismo textual criticado por

¹⁴Bem como nossa opção metodológica.

¹⁵As críticas sobre o método textualista de análise da história política são recentes. Pertence à reavaliação metodológica do gênero história política, que durante vários anos esteve à margem dos interesses dos historiadores. No Brasil essa tendência teve maior impulso por volta da segunda metade da década de 90, com a publicação das idéias desenvolvidas por estes dois autores: ROSSANVALLON, Pierre. Por uma História conceitual do Político (nota de trabalho). In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 15, nº 30, 1995. pp. 9-22; SKINNER, Quentin. *As fundamentações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. 724 p. Sobre esta reavaliação da história política, ver também: BURKER, Peter. O retorno da Política; O renascimento da narrativa. In.: *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929 –1989)*. São Paulo: UNESP, 1991. p. 100 –107.

¹⁶ROSSANVALLON, Pierre. Por uma História conceitual do Político (nota de trabalho). In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 15, nº 30, 1995. p. 14.

Rossanvallon¹⁷; 2) E, como sugere Skinner, “(...) *ver não apenas os argumentos que [Varnhagen] apresentava, mas também as questões que formulava e tentava responder, e em que medida aceitava e endossava, ou contestava e repelia, ou, às vezes, até ignorava (de forma polêmica), as idéias e convenções então predominantes no debate político.*”¹⁸

Este trabalho produziu resultados vantajosos. Suscitando as seguintes hipóteses:

1) As formas do pensar e produzir o conhecimento histórico no século XIX não são coesas, não podendo ser restrita em apenas uma linha de pensamento e desenvolvimento, porque estagnaria nosso conhecimento do desenvolvimento da produção histórico nacional, com agravante de que tal interpretação unilateral reflete em nossa historiografia contemporânea. Detectamos no período delineado as seguintes correntes historiográficas: a de Varnhagen, a do “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” e de João Francisco Lisboa¹⁹. Não poderíamos deixar de mencionar que o pensamento historiográfico e, também, o projeto de nação de José Bonifácio de Andrade está presente nesse período. Poderia ser alegado que pelo fato dele ter falecido em 1838, não estivesse presente dentro do contexto. Entretanto, a permanência de José Bonifácio

¹⁷ *Idem, ibidem.* p. 14/5.

¹⁸ SKINNER, Q. *op. cit.* p. 13.

¹⁹ João Francisco Lisboa, 1812-1863, publicista e historiador brasileiro. Autor de “*Vida do Padre Antônio Vieira*”, “*Biografia de Manoel Odorico Mendes*”, “*Folhetins*” (1851-52), “*A questão da anistia*”, “*A questão do Prata*”, “*Jornal de Timon: apontamentos, notícias e observações para servirem à História do Maranhão*”, entre outros.

reside, principalmente, na negação do seu pensamento. Continuou presente de forma contundente²⁰ até meados de 1854-57;

2) Dada a observação anterior, supomos inconveniente apreender “as formas do pensar e produzir conhecimento histórico” nos Oitocentos dentro de um recorte cronológico linear²¹. Sugerimos as seguintes datas como marcos cronológicos: I) 1839 a 1854/57; II) 1858 a 1878 (considerando a ruptura de 1870, que é o ano de publicação do “*Manifesto do Partido Republicano*”);

3) Dentro desta nossa periodização, localizamos três diferentes projetos de construção e escrita da história, bem como três diferentes formas de apreensão temporal (linear, progressiva e estática) e, finalmente, três diferentes interpretações e utilizações do conceito de “Memória”;

4) E, finalmente, que tão importante quanto o estudo do pensamento historiográfico dos marcos acima citados, é necessário estabelecer o diálogo entre eles, para assim termos o quadro mais específico, que resultou no nosso atual modelo de produção histórica, permitindo que as vozes variadas e opostas que constituíram o saber histórico no Brasil sejam conhecidas. Ressaltamos que nossas pesquisas nos levaram à

²⁰Embora discordamos de Rodrigues, ele assim explica a permanência do pensamento do “*patriarca da independência*” na historiografia Oitocentista: “*Era preciso dificultar o culto a José Bonifácio e a corrente política que defendia essa tese era agora reforçada pela historiografia oficial, aquela história escrita com punhos de ferro, inaugurada por Francisco Adolfo de Varnhagen, nos meados do século passado, com a sua História Geral do Brasil.*” (RODRIGUES, José Honório. *Vida e História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p.33.)

²¹ Observar as seguintes obras: STEIN, Stanley. *A Historiografia no Brasil: 1808-1889*. In.: *Revista de História*. São Paulo: USP, 1964, vol. XXIX, nº 59; CAMPOS, Pedro Moacyr. *Esboço da Historiografia brasileira nos séculos XIX e XX*. In.: GLENISSON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. São Paulo: Difel, 1983. p. 250-93. (4ª ed.).

conclusão da necessidade de que este estudo contemple comparativamente o movimento dialético dos valores historiográficos de tais correntes.

2.1 – Parênteses: Reflexões acerca do Recorte Cronológico para o estudo da Historiografia Oitocentista

Observamos que até pouco tempo as análises historiográficas sobre a produção histórica do século XIX, que afinal não são muitas, foram erigidas sob duas principais perspectivas. Ou se detêm no recorte cronológico definido por marcos de instaurações e políticos como, por exemplo, os anos de 1839 e 1889, ou debruçaram-se sobre uma temática setorial de produção como, por exemplo, o IHGB. Os estudos de Stanley Stein²² e Manoel L. S. Guimarães²³, clássicos estudos da historiografia oitocentista representam, respectivamente, a proposição acima citada.

Considerando as restrições metodológicas do período em que tais obras foram arquitetadas, 1964 e meados da década de 80, limitamo-nos a fazer duas observações. Mesmo sendo o ano de 1889 o divisor político da História do Brasil, julgamos que defini-lo como o divisor de “idéias” da reflexão histórica brasileira, sem ponderarmos algumas restrições, é inapropriado (aspecto que será abordado logo a seguir). E, reconhecendo que a contribuição de Guimarães no campo da história das

²² STEIN, Stanley. A Historiografia no Brasil: 1808-1889. In.: *Revista de História*. São Paulo: USP, 1964, vol. XXIX, nº 59. Ver também: CAMPOS, Pedro Moacyr. Esboço da Historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. In.: GLENISSON, Jean. *Iniciação aos estudos históricos*. São Paulo: Difel, 1983. p. 250-93. (4ª ed.).

²³ GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos Trópicos. O IHGB e o Projeto de uma História Nacional. In.: *Estudos Históricos*, nº 1. Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

idéias é incontestável, sublinhamos a ausência de uma dinâmica metodológica que privilegie o diálogo entre os principais produtores do conhecimento histórico no século XIX²⁴.

Recentemente um novo recorte cronológico e temático buscou explicar a produção historiográfica do século XIX. Estamos nos referindo a obra do historiador Francisco Iglésias²⁵. Iglésias dividiu cronologicamente a historiografia brasileira em dois momentos. O primeiro de 1838 a 1931, com a sub-divisão temática dos autores significativos do período, definindo Varnhagen como “*o divisor de águas da historiografia*” desse período; o segundo momento, observando a produção histórica sob a égide das universidades. Muito embora o autor tenha sido nitidamente inspirado pelas recentes metodologias referentes ao estudo da história política e história das idéias, obteve êxitos parciais, posto que o livro é ainda muito convencional²⁶.

Como se trata de resgatar as formas do pensar e produzir o conhecimento histórico no século XIX, nossas pesquisas nos levaram à conclusão de que é necessário localizar três expoentes: “*o marco fundador*”, “*os pontos de ruptura*” e “*o marco final*” desse processo. Sugerimos o ano de 1838 como “*marco fundador*”. Os anos compreendidos entre 1854/57 e o ano de 1870, “*os pontos de ruptura*”, os

²⁴Nossa colocação é baseada apenas no artigo acima citado. Temos conhecimento de que o artigo é a síntese da sua dissertação de mestrado, que inclusive tem o recorte cronológico próximo ao nosso. Entretanto, não trabalhamos com a dissertação. (GUIMARÃES, M. L. S. A escrita da história e a questão nacional no Brasil: 1838-1857. [s/d]. (dissertação de mestrado, mimeo.)).

²⁵IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. 251 p.

²⁶Nossa crítica deve ser relativizada pelo motivo desta ser uma obra póstuma, que não foi concluída pelo autor. Entretanto, sublinhamos que ao analisar Varnhagen utiliza-se da fonte tradicional, “*História Geral do Brasil*”. Inclusive sem trabalhar a obra toda, como costume dos críticos vargenianos, repetindo os estereótipos das leituras convencionais.

primeiros historiográficos, o segundo político no âmbito nacional e teórico-metodológico no quadro internacional; os anos de 1877/78, “o marco final”.

Como se admite entre os historiadores, 1838²⁷ é “o marco fundador” da institucionalização do conhecimento e produção histórica no Brasil. Este consenso, inegável, deve-se ao fato de ter sido este o ano da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como poderemos verificar na literatura produzida acerca do tema:

*“A criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) vem apontar em direção à materialização deste empreendimento, que mantém profundas relações com a proposta ideológica em curso.”*²⁸

De acordo com o nosso modo de pensar, um segundo argumento privilegiando a relação do ato de ‘instauração’, exposto acima, com o movimento de consolidação das ‘idéias’ (rejeição/aceitação) no nosso conturbado Período Regencial

²⁷Este marco é flexibilizado de acordo com os diferentes gêneros de leitura historiográfica. Alguns historiadores da história política, com preocupações econômicas, recortam o século XIX entre 1822 e 1889. Como, por exemplo, Virgílio Noya Pinto: “No século XIX brasileiro encontramos duas datas para a história política: 1822, a Independência com a instalação do Império; 1889, a Proclamação da República. Que o cenário brasileiro se alterou profundamente entre aqueles dois marcos, é verdade incontestável, porém, ao historiador da economia o problema que se coloca é averiguar até que ponto as alterações sofridas afetaram a estrutura econômica.” (PINTO, V. N. Balanço das transformações econômicas no século XIX. In.: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988. p. 126. (18ª ed.)). Outros, analisando a história das idéias propõem um segundo recorte, como Francisco Falcon: “Em função desses pressupostos metodológicos mas, em certa medida, harmonizando-os com a tradição da historiografia, dividimos nosso tema, quanto ao século XIX, em dois períodos: o primeiro, de começo do século até mais ou menos 1870; o segundo, daí até o começo do século XX.” (FALCON, F. História das idéias. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. p. 98). Embora o estudo de Falcon seja uma análise das formas de pensar história no século XIX em geral, não se detendo especificamente ao Brasil, o recorte cronológico que adotou vem de encontro com a produção brasileira do período.

²⁸GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos Trópicos. O IHGB e o Projeto de uma História Nacional. In.: *Estudos Históricos*, nº 1. Rio de Janeiro: Vértice, 1988. p. 6.

(1831-1840), justificaria tal recorte. Rompe-se, ou pelo menos minimiza-se, ou ainda esquiva-se, de certos posicionamentos político-ideológicos, com o intuito de direcionar uma linha de pensamento.

Dentro deste contexto, poderíamos argumentar que 1838 se impõe como “*marco fundador*” pelo motivo de ser este o ano de falecimento de José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), que além da importância de sua trajetória política, desenvolveu um atuante projeto de identidade nacional. Suas idéias foram edificadas de forma tão sólida que passados, praticamente, vinte anos de sua morte, Varnhagen²⁹, na sua obra capital, tentava abolir alguns traços do seu projeto da memória nacional.³⁰ No Instituto o silêncio, praticamente tumular, permite apenas uma referência a Bonifácio. A presença deste no Instituto pode ser reduzida em uma biografia, “*Biographia dos Brasileiros distintos, etc*”, escrita pelo senhor Doutor Manoel Joaquim do Amaral Gurgel.³¹

É provável que outros ‘porquês’ possam justificar 38 como “*marco fundador*”, ou ainda novos recortes sejam apresentados. O que nos interessa mostrar é que quando buscamos as explicações dos projetos de Brasil e de História nacional,

²⁹Nesse sentido os repetidos e tradicionais argumentos de que Varnhagen recusava o “patriarca da independência” por motivos familiares, a querela da mineradora administrada pelo Varnhagen pai, são construídos de forma mecânica, tanto ao analisar Varnhagen quanto a dinâmica da historiografia brasileira. Mesmo análises recentes incorrem nesta falácia, como, por exemplo, a de Francisco Iglésias: “(...) É injusto com o principal Andrada, bem como com seus irmãos. Talvez seja até questão pessoal, pois José Bonifácio fez críticas severas ao trabalho do velho Frederico Luís Guilherme de Varnhagen, seu pai (...).” (IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 89/90).

³⁰Sobre este aspecto caberia um estudo sobre a permanência ou não das idéias de José Bonifácio no modelo ihgbiano da história nacional, dentro da proposta de detectar os porquês da permanência ou não.

³¹GURGEL, Sr. Dr. Manoel Joaquim do Amaral. *Biographia dos Brasileiros distintos por letras, armas e virtudes, &c. Elogio histórico de José Bonifácio de Andrada e Silva*. In.: *Rev. do IHGB*, 1846. vol. 8, n. 1. p. 116-144.

devemos ter a sensibilidade de considerar a fluidez do nosso processo historiográfico, considerando os aspectos internos, não apenas as influências externas.

Inegavelmente o “*ponto de ruptura*” do processo de se pensar história no século XIX é a “*História Geral do Brasil*”, publicada entre os anos de 1854-57. A “*HGB*” é o divisor de águas de amadurecimento do ‘fazer e pensar histórico’ nacional, obra inaugural e original de sistematização de uma proposta para definir o caráter nacional. Observando as Revista do IHGB, é nítida uma revolução na produção historiográfica. Logo após a “*HGB*” as escolhas das temáticas desenvolvidas, os artigos voltam-se mais para a história regional. A Revista do Instituto amadurece, seus membros, os “*ilustres cavalheiros da sociedade local*” (traço capital do elitizado membros do Instituto), não poderiam continuar ignorando que o fazer história teria que ser algo mais substancial do que o diletantismo dominical³² dos ‘*homens de bellas letras*’³³.

Considerando que uma proposta de fragmentação política é uma ruptura nas idéias de nação e escrita de história, o ano de 1870, no qual é publicado o “*Manifesto do Partido Republicano de São Paulo*”, é, igualmente, uma ruptura dentro do sistema de idéias do século XIX. Ruptura bem específica dentro dos quadros do século XIX, pois, além de ser um recorte cronológico (rigorosamente delimitado) é, também, um recorte espacial: muda-se o eixo dos “*intelectuais de elite urbana*” (dos homens da sociedade) da Corte Litorânea para os “*intelectuais da elite rural*”

³²Em geral as reuniões dos membros do Instituto ocorriam aos domingos, ver Atas das Revistas.

³³Discorremos mais detidamente sobre este conceito.

(agrária/cafeeira) de São Paulo. Dentro de um quadro mais amplo, a partir de 70 a historiografia dita “positivista” tornou-se hegemônica no cenário teórico-metodológico europeu, rompendo com o modelo romântico muito freqüente, mas não necessariamente predominante³⁴, entre os anos de 1830 e 1850³⁵. Em termos gerais, a máxima proferida por Langlois e Seignobos, de que: “*Até por volta de 1850, a história continuou a ser, para os historiadores e para o público, um gênero literário*”³⁶, é aceita pelos analista historiográficos.

No entanto em alguns estudos da evolução do pensamento historiográfico brasileiro, algumas divergências podem ser detectadas. Manoel L. S. Guimarães, por exemplo, no já citado estudo, generaliza este processo de desenvolvimento do conhecimento histórico. Para ele “*o discurso historiográfico [no século XIX] ganha foros de cientificidade num processo em que a ‘disciplina’ histórica conquista definitivamente os espaços da universidade.*”³⁷ Essa generalização é percebida na análise do IHGB, que segundo nosso ponto de vista é inadequada por não considerar a evolução do pensamento ihgbiano.

Segundo nosso modo de pensar, não julgamos apropriado o recorte cronológico clássico como definidor de ruptura de padrões historiográficos no Brasil.

³⁴Contrariamente do que os críticos, em especial os literatos, afirmam, salvo exceção de José Veríssimo, Varnhagen não foi um historiador romântico.

³⁵Ver: FALCON, Francisco. A história da “História das idéias”: séculos XVIII e XIX. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. p. 98-102.

³⁶FALCON, Francisco. História das Idéias. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 101.

³⁷GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos Trópicos. O IHGB e o Projeto de uma História Nacional. In.: *Estudos Históricos*, nº 1. Rio de Janeiro: Vértice, 1988. pp. 5.

Certamente é inquestionável que o ano da instauração da República, 1889, é fundamental como marco na nossa historiografia. Entretanto, há que se distinguir o divisor político do divisor de “idéias” da reflexão histórica brasileira. É claro que esses aspectos estão inter-relacionados, entretanto, o conhecido modo pelo qual se processou a transição do regime monárquico para o republicano no país, discutido por José Murilo de Carvalho³⁸ e outros, evidencia que a ruptura política de 89 não significou, necessariamente, a ruptura das “idéias” da nossa elite política, que muitas vezes, no século XIX, confunde-se com a elite intelectual. Por outro lado, este recorte cronológico, em geral, acaba por incorrer em anacronismo por generalizar o período pré-89, não “estabelecendo as diferenças”³⁹ e não considerando as variações do próprio regime monárquico.⁴⁰

Propomos assim, o ano de 1878 como “o marco final”. Dentro do nosso estudo, em específico, a justificativa de tal data é pertinente pelo fato deste ser o ano de falecimento de Varnhagen. Entretanto, dentro de um quadro mais amplo da

³⁸CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁹ Expressão utilizada ao modo de Bourdieu (BOURDIEU, Pierre. *É possível um ato desinteressado?* In.: *Razões e práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papyrus, 1996. p. 137-157).

⁴⁰ Sentimos que, em geral, as análises acerca da produção historiográfica monarquista se abstêm de fazer a relação comparativa entre os diferentes formas nas quais o ‘poder’ se revestiu com a produção histórica. O regime monarquista é considerado de forma estática, sem observar as variabilidades que o modelo adquiriu no país, como, por exemplo, os períodos regenciais. Metodologia que, segundo supomos, peca por ignorar que a essência da produção histórica internacional nos Oitocentos, e conseqüentemente no Brasil, é a sua relação com as estruturas do poder.

Iglésias fez, de certa forma, tal relação ao longo de sua obra. Como, por exemplo, ao analisar a criação, em 1838, do Instituto Histórico: “*É na Regência que se assiste ao primeiro esforço ou interesse pela historiografia, de real eficácia, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, de papel importante na vida intelectual, então e depois.*” (IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos da historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, IPEA, 2000. p. 60).

historiografia brasileira, 78 marca o final da primeira geração de historiadores que contribuíram, no âmbito das idéias, e buscaram definir o caráter nacional brasileiro.

O ano de 1878 é significativo por fechar um ciclo de pensamento. Com o falecimento de A. Thiers, Alexandre Herculano, João Francisco Lisboa, Alexandre Humboldt, Augusto de Saint-Hilaire, João Baptista Debret, Karl Frederic von Martius, Robert Southey, Almeida Garret e João Baptista Callogeras⁴¹, 1878 marca o final da primeira geração de intelectuais europeus que influenciaram a reflexão e a prática da construção historiográfica no país, além das características expostas acima, desta década de 1870 para a historiografia internacional.

⁴¹ Ver listagem dos sócios falecidos em 1877 e 1878 nas revistas do IHGB dos referidos anos.

III - As formas do mesmo?

Os estudos realizados acerca do século XIX brasileiro são caracterizados pela dicotomia entre o “*pensamento*” e a “*ação*”. As “*idéias*” são representativas de uma leitura da “*continuidade/permanência*”, caracterizada pela homogeneidade do pensamento dos “*intelectuais*”⁴². As “*ações*” representam a “*ruptura/mudança*”, as interferências populares. Esta divisão esquemática é praticamente, consensual entre os estudiosos que se dedicaram aos Oitocentos.

Os modelos de construção e análise histórica e os projetos de Brasil são caracterizados pela homogeneidade do pensamento da “*elite*”, *locus* da “*permanência das idéias*”, e giravam em torno do Imperador. Ou seja, “*as identidades conscientemente formuladas*”⁴³ são analisadas sob o espelho de uma “*(...) sociedade (...) rigidamente estratificada, hierárquica, discriminadora [e que] defende o status quo.*”⁴⁴

⁴² Termo que sofre variação de acordo com a formação do estudioso em questão. Os autores marxistas, como por exemplos, M. L. S. Guimarães (ver: *Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional*) preferem a designação de “*elite*”. Autores ligados a escola dos “*Annales*” utilizam o termo “*interpretes*”, como José Carlos Reis (ver: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*). Em Nilo Odália é recorrente o termo “*historiador*” (ver: *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*), já em Maria Isaura Pereira de Queiroz (ver: *Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil*) predomina o termo “*cientista social*”.

⁴³ Ver: QUEIRÓS, Maria Isaura P. *Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1 (1): 29-46, 1º sem. 1989.*

⁴⁴ IGLÉSIAS, Francisco. *Trajectoria Política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. pp.168. (1ª ed. 1993).

As “rupturas”, por sua vez, são representadas pelo “ciclo das chamadas sedições populares”⁴⁵ como, por exemplos: a Revolta do ano da Fumaça (Minas Gerais, 1833), a Abrilada (Pernambuco, 1833), a Revolta dos Malês (Bahia, 1835), a Balaiada (Maranhão, 1838/40), a Cabanagem (Pará, 1835/40), a Farroupilha (Rio Grande do Sul, 1835/45), a Sabinada (Bahia, 1837/38), a Revolução Liberal (Minas Gerais e São Paulo, 1842), a Revolução Praieira (Pernambuco, 1848/50), Revolta dos Migrantes (São Paulo, ?/1857). “*Em síntese, o importante nesses episódios é a manifestação do povo, levantando-se em defesa de melhor situação.*”⁴⁶.

Recentemente José Carlos Reis, na obra “*Identidades do Brasil*”⁴⁷, propôs o debate acerca das variabilidades das idéias na construção do conhecimento histórico. Analisando alguns marcos da nossa historiografia, o autor procurou localizar a “permanência” e a “mudança” das idéias na construção do conhecimento histórico brasileiro. Certamente essa é uma obra passível de críticas. No que concerne a Varnhagen, por exemplo, Reis baseou suas conclusões na leitura de Capistrano de Abreu⁴⁸. Não recorreu a fontes, nem mesmo a fonte por excelência dos críticos vargenianos, a “HGB”⁴⁹, é citada pelo autor enquanto fonte primária⁵⁰. Ainda assim, é

⁴⁵ IGLÉSIAS, Francisco. *Trajatória Política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. pp.163. (1ª ed. 1993).

⁴⁶ IGLÉSIAS, Francisco. *Trajatória Política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. pp.159. (1ª ed. 1993).

⁴⁷ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. 278 p.

⁴⁸ CAPISTRANO ABREU, J. Necrológio de Varnhagen & Sobre o Visconde de Porto Seguro. In.: *Ensaio e Estudos: crítica e história*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1975. (2ª ed.).

⁴⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/INL/MEC, 1975. 5 vol. (8ª ed.).

uma obra significativa por ter como problemática o estudo das “*rupturas*” das idéias do nosso fazer histórico.

Neste procuraremos explicitar que não há coesão no pensamento historiográfico oitocentista e que as idéias de Brasil e as concepções de história são fluidas. Há uma diversidade de projetos com propostas originais e contestadoras que foram emudecidas pelo projeto oficial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O espaço historiográfico brasileiro, compreendido entre os anos de 1839 a 1854/57, apresenta uma multifacetada concepção historiográfica com projetos de nação diferenciados. Muitas vezes esses projetos confundem-se criando uma falsa generalização e homogeneização das “*idéias*”, as quais são percebidas sob a ótica da “*permanência*”.

A singularidade do fazer histórico na primeira metade do século XIX reside na ausência da unicidade na forma de pensar, sistematizar e escrever a História, que têm por consequência diferentes e conflituosos projetos de Construção Histórica e de Identidade Nacional.

Julgamos, assim, que o pensar a história nos Oitocentos é resultante de diferentes fatores que quando analisados comparativamente alteram sensivelmente nossa apreensão do fazer histórico ao longo do Segundo Reinado.

⁵⁰ O trabalho com as fontes primárias é passível de críticas nos analistas vargenianos. Os críticos tendem, na maioria das vezes, a trabalhar com amostragem da “*História Geral do Brasil*”, isto é, elegend um ou dois tomos para elaborarem suas reflexões.

Neste período, as seguintes formas de apreensões historiográficas podem ser observadas: a de Varnhagen, a de João Francisco Lisboa⁵¹ e a do “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Não poderíamos deixar de mencionar que o pensamento historiográfico e, também, o projeto de nação de José Bonifácio de Andrade e Silva está presente nesse período.

Poderia ser alegado, que pelo fato dele ter falecido em 1838, não estivesse presente dentro do contexto. Entretanto, a permanência de José Bonifácio reside na negação do seu pensamento, continuou presente de forma contundente⁵² até meados de 1854-57. A resistência ao pensamento de Bonifácio permaneceu solidamente a mudança do período Regencial (1822 a 1840) para o Reinado de Pedro II.

As “*idéias*” de Bonifácio são tão definitivas na política e na historiografia nacional que curiosamente quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, ou seja, sob as luzes da República, a cadeira de número 22 que o homenageia é denominada “*Bonifácio, o moço*”⁵³. Donde se supõem que o pensamento

⁵¹ João Francisco Lisboa, 1812-1863, publicista e historiador brasileiro. Autor de “*Vida do Padre Antônio Vieira*”, “*Biografia de Manoel Odorico Mendes*”, “*Folhetins*” (1851-52), “*A questão da anistia*”, “*A questão do Prata*”, “*Jornal de Timon: apontamentos, notícias e observações para servirem à História do Maranhão*”, entre outros.

⁵² Embora discordamos de Rodrigues, ele explica a permanência do pensamento do “*patriarca da independência*” na historiografia Oitocentista: “*Era preciso dificultar o culto a José Bonifácio e a corrente política que defendia essa tese era agora reforçada pela historiografia oficial, aquela história escrita com punhos de ferro, inaugurada por Francisco Adolfo de Varnhagen, nos meados do século passado, com a sua História Geral do Brasil.*” (RODRIGUES, José Honório. *Vida e História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p.33.)

⁵³ CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras: trinta anos de discurso acadêmico (1897-1927)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson In.: Editora, 1945. 2ª ed. (Ver também: NEVES, Fernão. Patronos dos sócios efetivos. In.: *A academia brasileira de letras: notas e documentos para sua história (1896-1940)*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia, 1940. p. 159-171.

do autor no auge da sua maturidade intelectual contém elementos que os republicanos recusavam.

A natureza dos conflitos entre os intelectuais oitocentistas é de caráter teórico-metodológico, desdobrando-se em diferentes modos de escrita da história, concepções temporal, formas de governo etc. E acabam por revelar o contexto no qual se insere o pensamento vargeniano.

Varnhagen é um historiador à margem do jogo político-ideológico, jogo este que se materializou na utilização feita da História pela nossa elite oitocentista.

Poderíamos afirmar que nossa distinção é decorrente das conhecidas polêmicas de Varnhagen com os membros do Instituto como, por exemplo, a famosa questão indianista, as divergências de Varnhagen com João Francisco Lisboa, ou ainda a tão citada polêmica com o Sr. Abreu Lima. Certamente teríamos uma justificativa pertinente, mas também superficial, no sentido de não dar ao leitor a idéia dos “*porquês*” tais polêmicas originaram.

Nossa hipótese, como demonstraremos abaixo, é de que alguns fatores implicaram nestas divergências. Dentre as quais destacamos: a diferenciação do termo “*elite*” e, do termo “*intelectual*” dentro dos quadros do Brasil Oitocentista, diferentes influências teórico-metodológica.

3.1 – As elites Oitocentista: o IHGB e Varnhagen

As naturezas das divergências dos intelectuais oitocentista podem ser analisadas sob pontos de vistas múltiplos que, a semelhança de uma teia de aranha, estão inter-relacionados. Como o interesse desta pesquisa constitui-se na análise das teorias formuladas pelos cientistas sociais⁵⁴, optamos por conhecer as diferenças entre os principais arquitetos da identidade nacional, isto é, entre o IHGB e Varnhagen.

A construção do conhecimento historiográfico ao longo do oitocentos é percebida pelos nossos historiadores como elaboração da elite. A utilização do termo elite, no entanto, é utilizada de forma muito genérica, sem maiores especificações do seu significado no contexto nacional. E, em alguma medida, confusamente relacionado com o termo “*intelectual*”.

Por exemplo, em Manoel Guimarães, autor de “*Nação e civilização nos trópicos*”⁵⁵, o termo elite esta restrito à interpretação marxista, é utilizado de forma convencional: “*Um exame da lista dos 27 fundadores do IHGB nos fornece uma amostra significativa do perfil do intelectual atuante naquela instituição. A maioria deles desempenha funções no aparelho de Estado (...).*”⁵⁶ Ou ainda, “*O lugar privilegiado da produção historiográfica no Brasil permanecerá até um período*

⁵⁴ Ver: QUEIRÓS, Maria Isaura P. Identidade Cultural e Identidade Nacional. In.: *Tempo Social*. São Paulo: USP, 1 (1): 29-46, 1º sem. 1989.

⁵⁵ GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos Trópicos. O IHGB e o Projeto de uma História Nacional. In.: *Estudos Históricos*, nº 1. Rio de Janeiro: Vértice, 1988. p. 5-27.

⁵⁶ GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos Trópicos. O IHGB e o Projeto de uma História Nacional. In.: *Estudos Históricos*, nº 1. Rio de Janeiro: Vértice, 1988. pp. 9.

*bastante avançado do século XIX, vincado por uma profunda marca elitista (...).*⁵⁷ Em Guimarães, notamos ainda que os termos “*intelectual*” e “*elite*” são utilizados de forma a subtender uma relação de sinônimo. Apenas em uma rara passagem o autor faz uma brevíssima distinção entre os termos, mas não a desenvolve.

Ao nosso ver esta utilização generalizada do conceito de elite, acaba por esterilizar a diferenciação das percepções historiográficas constituídas ao longo do século XIX. Sendo assim, optamos por uma análise diferenciada.

Nosso ponto de partida foi perceber quem é “*elite*” no Instituto. Pelo motivo de se inter-relacionarem, os limites que distinguem a “*elite econômica*”, “*elite política*” e “*elite intelectual*” são muito frágeis à luz do século XIX. Para tanto, recorremos a clássica divisão proposta por Norberto Bobbio:

*“Definição de Elite. – Por teoria das Elites ou elitistas – de onde também o nome elitismo – se entende a teoria segundo a qual, em toda a sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada. Uma vez que, entre todas as formas de poder (entre aquelas que, socialmente ou estrategicamente, são mais importantes estão o poder econômico, o poder ideológico e o poder político), a teoria das Elites nasceu e desenvolveu por uma especial relação com o estudo das Elites políticas, ela pode ser redefinida como a teoria segundo a qual, em cada sociedade, o poder político pertence sempre a um restrito círculo de pessoas: o poder de tomar e impor decisões válidas para todos os membros do grupo, mesmo que tenha de recorrer à força, em última instância”*⁵⁸.

Sendo as “*identidades conscientemente formuladas*”, no século XIX, uma construção da “*elite*” a distinção das subdivisões deste conceito fez-se necessária

⁵⁷ GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos Trópicos. O IHGB e o Projeto de uma História Nacional. In.: Estudos Históricos, nº 1. Rio de Janeiro: Vértice, 1988. pp. 5.

⁵⁸ BOBBIO, Norberto. Elites, Teoria das. In.: BOBBIO, N.; MATTEUCI, N. & PASQUINO, G. Dicionário de Política. Brasília: Unb, 1986. (2ª ed.). pp. 385.

pelo motivo desta diferenciação ser uma das causas de divergências entre o IHGB e Varnhagen.

O trabalho de Lilia K. Moritz Schwarcz⁵⁹, *“Os guardiões da nossa historiografia oficial: os institutos histórico e geográficos brasileiros”*⁶⁰, é revelador das subdivisões do “*poder*” que atuam internamente no Instituto. E que, conseqüentemente tem implicações no projeto nacional e composição histórica do século XIX. Observando a composição dos fundadores do Instituto, a autora chega à seguinte conclusão:

*“O recém fundado estabelecimento (...) possuía uma composição interna inicial bastante reveladora de uma das fortes características do Instituto, que se manteria durante toda a sua vigência, qual seja, um tipo de recrutamento que se dava antes pelas relações sociais do que pela produção intelectual. O estabelecimento escapava, portanto, às regras próprias do mundo acadêmico (...).”*⁶¹

Para Schwarcz “a vinculação e o papel central do Estado no círculo ilustrado Imperial” é definidora do perfil do intelectual ihgbiano, posto que “(...) analisando o perfil dos 27 sócios fundadores nota-se que, entre esses, 22 ocupavam

⁵⁹ SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In.: *Os guardiões da nossa historiografia oficial: os institutos históricos e geográficos brasileiros*. São Paulo: IPESP, 1989. p. 4 – 67.

⁶⁰ Muito embora, a obra *“Os guardiões da nossa historiografia oficial”* seja original e significativa por estudar as relações de poder dentro do IHGB, a autora incorre em alguns erros que comprometem sua obra. Relevando o fato de Varnhagen não ser o seu objeto de estudo, chamamos atenção para alguns equívocos cometidos por desconhecimento da biografia do autor, que é recorrente mesmo nos críticos vargenianos (embora nesses seja pouco prudente). Como, por exemplo, ter se referido a Varnhagen como Visconde de Porto Alegre (aspecto observável na pág. 14). Varnhagen, como se sabe, foi condecorado pelo Imperador D. Pedro II, em 14 de agosto de 1872, com o título de Barão de Porto Seguro e elevado a Visconde de Porto Seguro por decreto em 16 de maio de 1874. Uma segunda crítica a Schwarcz no que diz respeito a Varnhagen reside no fato de repetir-se na leitura ‘tradicional’ do pensamento do autor, quando sua pesquisa ofereceu elementos para que fosse além do senso comum. Schwarcz igualmente equivocou-se quando afirma ser os anos de 1852 e 1855 os anos de nascimento e morte, respectivamente, de Joaquim Manoel de Macedo (ver pág. 15). Quando as datas corretas são 1820 e 1882. Curiosamente, se a permanência dos “*punhos de ferro*”, tão repetidos pelos críticos vargenianos, fosse definitiva em nossa historiografia, a autora não incorreria em tais deslizes.

⁶¹ SCHWARCZ. *op. cit.* p. 7.

posições de destaque no interior da hierarquia interna do Estado."⁶² Além deste perfil, Schwarcz conclui que a composição interna do membros do Instituto era formada por políticos e proprietários de terra, *"que eram a maior parte dos seus sócios"*⁶³.

Aprofundando a análise da hierarquia ihgebiana, Schwarcz demonstra que as estruturas de poder eram definidas *'a priori'* de forma bastante rígida. Como uma *'sociedade estamental da intelectualidade'*, reflexo da percepção que o Instituto e seus membros tinham da organização da sociedade na qual viviam:

*"A começar pelos sócios, observam-se as seguintes subdivisões de classes: 1) efetivos, para os quais era exigida residência na Capital Federal e apresentação de trabalho sobre a história, geografia ou etnografia do Brasil, abonando a capacidade literária do autor; 2) correspondentes, para quem era requerida ou a mesma condição de idoneidade intelectual dos primeiros ou a oferta de 'um presente de valor' que se destinasse ao museu do Instituto; 3) honorários, que teriam como condição, além de 'idade provecta', seu consumado saber e distinta representação; 4) benemérito, os sócios efetivos que por serviços relevantes tornar-se-iam merecedores de tal distinção, ou pessoas que teriam feito doações de importância superior a 2:000\$ em dinheiro ou outros objetos de valor; 5) por fim o título de presidente honorário, só conferido ao chefe de Estado e aos chefes de outras nações."*⁶⁴

Considerando que a posição de presidente honorário pertencia ao Imperador e *"a de presidente era exclusivamente ocupada por políticos respeitados e consensualmente reconhecidos"*⁶⁵, as funções que permitiam a entrada no templo do saber histórico tupiniquim por méritos intelectuais eram muito restritas. Resumem-se na de secretário e orador:

⁶² SCHWARCZ, *op. cit.* p. 7.

⁶³ *Idem. ibidem.* p. 10.

⁶⁴ *Idem. ibidem.* p. 10.

⁶⁵ *Idem. ibidem.* p. 11.

“Os intelectuais que adentravam o Instituto por seus méritos acadêmicos concentravam-se, por sua vez, como secretários ou oradores. Cabe notar ainda que enquanto os presidentes cumpriam papéis em geral basicamente figurativos – abrindo sessões ou lendo atas previamente elaboradas – aos secretários cabiam funções bem mais trabalhosas, na medida em que lhe eram parcial ou totalmente atribuídas praticamente todas as atividades do Instituto.”⁶⁶

A cúpula dirigente do Instituto era composta pelo grupo social que centralizava as principais formas de poder: o econômico, o ideológico e o político. Os critérios de admissão e a análise da composição hierárquica dos membros do Instituto são reveladores, no sentido de demonstrar que o pensamento norteador do Instituto é definido a priori não possibilitando variações: *“quem dá forma e conteúdo aos institutos são as distintas elites provinciais”⁶⁷.*

As idéias estão, invariavelmente, subordinadas ao projeto de Brasil defendido pela *“elite”*, sendo o Instituto o veículo da ideologia da classe dominante:

“ (...) o IHGB procurará aparecer perante o cenário interno e mesmo externo não apenas como um estabelecimento carioca, mas antes de mais nada enquanto uma fala oficial em meio a outros discursos apenas parciais.”⁶⁸

As formas de pensamento, as propostas políticas e historiográficas que questionassem os interesses ihgbianos, os discursos parciais, eram repelidas.

A *“idoneidade intelectual”* foi a brecha que permitiu a Varnhagen tornar-se membro do Instituto. Quando em 1839 publica suas *“Reflexões críticas a obra*

⁶⁶ *Idem. ibidem.* p. 11.

⁶⁷ *Idem. ibidem.* p. 5.

⁶⁸ *Idem. ibidem.* p. 8.

de Gabriel Soares”⁶⁹ tornou-se inviável para o Instituto ignorar a presença intelectual do sócio efetivo da “*Academia Real de Lisboa*”.

A brecha da “*idoneidade intelectual*” permitiu que Varnhagen desempenhasse as duas outras funções do Instituto que não exigiam ‘dote’: a de primeiro secretário e orador. A função de secretário desempenhou durante quase um ano, sendo eleito em 23 de maio de 1851. A de orador desempenhou esporadicamente, em algumas reuniões do Instituto.

A despeito de sua produção e atuação no Instituto, como dissemos foi 1º secretário (ver acima funções deste cargo), é nítido o lugar de Varnhagen no Instituto. Ele foi apenas o sócio correspondente, ou Francisco Adolfo de Varnhagen, isto é, sendo tratado apenas pelo nome ou função. Nenhum pronome de tratamento fora acrescentado a seu nome até 1857. O corriqueiro ‘Senhor’ foi definitivamente acrescentado, antecedendo seu nome, apenas em meados de 70, ou seja, após à publicação do “*Manifesto do Partido Republicano de São Paulo*”.

Varnhagen tinha consciência de sua situação marginal na sociedade brasileira e, supomos, das implicações desta com sua obra. Encontramos em sua correspondência solicitação formal de reconhecimento social ao Imperador:

“Como n’um pedido vocal, e à Magestade, é difficil formular muitas razões, o Supplicante crê dever apresentar uma resumida allegação do que tem feito em prol do paiz, depois que S. M. I. Houve por

⁶⁹ VARNHAGEN, F. A de. *Reflexões criticas a obra de Gabriel Soares*. In.: *Rev. do IHGB*, Tomo I, 1839.

*bem contemplar a applicação do Supplicante condecorando-o com o hábito de Christo.*⁷⁰

Vaidoso? Talvez sim. No entanto, não fora movido apenas pelo sentimento de vaidade que se auto-elogiava como supôs Hélio Vianna:

*“Vaidoso, a ponto de elogiar-se em relatórios anônimos, conhecia seus méritos, e, por isso, não tinha dúvidas em lembrar que fosse oficialmente adotada ou premiada sua História Geral do Brasil (...).”*⁷¹

Não nos é possível ignorar que a escrita da história e o poder são indissociáveis durante o reinado de Pedro II.

Temos, assim, dois distintos grupos que correspondem a “*elite*” oitocentista. De um lado a alta hierarquia do Instituto, os ‘historiadores’ da “*elite*”, que coaduna as vertentes do poder Oitocentista: os proprietários de terras e escravos, os políticos, representantes da nobreza, do clero, militares, isto é, a classe que defendia o mesmo projeto político e historiográfico “*desempenhando funções no aparelho de Estado*”.⁷² Nesse sentido, a função do Instituto na sociedade brasileira de inícios do XIX remete a relação poder/ideologia althusseriana: “*nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado*”.⁷³ O Instituto exerceu eximamente esta

⁷⁰LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.166 (Ao Imperador D. Pedro II, sem assinatura e data. Lessa supõe ser posterior a Novembro de 1851).

⁷¹VIANNA, Hélio. Correspondência do Visconde de Porto Seguro. In.: *Rev. do IHGB*, jan./mar. 1967, n° 274, p. 234 (publicado também, no *Jornal do Comércio* de 2 de julho de 1961).

⁷²GUIMARÃES, M. L. S. Nação e Civilização nos trópicos. In.: *Estudos Históricos*, 1988, v. 1. p. 9.

⁷³ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença, [s/d]. p. 49.

hegemonia. De outro, a “*elite*” meramente intelectual que não gozava de prestígio político, social e econômico, cujo único representante historiador é Varnhagen⁷⁴.

Poderia ser argumentado que os literatos que compunham o Instituto foram aceitos, assim como Varnhagen, pelo critério da “*idoneidade intelectual*”, como, por exemplo, Gonçalves Magalhães⁷⁵, Gonçalves Dias⁷⁶ e Joaquim Manoel de Macedo⁷⁷. No entanto, nestes a “*idoneidade intelectual*” foi amplamente reconhecida pela “*intelligenza*”⁷⁸ ihgebiana, não estava desassociada do poder. Os literatos tiveram amplo reconhecimento social da ‘nobreza’ e participação efetiva na política imperial. Estes, inclusive, foram professores do mais importante veículo de divulgação da história ‘aceita’ pelo IHGB: o famoso Colégio Pedro II⁷⁹.

Gonçalves Magalhães foi agraciado com título de nobreza, tornando-se o Barão de Araguaia, 1859, e, posteriormente, elevado a Visconde. Macedo atuou

⁷⁴ Os títulos de nobreza ambicionados por Varnhagen materializaram-se apenas no final da sua vida, seis anos antes do seu falecimento, quando não mais julgava recebê-los. Foi condecorado pelo Imperador D. Pedro II, em 14 de agosto de 1872, com o título de Barão de Porto Seguro e, elevado a Visconde de Porto Seguro por decreto em 16 de maio de 1874. Faleceu em 1878.

⁷⁵ Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia), 1811-1882, poeta e autor dramático. Obras representativas: “*Supiros poéticos e saudades*” (1836/Paris), “*Antonio José ou O Poeta e a Inquisição*” (drama, 1839), “*A Confederação dos Tamoios*” (poema épico, 1857), “*Fatos do espírito humano*” (ensaio filosófico, 1858), além de outras.

⁷⁶ “*Antonio Gonçalves Dias (1823-1864), um dos mais importantes poetas do Romantismo brasileiro. É autor da famosa “Canção do Exílio”*” (MACHADO DE ASSIS, José. *Instinto de Nacionalidade*. In.: *Instinto de Nacionalidade & outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Alegre, 1999. pp. 9). Outras obras: “*Primeiros Cantos*”, “*Segundos Cantos*”, “*Os Timbiras*”, “*D. Leonor de Mendonça*” (drama), “*Dicionário da Língua Tupy*”, “*Vocabulário da Língua Geral*”, e outras.

⁷⁷ Joaquim José de Macedo, 1820-1882, romancista. Obras representativas: “*A Moreninha*” (1844), “*O moço loiro*” (1845), “*Rosa*”, “*Memórias da Rua do Ouvidor*”, “*O Fantasma*”, “*Corografia do Brasil*”, “*A Nebulosa*”.

⁷⁸ “*Traduzido para as principais línguas européias, este termo indicou, inicialmente, um grupo social particular, típico da Rússia czarista e de alguns países eslavos; mas logo se generalizou para designar a classe culta, a categoria das pessoas que têm, em todas as sociedades, uma instrução superior.*” (CAVALLI, Alessandro. *Intelectuais*. In.: BOBBIO, N.; MATTEUCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Brasília: Unb, 1986. (2ª ed.). pp. 637.

⁷⁹ Não conseguimos saber se a “*História Geral do Brasil*” chegou a ser adotada no Colégio Pedro II.

como representante político da escola liberal, sendo deputado provincial em várias legislaturas e deputado geral no Rio de Janeiro:

“(...) 1845 ano em que aceitaria o cargo de professor no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde passaria a ter contato direto com poetas como Gonçalves Dias e Gonçalves Magalhães, os quais o aproximaria de questões sociais que o fariam engrenar, posteriormente, na vida política.”⁸⁰

Ainda que pertinente à colocação de Guimarães ao caracterizar o “intelectual” como pertencente ao “*domínio de um saber específico [que] parece neste caso estar intimamente ligado à viabilização de um certo poder em vias de definição*”⁸¹, visto que o significado do vocábulo ‘intelectual’ presente no “*Diccionario da lingua portuguesa*”⁸², de Antonio de Moraes Silva, amplamente utilizado por Varnhagen, não faz alusão da implícita relação de poder subtendida no termo (não sofrendo maiores alterações se comparado com a atual definição presente no “Dicionário Aurélio”⁸³):

“*Intellectuál*, adj. 2 g. (do Lat. intellectualis) Do entendimento, concernente a elle: v. g. operações intellectuaes: espirito intellectual; i. é, intelligente: ‘os homens dotados de um espirito intellectual, e immotal’ Mart. Cat. 321.

Intellectulidáde, s. f. (do Lat. intellectualitas) *Qualidade de ser intelectual.*

⁸⁰ OLIVEIRA, Flávio de. O moço loiro: Joaquim Manoel de Macedo. In.: Biblioteca Virtual/Acervo Digital/Romance Brasileiro. Site: *Biblioteca Nacional*. (Conferir modo de expor referência digital).

⁸¹ SALGADO, M. L. Nação e Civilização nos trópicos. In.: *Estudos Históricos*, 1988, v. 1. p.15.

⁸² MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da lingua portuguesa*. Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves, 1878. 7ª ed. 2 v. (melhorada, e muito acrescentada com grade número de termos novos usados no Brazil e no Portuguez da Índia).

⁸³ AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA. *Dicionário Aurélio básico da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 365.

* *Intellectualizár*, v. a. Elevar á ordem das cousas intellectuaes.”⁸⁴

Fazendo um paralelo com a colocação de Bobbio, de que “*uma coisa é delimitar a área na qual é correto usar o termo ‘intelectual’ (...) outra coisa é acrescentar qual deva ser sua função na sociedade segundo este ou aquele ponto de vista.*”⁸⁵, com o Brasil Oitocentista, é evidente a relação poder e intelectual. Varnhagen não era reconhecido pelos produtores “oficiais” do conhecimento e, conseqüentemente, para a sociedade.

Os idealizadores do “*golpe da maioria*” são os críticos por excelência da “Teoria Política e Histórica” de Varnhagen, e, também, os estigmatizadores do consenso, que ainda perdura, pernicioso acerca do pensamento vargeniano.

O pensamento político e histórico de Varnhagen representaram a vanguarda da primeira metade dos Oitocentos, que colocava em risco os alicerces e a homogeneidade do poder da “*elite*” ihgebiana. Por este motivo Varnhagen foi recusado por seus contemporâneos “*historiadores*”. Assim como, foi recusado pelos herdeiros do “*golpe da maioria*”, isto é, a mesma “*elite*” que deixou o povo “*bestializado*” com a implantação da República. O pensamento de Varnhagen e suas idéias foram colocados à margem da “*história oficial*”. E, pacientemente, a “*memória*” encarregou-se de silenciá-lo.

⁸⁴ Idem, *ibidem*. p 180

⁸⁵ BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: duvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997. p. 13.

Duplamente recusado: socialmente e profissionalmente. Hélio Vianna observou que nem mesmo após a publicação da “*IHGB*”, dedicada ao Imperador, foi condecorado: “*Até para ele próprio desde 1854 nitidamente pediu um título nobiliárquico, talvez por esse motivo só o obtendo em 1872, quando já não o esperava ...*”⁸⁶

Ao contrário do que Vianna expõe, não foi o impulso de um pai rigoroso que impediu o Imperador de condecorar Varnhagen e sim, a coerente proposta de seu governo. Não seria lícito reconhecer oficialmente um crítico impertinente do seu governo.

Se foi somente a partir de 1872 que teve de ser ‘digerido’, por causa da titulação de Barão de Porto Seguro, e Visconde de Porto Seguro em 1874, este reconhecimento social deve-se ao fato da “*elite*” acuada com a expressividade do movimento republicano necessitar de forças que pudessem engrossar o seu discurso. O monarquista Varnhagen serviu impecavelmente ao último recurso dos fidalgos dos trópicos de tentar manter o regime.

A caleidoscópia formas de pensar o conhecimento histórico e os diferentes projetos de construção de identidade nacional do nosso século XIX é marcada pela presença onipotente da “*inttellighenzia*” ihgebiana. Se aceito um determinado pensamento, ele permanece na História, caso contrário, é repugnado veementemente.

⁸⁶VIANNA, Hélio. Correspondência do Visconde de Porto Seguro. In.: *Rev. do IHGB*, jan./mar. 1967, nº 274, p. 233 (publicado também, no *Jornal do Comércio* de 2 de julho de 1961).

Há nitidamente entre os críticos historiográficos, principalmente os vargenianos dificuldade em reconhecer as diferenças e fazer as devidas distinções entre as justificativas pertinentes a um e outro grupo, Varnhagen e o Instituto. Ironicamente, como Varnhagen foi o único interlocutor contemporâneo ao Instituto que se dispôs a questioná-lo, seu pensamento é, em boa medida, confundido com o dele, sendo, em diversos momentos, responsabilizado pelos motivos de seus debatedores, em detrimento de seu pensamento e benefício dos seus “colegas”.

IV - “... e por fim a crítica⁸⁷”

“Para todo escritor de grande obra ou pessoa de fecunda presença histórica, correm sempre certos juízos que se fazem comuns. Para Varnhagen é o da ausência do bom gosto, e, pois de sua capacidade crítica. Mesmo seu dedicado biógrafo, no admirável trabalho que está em vários volumes de vossos Anais, não foge ao conceito tradicional firmado. Ora, quanto a mim, isso me parece um erro. Será inútil repetir que Varnhagen é um historiador preso aos fatos e documentos, orais ou escritos.”⁸⁸

Em 1839 inicia-se o estudo sistemático da crítica historiográfica no Brasil, o “*mais difícil e mais refinado*”⁸⁹ trabalho de compreensão e síntese histórica. A pedra fundamental desta “modalidade” do conhecimento historiográfico brasileiro foi à obra “*Reflexões críticas sobre o escrito do século XIV*”⁹⁰ do, então recém-formado, engenheiro militar Francisco Adolfo de Varnhagen.

A importância dessa obra como marco fundador do trabalho de crítica historiográfica no Brasil foi assim avaliada por José Honório Rodrigues:

“Passando aos exemplos da historiografia e da literatura brasileira (...) notamos que um dos exemplos mais ilustrativos da prática da crítica histórica no Brasil é o de Varnhagen, em suas Reflexões críticas sobre o escrito do século XIV (sic) impresso com o título de Notícias do Brasil. Essa obra marca uma época na historiografia brasileira. Com ela não é só a crítica de atribuição que nasce, mas também, pode-se dizer, a prática das regras da crítica histórica em geral, da crítica de documentos e da crítica de textos. Só muito mais tarde Capistrano de Abreu e seus

⁸⁷LESSA, Clado Ribeiro de (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.217. (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 12 de Janeiro de 1855).

⁸⁸MOREIRA, Thiers Martins. Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira. In.: *Rev. do IHGB*, abr./jun. 1967, n° 275, p. 168.

⁸⁹RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1978. p. 419. 4. ed.

⁹⁰VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *Reflexões críticas sobre o escrito do século XIV (sic), impresso com o título de Notícias do Brasil no tomo 3.º da Coleção de Not. Ultr. acompanhadas de interessantes notícias bibliográficas e importantes investigações históricas*. Lisboa: Tip. da mesma academia, 1839.

discípulos levarão ao extremo rigor as regras e os princípios iniciados por Varnhagen na historiografia brasileira."⁹¹

A despeito desses 162 anos da “fundação” da história da historiografia, ainda não conseguimos consolidar uma tradição de estudos nesta área de conhecimento. Esse ‘descuido’ dificulta a sistematização do conhecimento de nosso processo histórico, gerando lacunas e diversos anacronismo historiográficos.

O professor Nilo Odália, avaliando nossa produção neste campo, conclui que “*de maneira geral, nossos historiadores ostentam uma visível negligência em relação ao que lhes antecede como produção historiográfica.*”⁹² Odália complementa sua argumentação afirmando:

*“... o conhecimento histórico brasileiro sofre do mal de Sísifo, está sempre num processo infindo de reconstituição. O novo historiador assume sempre a postura de que tudo começa com ele. Falta-nos, sem dúvida, uma história da historiografia, que poderia servir como uma ponte de ligação entre o que se faz e o que se fez. Infelizmente, os trabalhos já realizados não chegam a suprir tais lacunas, porque antes de mais nada são ou o estudo de um único historiador, ou ensaios que muitas vezes apenas afloram a problemática de uma história da historiografia.”*⁹³

Ironicamente a maior vítima desse quadro de ignorância da história da historiografia é justamente seu fundador. Varnhagen é o mais célebre e controvertido representante do “*mal de Sísifo*” de nosso conhecimento historiográfico.

⁹¹RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1978. p. 353. 4. ed. (o grifo é nosso).

⁹²ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 11.

⁹³*Idem, ibidem*. p. 11.

Não que não tenha encontrado interlocutores; pelo contrário, como observa Iglésias, “*munca lhe faltaram críticas*”⁹⁴. Aliás, poucos historiadores brasileiros conheceram críticos de áreas do conhecimento tão diversificadas quanto o sorocabano e causaram tanta polêmica, indignação, respeito e reconhecimento internacional.

A relação entre Varnhagen e seus críticos é extremamente conturbada, diríamos passional. Ironicamente a objetividade crítica, marca do pensamento do autor, jamais foi o recurso de análise utilizada por seus interlocutores e leitores. Para nós os leitores vargenianos estão divididos pela ideologia política, isto é, a Monarquia e a República são os marcos delimitadores dos leitores vargenianos (desenvolveremos apropriadamente esta argumentação).

Observamos que a análise da obra vargeniana tem por característica o movimento dialético de recusa e permanência. Historiograficamente há uma tradição de crítica e recusa do pensamento do autor sendo que a permanência é inegável. Isto é, a teoria historiográfica e “*as idéias*” do autor continuam sendo veementemente combatidas. Por outro lado, as temáticas por ele desenvolvidas estão presentes nos debates acadêmicos, assim como a metodologia se faz presente em alguns momentos.

Notadamente o autor se faz presente nas temáticas desenvolvidas por seus sucessores. A permanência de temáticas vargenianas, ao longo da escrita da história do Brasil, provém de leituras amadurecidas de temáticas propostas pelo autor:

⁹⁴IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 92. (Acerca da permanência de temáticas desenvolvidas por Varnhagen na historiografia, ver também Wehling.)

“... o que nos importa aqui, ao traçar de maneira genérica um quadro da historiografia brasileira de Sílvio Romero a Oliveira Vianna e Gilberto Freyre é a intenção de pôr em relevo que os temas por eles tratados, mais sofisticadamente, já haviam sido apresentados por Varnhagen”⁹⁵.

O que ocorre é que tanto Romero, quanto Oliveira Vianna e Freyre, assim como Euclides da Cunha, Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda ... são leitores de Capistrano de Abreu e este, por sua vez, o leitor de Varnhagen.

O autor do “*Necrolégio*”, leitor crítico (!?) e discípulo não confesso de Varnhagen, foi o dissimulador, e dissimulador, das temáticas varnagianas.

Para Odália, Capistrano de Abreu “*é uma figura isolada, que conseguiu dar contornos precisos a uma concepção da história brasileira centrada exclusivamente, numa visão indianista de nossa sociedade.*”⁹⁶ Para este historiador, Capistrano, assim como Michelet, elaborou uma visão da história tão coerente que comportava apenas um discípulo, ele próprio.

No entanto, o que não foi argumentado é que Capistrano obstinadamente ao longo de sua vida foi obcecado pelo historiador sorocabano e que a “coerência” da sua perspectiva histórica deve-se ao fato de não ter tido condições de dar continuidade ao pensamento de Varnhagen nem, tampouco, de romper com o autor. Sua perspectiva historiográfica ficou irremediavelmente acorrentada à Varnhagen. A “*visão indianista de nossa sociedade*”, proposta por Capistrano, é simplesmente uma resposta à teoria de miscigenação de Varnhagen.

⁹⁵ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 24.

⁹⁶ *Idem, ibidem*. p. 14.

José Honório Rodrigues, por sua vez, ressalta que a contribuição de Capistrano deve-se ao fato de direcionar a historiografia para o interior do Brasil:

“É especialmente com Capistrano de Abreu que se inicia a historiografia nova, expressão do Brasil novo, pois ao escrever os Caminhos antigos e o povoamento do Brasil (1899), tema colonial ainda, ele rejeita a ênfase sobre as origens européias e as relações européias. Seu tema é inteiramente o nacional, pois convidava os historiadores brasileiros a não centralizar o seu interesse nas comunidades do litoral, mas no interior, no próprio Brasil arcaico, é verdade, mas nas origens autônomas do Brasil novo: as minas, as bandeiras, os caminhos.”⁹⁷

Ora, mesmo tendo sido o leitor mais simpático à Varnhagen, Rodrigues equivoca-se completamente. A temática da interiorização do Brasil e “a influência dos fatores da geografia física na ocupação do solo⁹⁸” estão presentes em toda a obra do autor. O sertão é o núcleo do pensamento vargeniano.

Antes mesmo da sua primeira estada ao Brasil, depois de mudar para Europa com a família, vemos na correspondência do autor o fascínio que o interior do Brasil nele exercia. Em carta ao amigo Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, o desejo de adentrar o sertão:

“Agora ao escrever a data me recordo que faz hoje annos que Pedr’Alvares se despediu das terras de Santa Cruz, que brevemente irei ver, pois infalivelmente partirei na semana que vem. Prometto de me não esquecer de escrever pelo menos uma carta a V. S^a, o que será talvez do Sertão virgem (...).”⁹⁹

⁹⁷ RODRIGUES, José Honório. Os problemas da história e as tarefas do historiador. In.: *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1978. p. 34.

⁹⁸ CANABRAVA, A. P. Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. In.: *Rev. de História*, São Paulo, out./dez. 1971, nº 88, vol. XLIII. p. 422.

⁹⁹ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 49. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, 2 de Maio de 1840).

O sertão é definidor no pensamento de Varnhagen, supomos que existe uma relação que se configurou de forma teórica. Isto é, antes de 1840 a influência da escola romântica prevalece no autor; após a busca do sertão, a observação empírica¹⁰⁰, predomina no pensamento historiográfico do autor a escola científicista. O sertão provoca uma ruptura teórica no autor:

*“Agregando-se a um grupo de viajantes podia-se fazer o trajeto com um pouco mais de segurança, senão de conforto, e foi esse o alvitre que tomou o jovem estudioso. A vista e o contato com a mata virgem americana serão sempre impressionantes e arrebatadores para quem não estiver habituado a contempla-la. Não pode ficar insensível o próprio temperamento fleumático e pouco capaz a entusiasmos do repatriado, e o testemunho da profunda emoção experimentada veio a dá-lo numa das poucas páginas de intensa vibratidade que produziu. No **O Panorama de 10 de julho de 1841, sob o título A Picada do mato virgem (Fragmentos de uma viagem pelo sertão)**, se estampam as impressões de Varnhagen. Essa viagem pelo interior teve ainda efeitos mais duráveis. Um de seus episódios, muitos anos depois narrado pelo historiador, foi que lhe provocou, pelo abalo produzido no espírito, a mudança radical na maneira, até então puramente romântica, com que encarava a questão dos índios selvalgens e de sua catequese.”¹⁰¹*

Ressaltamos, também, que as temáticas: sertanejo e bandeirante são essencialmente vargeniana. Há uma rivalidade bairrista entre Varnhagen e os membros do Instituto, entre o paulista de Sorocaba e a Instituição carioca, entre a historiografia sertaneja de Varnhagen e a litorânea do IHGB. Há indícios, que precisarão ser comprovados com o estudo comparativo entre Varnhagen e o IHGB, de que os membros do Instituto são essencialmente intelectuais de gabinete, em Varnhagen a comprovação empírica, através das viagens, seria o diferencial:

¹⁰⁰ O termo é adequado, posto que pertencente ao vocabulário vargeniano.

¹⁰¹ LESSA, Clado. Vida e obra de Varnhagen. In.: *Rev. do IHGB*, abr./jun. 1954, nº 223, p. 120.

*“Assim vou reunindo e colleccionando as informações, que por ordem da corte davam por escripto no principio do século passado os nossos sertanejos, que descobriram as Minas Geraes, o Cuiabá, e Mato Grosso. (...). Esta colleção de roteiros será além d’isso um monumento à minha Província pela distincta parte que n’essas excursões tiverram os nossos ousados Paulistas.”*¹⁰²

Ao ressaltar o bandeirante, o sertanejo, o interior do Brasil, o sertão, o sr. Visconde estava propondo a diversificação temática e geográfica. Esta diversificação implicava fatores que iriam redirecionar o modelo Oitocentista de Brasil como, por exemplo, a economia. O Brasil, o homem brasileiro, o ideal de nação ... estão, em Varnhagen, intrinsecamente relacionados com a interiorização do Brasil:

*“Qual dará mais garantia de futuras feições nacionaes, uma cidade no coração do Estado, ou outra marítima sempre desnacionalisada pelo continuo apparecimento de vasos com bandeiras differentes e pronuncia de linguas estrangeiras? – Onde haverá mais especialidade de um caracter próprio, nos campos e matos sem iguaes, ou ao pé da água salgada que vai lamber as praias de todo o mundo? – No sertanejo de ponche e bota mineira, ou no dandy vestido á inglesa, e penteado e perfumado á franceza? De mais em regra qualquer Estado, quando não for primeira potencia marítima, tem mais seguras e livres as cidades do sertão, do que as marítimas, de insultos e provocações estrangeiras A introduccão dos caminhos de ferro e o tempo decidirão mesmo se não convirá e muito que o Rio de Janeiro, conservando, como é impossivel que não conserve para sempre, o empório do commercio, ceda por vantagem sua e do império que a capital... Mas nada de nos mettermos em questões que não terão de certo escapado á meditação dos homens d’Estado, e que nem são para aqui, nem da nossa competência.”*¹⁰³

¹⁰² LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 92/3. (Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não tem data o original, é do ano de 1843).

¹⁰³ VARNHAGEN, F. A de. *Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc.*: Fr. José de Santa Rita Durão. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, vol. VIII (2): 276-77. 1846.

Historiograficamente a renovação das temáticas nacionais supostamente propostas por Capistrano de Abreu, pertencem ao pensamento de Varnhagen.

Aliás, nossa pesquisa tem confirmado que a presença de Varnhagen é determinante no Brasil contemporâneo. Por exemplo, o atual território do Distrito Federal, a cidade de Brasília construída no governo de JK, é a consolidação de uma proposta do nosso autor, sob influência de Hipólito José da Costa¹⁰⁴ :

“O Rio de Janeiro (dizia o Correio Brasiliense) não possui nenhuma das qualidades que se requerem na cidade que se destina a ser capital do império do Brasil; e se os cortesãos que para ali se foram de Lisboa, tivessem assaz patriotismo e agradecimento pelo país que os acolheu, nos tempos de seus trabalhos, fariam um generoso sacrificio das comodidades, e tal qual luxo, que podiam gozar no Rio de Janeiro, e se iriam estabelecer em um país do interior; central, e immediato às cabeceiras dos grandes rios, edificariam ali uma nova cidade, começariam por abrir estradas, que se dirigissem a todos os portos de mar, removeriam os obstáculos naturais que têm os diferentes rios navegáveis, e lançariam assim os fundamentos ao mais extenso, ligado, bem defendido e poderoso império, que é possível que exista na superficie do globo, no estado atual das nações que o povoam. Este ponto central se acha nas cabeceiras do famoso Rio São Francisco. Em suas vizinhanças estão as vertentes de caudalosos rios, que se dirigem ao norte, ao sul, ao nordeste e ao sueste, vastas campinas para criação de gados, pedra em abundancia para toda sorte de edificios, madeiras de construção para todo o necessário, e minas riquíssimas de todas as qualidades de metais; em uma palavra, uma situação que se pode comparar com a descrição que temos do paraíso terreal. Desprezou-se tudo isto, pela cidade do Rio de Janeiro porque ali havia algumas casas de habitação, comodidades para que algumas pessoas andassem em carruagens, um mesquinho teatro... para o divertimento dos cortesões; em uma palavra, porque se evitava assim o trabalho de se criar uma cidade de novo, e incômodos inerentes a novos estabelecimentos; e por estas miseráveis considerações se roubou a S.A.R. o príncipe regente a gloria incomparável de sr o fundador de uma cidade a que afixaria o seu nome, fazendo-se imortal na criação de uma vasta monarquia. Não nos demorem com as objeções que há contra a cidade do Rio de Janeiro; aliás mui

¹⁰⁴ Ver: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo V. p. 235.

*própria para o comércio, e a outros fins; mas sumamente inadequada para ser a capital do Brasil: basta lembrar que está a um canto do território do Brasil, que a sua comunicação com o Pará e outros pontos daquele Estado é de imensa dificuldade, e que sendo um porto de mar, está o governo ali sempre sujeito a uma invasão inimiga de qualquer potência marítima. Quanto às dificuldades da criação de uma nova capital, estamos convencidos de que todas elas não são mais do que meros subterfúgios'.*¹⁰⁵

Por fim, analisamos que a permanência de Varnhagen é inquestionável na historiografia brasileira, e em certo sentido fazemos nossas a seguinte afirmação do historiador mineiro Francisco Iglésias:

*“Se o texto de Varnhagen subsiste, por ser um marco de valor permanente, é também pelo oficialismo da cátedra e de instituições que não se renovam. Essa permanência tem sua razão de ser, não só pelo valor da obra como pela preguiça de quantos dominam a cena (...).”*¹⁰⁶

A despeito da grande maioria dos seus leitores, Varnhagen permanece por méritos inquestionáveis de sua obra e de seu pensamento historiográfico. Foi ao seu tempo vanguarda e continua, ainda hoje, atual e pertinente.

Notoriamente o processo de análise e sistematização da produção historiográfica não pode ser desassociado da determinação temporal. Conforme afirma Rodrigues, citando Kaufmann,

“Todo conhecimento social científico é histórico, porque é relativo à situação histórica do sujeito cognoscente. Não é possível um

¹⁰⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed. T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 229-30.

¹⁰⁶ IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 76.

*conhecimento objetivamente independente do sistema de referências de situações históricas concretas do historiador (...).*¹⁰⁷

Com as análises feitas à obra vargeniana não poderia ser diferente. As leituras críticas de Varnhagen são interpretações contextualizadas temporalmente. Foram produzidas em períodos específicos e buscam respostas de indagações pertinentes ao presente, em que foram elaboradas.

No entanto, essa contextualização temporal dos críticos vargenianos não impediu que eles se encontrassem em um ponto comum: a leitura comprometida ideologicamente. Nossas leituras nos levaram à conclusão de que a relação dos leitores críticos nacionais com a obra vargeniana é, em grande medida, passional. Seus leitores, em geral, estão mais preocupados em legitimar suas ideologias e concepções historiográficas, utilizando-se da obra vargeniana, do que produzir uma análise comprometida em resgatar o pensamento do autor.

O recorte temporal de classificação dos críticos é metodologicamente a opção mais convencional, mas não a única. Outras classificações são igualmente pertinentes, tais como: 1- a classificação espacial (geográfica). Dentro desta classificação podem ser observadas as diferentes leituras que os críticos nacionais e europeus fizeram de Varnhagen; 2- a classificação política. Comparando as conclusões dos críticos monarquistas e dos republicanos; 3- a classificação interdisciplinar. Nessa o

¹⁰⁷RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1978. p. 122. 4. ed.

paralelo entre as leituras decorrentes dos literatos e historiadores seria o ponto de referência.

Optamos pela divisão temporal por julgarmos que a explicação ficaria metodologicamente mais inteligível, mas sempre que possível buscamos fazer um paralelo entre estas posto que são inter-relacionadas. Subdividimos os críticos em quatro: 1- Os Críticos Oitocentistas; 2- Os Críticos Republicanos; 3- Os Críticos Europeus; 4- O Neo-interesse Vargeniano.

4.1 – Os Críticos Oitocentistas

O período correspondente a 1839, ano das primeiras obras publicadas por Varnhagen, até o ano de 1889, Proclamação da República, constitui nosso primeiro grupamento dos críticos vargenianos. É um período bastante conturbado, sob a óptica crítica, posto que, observando a literatura historiográfica, podemos notar que até hoje não chegamos a um consenso acerca de como Varnhagen era visto pelos seus contemporâneos nacionais. Para uns, como Iglésias, Varnhagen teria sido “aplaudido”. Outros, como Wehling, argumentam que as relações entre Varnhagen e os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro “*foram freqüentes e intensas embora não necessariamente cordiais (...).*”¹⁰⁸

Aplaudido ou criticado?

¹⁰⁸WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.35.

Como dissemos acima, para o historiador mineiro Francisco Iglésias “os grandes historiadores brasileiros de então o aplaudiram”¹⁰⁹. Iglésias não cita quem são esses “grandes historiadores brasileiros”, o que nos leva supor que esteja referindo-se aos membros do IHGB. Entretanto, uma leitura mais atenta das fontes nos revela que quando a publicação do primeiro volume da “*História Geral do Brasil*”, em 1854, Varnhagen ficou consternado com a reação dos membros do Instituto brasileiro. O autor esperava críticas de seus contemporâneos com as quais pudesse dialogar. Contudo, o desprezo do IHGB resultou num silêncio tumular de, praticamente, três anos. A reação “negativa” do Instituto foi tão determinante que retardou a impressão do 2.º volume. Ressentido, Varnhagen, em carta ao Imperador, faz o seguinte comentário:

*“Na minha de Julho dava eu conta a V. M. de como havia retardado a continuação da impressão do meu 2.º volume, e entre as causas allegava o esmorecimento, em vista de tanta indiferença official; principalmente de parte do Instituto; que nem se quer me accusou a recepção do meu officio àcerca do 1.º volume, nem da offerta que lhe fiz de um exemplar; e em pago sei que não falta quem alli responda às minhas finezas com misérias; talvez só porque não adulo servilmente, como outros, certo perigoso brasileirismo caboclo, como lhe chama com tanta razão o Timon, escripto importante que eu antes desconhecia, como desconhecia esse estimável autor, com quem hoje estou em correspondência e perfeita harmonia, até na maior parte das idéas, em que, sem sabermos um do outro, nos encontramos.”*¹¹⁰

Sutilmente a “*indiferença official*” inclui, também, o Imperador.

Diplomáticas eram as relações entre Pedro II e Varnhagen, dependiam mutuamente um

¹⁰⁹ IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 86.

¹¹⁰ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.235/6 (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 24 de Setembro de 1856).

do outro. Suas diferenças, que não eram poucas, ficavam assim nas entrelinhas¹¹¹. Nem ao menos com o grande volume de obras, de significativa importância para consolidação do Império, Varnhagen foi recompensado.

Em alguns momentos, vemos o próprio Varnhagen solicitar formalmente para si gratificações, utilizando o recurso do seu ofício de diplomata, para “clarear” as lembranças do Imperador:

“E aqui não devo dissimular, Meu Senhor, que alguma vez tenho tido que combater a errada idéa de que Vossa Magestade Imperial agasalha pouco aos estrangeiros, começando pelos individuos do corpo diplomático acreditados em Sua Côrte, com os quaes não usa das atenções a que estão acostumados em outras Côrtes, começando pela maior generosidade de certas graças, quando se mostram polidos e agradaveis. (...). Ouso ser tão franco, Meu Senhor, porque creio que V. M. Imperial faz a devida justiça aos meus sentimentos de amôr e dedicação à Sua Pessoa.”¹¹²

O sentimento de hostilidade é definidor das relações entre Varnhagen e os membros do IHGB. A origem dessa celeuma, para alguns críticos dentre eles o literato José Veríssimo, relaciona-se com as divergências acerca do papel do elemento indígena como agente formador da identidade nacional. Porque:

“(...) de todos os brasileiros seus contemporâneos no periodo inicial do Romantismo, é talvez o único que além de vão (sic) ser indianista, isto é, de não ter nenhuma simpatia pelo índio como fator de nossa gente, ao contrario o menospreza, o deprime e até lhe aplaude a destruição. É também o único que altamente estima o português (...). Por

¹¹¹Exemplo da permanência desta relação conturbada é o livro: *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, de autoria da historiadora Lilia Moritz Schwarcz, recentemente lançado pela Cia das Letras. Mesmo tendo sido um dos principais intelectuais do Império Varnhagen, não é citado, nem uma vez, nesta biografia do Imperador.

¹¹²LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.184/5. (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 29 de Junho de 1852).

tudo isto se não achou Varnhagen em simpatia com os seus confrades de geração, nem estes com ele.”¹¹³

O literato Silvio Romero lembra que:

“... a crítica que fez aos exageros dos românticos sobre a influência dos índios na atual civilização brasileira, se o historiador não tivesse, por sua vez, caído no mais desastrado negativismo.”¹¹⁴

Esta hipótese da divergência, entre Varnhagen e os membros do Instituto, residir na questão indianista não está presente apenas entre os literatos. O historiador Hélio Vianna pronunciou acerca desta querela indianista:

“Como racista germânico, não concordava com o indianismo ou ‘caboclismo’ de Gonçalves de Maia (sic), considerando nada menos que ‘subversivas’ suas idéias a respeito ...”¹¹⁵

Ambos os literatos, Romero e Veríssimo, e o ihgbiano Vianna estão corretos. Varnhagen não fez coro aos exageros dos românticos e não participou do indianismo. Entretanto, o “nativismo”, o “caboclismo”, o “provincialismo”, o “romantismo”, o “brasileirismo”, bem como todos os demais “ismos”, nos quais Varnhagen e o Instituto entram em divergências, são apenas motivos aparentes. A ponta de um complexo iceberg.

Divergiam não apenas porque “às vezes [Varnhagen] se posicionava contra a sua linha [do IHGB]”, como quer Iglésias¹¹⁶. Ou ainda, como argumenta

¹¹³VERÍSSIMO, José. Varnhagen. In.: *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Unb, 1963. p. 167. 4.ª ed./1ª ed. 1916.

¹¹⁴ROMERO, Silvio. Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p.167 (Tomo V).

¹¹⁵VIANNA, Hélio. Correspondência do Visconde de Porto Seguro. In.: *Rev. do IHGB*, jan./mar. 1967, n° 274, p. 235 (publicado também no *Jornal do Comércio* de 2 de julho de 1961).

Campos¹¹⁷, que “*seu pensamento era ao mesmo tempo ligado ao pensamento do IHGB e diverso*”. A rejeição mútua entre eles reside em diferença de concepção historiográfica:

*“Houve entre Varnhagen e os ‘pais fundadores’ do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (...) uma diferença profunda de concepção em relação à história (...).”*¹¹⁸

É sobre este prisma da diferenciação de concepção historiográfica, que devem ser contrapostas as divergências entre Varnhagen e a intelectualidade brasileira dos Oitocentos. Ou seja, “*(...) a relativa obscuridade de Varnhagen, em vida, e a oposição que sofreu (...),*”¹¹⁹ deve-se ao fato de divergirem no cerne do posicionamento histórico e político.

No início do século XIX a escola romântica, de origem alemã, influenciou o modelo no qual foi concebido o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O termo romantismo “*nasceu em ambientes literários*”¹²⁰, muito embora, “*não é possível aqui nem mesmo mencionar as discussões sobre a gênese do romantismo da cultura no século XVIII (...)*”¹²¹,” podemos apenas apontar que:

¹¹⁶IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p.93.

¹¹⁷CAMPOS, P. M. Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. In: GLENISSON, J. *Iniciação aos estudos históricos*. São Paulo: Difel, 1983. Citado por: REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 2000. p.29.

¹¹⁸WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.44.

¹¹⁹ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 67.

¹²⁰CESA, Claudio. Romantismo Político. In.: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Unb, 2^a ed. c 1986. p. 1131.

¹²¹*Idem, ibidem*. p. 1131.

“O que é comum a todos esses antecedentes é a atitude polemica em face do racionalismo que, com suas convenções e leis, pôs ordem nos fenômenos do mundo, mas, ao mesmo tempo, não soube descobrir um significado que transcendesse a descrição superficial do fenômeno: daí a redução das relações interhumanas a ‘leis’ mecânicas como as do mundo físico; daí a impossibilidade de explicar a vida que vibra até no inorgânico e que dele se lança a formar o organismo, tanto natural como social.”¹²²

Sendo Varnhagen contemporâneo dos fundadores do Instituto, é natural que ele também seja classificado como pertencente a esta escola. Silvio Romero, em 1848, afirma que *“entre os que cultivaram na fase romântica o gênero - história – no Brasil destacam-se os nomes de Francisco Adolfo de Varnhagen (...)”¹²³*. Nelson Werneck Sodré, na *“Historiografia da literatura brasileira”*, é igualmente imperativo na classificação de Varnhagen na escola romântica:

“Seu método histórico, simplesmente expositivo, enquadra-se na escola romântica e a sua erudição, seca, personalista e orgulhosa, distancia-o da nossa gente.”¹²⁴

Do mesmo modo os historiadores, a exemplo dos literatos, adotaram a conceitualização “romântica” para classificar o autor. O historiador Francisco Iglésias, comentando as edições da *“História Geral do Brasil”*, refere-se a Varnhagen como sendo um típico romântico:

“(...) As edições subseqüentes são ainda maiores, não por alterações feitas por ele, é claro, mas pelas dezenas de preciosas notas, por historiadores do porte de Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia,

¹²²*Idem, ibidem.* p.1131.

¹²³ROMERO, Silvio. *Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen.* In.: *História da Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 163 (Tomo V). Não consegui verificar se este é o ano da 1.^a publicação desta.

¹²⁴IGLÉSIAS, Francisco. *Varnhagen.* In.: *Historiadores do Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 93.

esclarecedoras sobretudo das fontes do autor, que, à maneira dos historiadores românticos, não costumara citar.”¹²⁵

Devendo o historiador como argumentou Odália “(...) *procurar, num autor determinado, não aquilo que o nivela a todos, mas especialmente tentar descobrir o que nele o diferencia enquanto luta por afirmar-se como um autor brasileiro*”¹²⁶, é justamente na recusa dos românticos “ismos” (que dissemos anteriormente) que devemos procurar o que diferencia Varnhagen dos seus colegas ihgbianos.

Nossas leituras nos levaram a concluir que “romântico” não é o adjetivo mais apropriado para conceituá-lo. É possível que apresente algumas características que possam, a princípio, defini-lo como tal, mas mesmo que classificado dentro do período denominado “romântico”, seu perfil não corresponde aos dos autores românticos, isto é, cronologicamente pertence a esta escola, mas sua obra não contém os elementos que possam identifica-la como tal.

No início do século, em 1916, José Veríssimo já havia percebido o anacronismo em classificar Varnhagen na escola romântica. A argumentação de Veríssimo é muito interessante porque ele explica o significado do termo, para conceitualizar os autores brasileiros:

“Sente-se-lhe, entretanto, não sei que ausência de simpatia, no rigor etimológico da palavra, pelo país que melhor que ninguém estudou e conhecia, e era do seu nascimento. Não é patriotismo, entenda-se, que lhe desconhecemos, esse o tinha ele como qualquer outro e do melhor. Faltava-lhe, porém, não lhe sentimos ao menos aquele não sei

¹²⁵ IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 85.

¹²⁶ ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 14.

que intimo e ingênuo, mais instintivo que raciocinado, sentimento da terra da gente. Ele não tem as idiossincrasias do país. Por isso Varnhagen não é de todo o fato romântico, senão pela época literária em que viveu e colaborou (...).”¹²⁷

Mas não foi compreendido, nem pelos historiadores nem ao menos pelos literatos. Precisou de, praticamente, um século para que a conclusão de Veríssimo começasse a germinar na academia.

Arno Wehling, estudando Varnhagen, chegou à mesma conclusão do literato:

“(...) não é possível considerá-lo romântico – no conhecimento histórico – senão com um grande numero de restrições. Varnhagen era romântico apenas no que se refere à concepção geral da organicidade da cultura, o que corresponderia melhor a um ‘culturalista’. Mais apropriado é considera-lo um historicista erudito com traços da filosofia racionalista do século anterior.”¹²⁸

Wehling continua sua exposição afirmando que:

“(...) Seu perfil e sua obra correspondem ao historicismo romântico-erudito, a que os historiadores alemães das idéias, desde antes de Meinecke, denominaram historicismo.”¹²⁹

Aliás, o próprio Varnhagen, cuja obra “(...) revela sólida formação e consciência de quanto faz (...)”¹³⁰, não se identificava com esta escola. Era irônico, característica típica do seu estilo, com tal conceito:

¹²⁷MATTOS, José Veríssimo Dias de. Varnhagen. In.: *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Unb, 1963. p. 166. 4.ª ed./1ª ed. 1916.

¹²⁸WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 60-3.

¹²⁹WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 45.

¹³⁰IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 81.

“Mas não fallemos em política. Demais eu hoje devo ser muito discreto, pois acho-me nada menos que d’Encarregado interino n’esta Corte [Encarregado de Negócios interino de 28 de junho a 11 de agosto de 1847, Corte de Madri], que é toda cheia de romantismos¹³¹. Assim é bom; porque diz com o territorio. S.M. outro dia a caça na Granja: matou ou feriu um veado¹³²; O General Serrano parece que feriu uma corça¹³³. Eis a que se resumem as noticias daqui, e nada disto interessa a V. Ex.^a”¹³⁴

A atitude comodamente utilizada, até então, de classificá-lo como autor “romântico”, não está preocupada em conhecer seu pensamento, e sim em estigmatizá-lo. Muito do que tem sido dito de Varnhagen apenas o “nivela”, como diz Odália, dentro do quadro intelectual do XIX, mas pouco contribui para o conhecimento desse, que é um dos maiores intelectuais e eruditos do século XIX.

As críticas desse período proferidas pelos intelectuais europeus será discutida em tópico específico.

4.2 – Os Críticos Republicanos

Provavelmente após o ano de 1889, com a Proclamação da Republica, poucos historiadores brasileiros atreveriam-se a um prognóstico otimista em relação à relevância e permanência do conjunto da obra vargeniana ou, como definiu o próprio

¹³¹Em itálico pelo autor.

¹³²IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 81.

¹³³*Idem*.

¹³⁴LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 152. [Ao Visconde (depois Marques) de Sá da Bandeira (Bernardo de Sá Nogueira Figueiredo). Madrid, 1 de Agosto de 1847].

autor, do “*gênero Vargheniano*”¹³⁵. Este fato é bastante compreensível, posto que ideológica e politicamente, Francisco Adolfo de Varnhagen tornou-se antiquado, visto que é notório que o autor foi o maior ideólogo do regime monarquista no Brasil; regime que exala em todas as linhas de sua vastíssima obra, do primeiro ao último texto. Após a Proclamação da República, as idéias políticas d’*O primeiro mestre da historiografia brasileira*¹³⁶ tornaram-se obsoletas e, portanto, alvo de duras críticas.

Neste momento, pós 1889, a leitura dos críticos vargenianos possui contorno bem definido: a leitura político-ideológica. Se no momento anterior a rejeição dos críticos nacionais, a Varnhagen, baseava-se em divergências de concepção históricas e políticas, nesta segunda o foco está direcionado para ideologia política.

Compõem esta fase os críticos posteriores a 1889, ano da Proclamação da República, até fins da década de 90. Os leitores republicanos de Varnhagen foram subdivididos em três fases distintas. A “rejeição”; o “silêncio”; e o “intervalo”.

A primeira fase, como não poderia deixar de ser, é da rejeição completa. Essa é justificada pela mudança de modelo político adotado, isto é, a transição do monarquismo para o republicanismo. A luz da frágil “recém-proclamada” República era inviável, principalmente para os republicanos, que um autor monarquista fosse aclamado como um dos consolidadores do ideal nacional. Os críticos dos anos iniciais da República não poderiam exprimir um julgamento imparcial da obra

¹³⁵LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.192. (Ao Dr. Francisco Freire Alemão, botânico brasileiro. Madrid, 4 de Novembro de 1852).

¹³⁶RODRIGUES, José Honório. Varnhagen: o primeiro mestre da historiografia brasileira. In.:

vargeniana, para estes Varnhagen apossou-se da história “*para torná-la coisa sua, e fazê-la nos interesse da sua fôfa ambição.*”¹³⁷ Melhor seria saudá-lo, quando muito, pela sua contribuição no trabalho de recuperação documental e silenciá-lo. O principal representante desse seguimento é o historiador Manoel Bonfim, nosso único historiador a rejeitar completamente a obra e o trabalho de Varnhagen.

A segunda fase corresponde ao período pós-Bonfim até meados da década de 90. Embora possamos encontrar um ou outro argumento diferente, as críticas desse período reduzem a três: uma iñgbiana e duas acadêmicas.

O elogio à produção descomunal do autor é, em geral, formulado pelos membros do IHGB. Enquanto na fase anterior Varnhagen foi recusado pelo Instituto por questionar os pressupostos historiográficos deste, nessa segunda fase torna-se um ícone do Instituto. Alguns dos mais importantes trabalhos de análise da produção vargeniana foram realizados neste período pelo Instituto.

A análise acadêmica é menos agressiva (se comparadas às de Bonfim) mas que pouco ou nada acrescenta para o entendimento do pensamento do autor, com exceção dos literatos que produziram um volume maior de estudos se comparados aos historiadores, mas que ainda assim são insuficientes, posto que ainda não produziram a revisão crítica adequada. As críticas dos historiadores acadêmicos podem, sem alguma omissão relevante, ser resumidas em duas observações: 1- a insignificante preparação teórica de Varnhagen para análises mais generalizantes da história; 2- o

¹³⁷BONFIM, Manoel. *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1986. 630 p. 2.^a ed.

comprometimento político-ideológico de sua obra. Nesse período a história academizou no Brasil; seria lícito, então, exigir de Varnhagen uma postura ‘científica’. A influência da escola marxista na academia, por volta das décadas de 70 e 80, igualmente contribuiu para o desinteresse em torno do autor.

Dentro desta segunda fase, somente o crítico José Honório Rodrigues sobressai pela sua sensibilidade de observação histórica. Sua análise à produção varnheniana compõem o que denominamos “intervalo”.

A partir de fins da década de 40, com os estudos rodriguianos¹³⁸ acerca da produção historiográfica brasileira, Varnhagen começou a conhecer a imparcialidade crítica, sem os preconceitos das leituras político-ideológicas republicanas (de Bonfim a Rodrigues um certo silêncio ecoou na academia sobre Varnhagen). Sobre essa afirmativa concorda conosco Iglésias, historiador que dedicou boa parte de sua função de historiador a investigações no terreno movediço da história das idéias e da historiografia brasileira. Assim, Iglésias, sintetiza a leitura que Rodrigues fez de Varnhagen: “*Dos seus críticos, o mais cuidadoso foi José Honório Rodrigues (...)*”.¹³⁹ Acrescentamos às palavras de Iglésias que ainda hoje Rodrigues é um dos principais leitores de Varnhagen.

¹³⁸RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

¹³⁹IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 85/6.

4.3 - “Os Críticos Europeus”

Como discutimos acima, as relações entre Varnhagen e seus críticos brasileiros não foram marcadas pela cordialidade. Com os críticos europeus a relação é extremamente diferente. No primeiro “*Memorial*” que escreveu, publicado nas revistas do IHGB, Varnhagen relata que antes de ter publicado algum trabalho de sua autoria, encontrou abertas as portas de uma das principais academias de ciências da Europa:

“(...) me grangearão as honras não pedidas de Sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; e de ver impresso por ella e na colleção das suas memórias a minha primeira composição scientifico-litteraria (...).”¹⁴⁰

Além desta, foi sócio da Real Academia de História de Madrid, Academia de Munich, Sociedade Geographica de Paris, obviamente do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, entre outras, isto é, das principais corporações de ciências e literatura do século XIX. Seu relacionamento não se restringia ao diálogo meramente acadêmico. Também manteve uma assídua correspondência, organizada por Clado Lessa, com a alta intelectualidade européia e com personagens políticos do período:

“(...) Varnhagen entretteve correspondência com o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, o Conde Raczynske, o Barão de Humbold, o naturalista Martius, os sábios Cotambert, Saint Hilaire, d’Avezac, Vegezzi-Ruscalla, e muitos outros grandes vultos das letras e das ciências do Velho Mundo (...).”¹⁴¹

¹⁴⁰LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 100.

¹⁴¹LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 13-4.

Não eram apenas as portas das Academias de Ciências que estavam abertas para Varnhagen, nem tão pouco o relacionamento estava restrito a troca de correspondência. Varnhagen freqüentava socialmente esta intelectualidade assiduamente:

(...).”¹⁴² “... muitas vezes tenho ouvido dizer ao Sr. Herculano

“Está V. S^a convidado para comer hoje o perum pascal, em casa do Garret.

Se quiser saber a causa venha por cá; mas eu não vou, porque hoje estava já comprometido para outra parte. Vai Herculano e não sei mais quem (...).”¹⁴³

“Em Neuwied almocei com o Príncipe Maximiliano, que viajou no Brasil.”¹⁴⁴

Na primeira publicação da “*História Geral do Brasil*” (aqui sim o professor Iglésias foi feliz) Varnhagen foi amplamente aplaudido pelos “*estrangeiros notáveis, como Alexandre von Humboldt, Martius, Ferdinand Dinis, Rebelo da Silva, Pedro de Angelis.*”¹⁴⁵ Acrescentamos a essa lista o Príncipe Maximiliano, o escritor português Almeida Garret, entre outros. A aceitação da obra entre os europeus foi tamanha, que já em 1854, Martius se propunha a traduzi-la para o alemão.¹⁴⁶ Em 1859

¹⁴²LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 35/6. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, 18 de Setembro de 1839).

¹⁴³LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 134. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, Seg^a 23 de Março de 1845).

¹⁴⁴LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 152. [Ao Visconde (depois Marques) de Sá da Bandeira (Bernardo de Sá Nogueira Figueiredo). Madrid, 1 de Agosto de 1847].

¹⁴⁵IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 86.

¹⁴⁶LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.213 (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 5 de Fevereiro de 1854).

Innocencio Francisco da Silva, contemporâneo lisboense de Varnhagen, na sua obra *“Diccionario Bibliographico Portuguez”* registrou a recepção dessa obra, comentado a receptividade que atingiu entre os intelectuais europeus:

“Esta obra ‘objecto incessante das vigílias do auctor nos melhores annos de sua vida’ não só grangeou o suffragio e approvação dos homens illustrados e competentes, cujos testemunhos elle se compraz de mencionar no P.S. com que termina o tomo II (...).”¹⁴⁷

O reconhecimento de Varnhagen pelos europeus não se restringe aos críticos contemporâneos ao autor. Ainda hoje *“Varnhagen é um dos brasileiros mais conhecidos nas rodas intelectuais do mundo”*.¹⁴⁸ Por que ocorre este fato? Por que os intelectuais europeus lêem e interpretam positivamente Varnhagen? O que contém no pensamento do autor que encontra eco nos estudiosos do Velho Mundo?

Varnhagen conviveu e dialogou com os grandes intelectuais europeus que estavam debatendo as questões relativas à identidade nacional e à formação do Estado-Nação. Conhecia melhor que qualquer outro contemporâneo brasileiro as principais nuances desse debate. Sua obra sintetiza o pensamento europeu do século XIX com erudição e sensibilidade.

¹⁴⁷SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*: applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCCLIX. p.319-322.

¹⁴⁸ROMERO, Silvio. *Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen*. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 171. (Tomo V).



*Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro
(Óleo de Manoel Madrazo - Museu Nacional de Belas Artes)*

4.4 – A historiografia contemporânea

Somente com o distanciamento temporal, a partir de 1997¹⁴⁹, Varnhagen volta a ser discutido no cenário acadêmico brasileiro. Novas indagações são colocadas, novas respostas são buscadas. A crítica nacional começa amadurecer para o autor. Este período foi ilustrado com o surgimento de quatro novos estudos de reconhecidos historiadores brasileiros: “*As formas do mesmo*”, autoria de Nilo Odália¹⁵⁰; “*Estado, história e memória*” do professor Arno Wehling¹⁵¹; “*As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*”, de José Carlos Reis¹⁵² e, “*Historiadores do Brasil*”, do professor Francisco Iglésias¹⁵³.

Qual o significado desta reabilitação de Varnhagen às portas do século XXI? José Carlos Reis afirma que para “*Febrev (...) a função social da história é ‘organizar o passado em função do presente.’*”¹⁵⁴ A reflexão desta proposição nos leva a elaboração de algumas indagações, tais como: Quais são as necessidades do nosso

¹⁴⁹Em 1979 Nilo Odália organizou o volume n.º 9, da coleção “Grandes Cientistas Sociais”, dedicado à Varnhagen. Mas é apenas no final da década de 90 que ocorreu um interesse maior pelo autor. Em obra posterior Odália revê alguns dos seus julgamentos, optamos por trabalhar com esta segunda obra por julgarmos mais adequado.

¹⁵⁰ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: UNESP, 1997. 171 p.

¹⁵¹WEHLING, Arno. *Estado, história e memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 241 p.

¹⁵²REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 2000. 280 p.

¹⁵³IGLÉSIAS, Francisco. *Os historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000 251 p.

¹⁵⁴REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fun. FGV, 2000.p.9.

presente que levam os historiadores contemporâneos a buscarem respostas em Varnhagen? Que tipos de perguntas são feitas ao autor e quais as respostas obtidas?

Varnhagen continua nos incomodando por ser nítida a presença de seu pensamento em nossa produção atual. Há, praticamente, 150 anos após a primeira publicação de sua obra capital, ainda não o digerimos devidamente.

Os leitores vargenianos dessa fase, nitidamente influenciados pelo chamado “*renascimento da história política*”, voltam ao autor com propostas e metodologias diferenciadas. A formação do Estado, o ideal de nação, o perfil do homem brasileiro são algumas das temáticas desenvolvidas pelos atuais leitores de Varnhagen.

As influências do autor, em alguma medida, também são buscadas. Por exemplo, Odália e Wehling analisando o perfil do Estado delineado por Varnhagen percebem a presença de Hegel. Isto é, Odália e Wehling interpretando o Estado vargeniano, concluíram que a influência filosofia hegeliana é determinante.

Para Odália a influência de Hegel deve-se, inclusive, pelos fatores específicos do Brasil Oitocentista:

“... uma Nação, quando privada de um de seus órgãos, apenas significa que um outro se desenvolverá mais e tomará seu lugar. (...) Numa jovem nação insegura, em que seus grupos sociais ainda não estão perfeitamente determinados, parece – num primeiro momento – uma atitude de prudência e de sabedoria políticas delegar ao Estado, como instrumento de ação, a tarefa de realizar o projeto que dela se tem. É preciso, para tanto, que ele seja concebido como um ser puro, diáfano, sereno e imparcial para que possa pairar acima das contingências daqueles que formam a comunidade. Dá-se ao Estado a forma pura de uma idéia hegeliana, mas com a mesma força de realização.”¹⁵⁵

¹⁵⁵ ODÁLIA, Nilo. op. cit. p.40.

As conclusões de Wehling assemelham-se a de Odália. Entretanto, esse ressalta a intenção pedagógica subtendida no Estado proposto por Varnhagen, sob influência de Hegel:

“(…), podemos admitir que Varnhagen, embora não fosse um filósofo político e estivesse longe de construir um pensamento explícito na matéria, foi, pragmaticamente, um hobbesiano-hegeliano em matéria de relações estatais. O Estado forte, maior do que a sociedade, criador da nação e aperfeiçoador pedagógico e étnico do povo – eis o ideal de Varnhagen. Tudo o mais – representação, funções estatais, relações internacionais, formas de governo – cede ao passo objetivo maior de um Estado regenerador.”¹⁵⁶

Sentimos que a leitura dos autores acima esteja restrita à “*História Geral do Brasil*”, fonte por excelência dos leitores varnagianos, posto que sua obra maior. Em Odália, dado o caráter de estudo ensaístico esta opção torna-se inquestionável. Apesar de Wehling conhecer uma diversidade documental maior, ainda assim seu texto está comprometido com a fonte tradicional, comprometendo algumas conclusões por ele elaboradas.

Wehling foi infeliz ao subestimar o pensamento de Varnhagen, com a seguinte afirmação:

“Já se disse que o monarquismo de Varnhagen era visceral e emocional, não fruto de uma dedução lógica e de uma comparação intelectual entre as formas de governo. Na verdade, era mais monarquista que o próprio imperador, de quem esperava posição mais doutrinária em relação às instituições monárquicas.”¹⁵⁷

¹⁵⁶ WEHLING, Arno. op. cit. p. 91.

¹⁵⁷ WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 102.

Ao analisarmos Varnhagen devemos antes ter em mente que ele é um erudito aos modos do XIX. Não supomos que o reducionismo psicologizante, que relaciona o pensamento do autor com sua personalidade forte, seja a leitura apropriada.

Ora, como pode ser constatado pelas seguintes fontes: a correspondência de Varnhagen, os textos de análise crítica (por ele publicados nas Revistas do IHGB) e, também, na própria “HGB”, a reflexão acerca das formas de governo é o ponto nevrálgico do pensamento do autor.

Vejamos, por exemplo, a seguinte afirmação na qual Varnhagen citando Hipólito José da Costa, jornalista do “Correio brasiliense” (pelo qual tinha grande admiração e comunhão de idéias) na “HGB”:

“A questão da independência da América espanhola é hoje objeto da mais alta importância para o Brasil. Que essa independência se deve efetuar é ponto que não admite dúvida; porém, é sumamente incerto quais serão as conseqüências; quantos governos diferentes ali se estabelecerão; quais serão suas formas; que vistas políticas terão depois de estabelecidos.”¹⁵⁸

Wehling demonstra que não deteve-se devidamente às fontes. Varnhagen discute sobre as diferentes formas de governo ao longo de sua obra, de que outro modo poderia nosso historiador discorrer sobre as diferenciações entre a Monarquia e a República? Como poderia concluir que para o Brasil a monarquia parlamentarista seria a forma de governo mais apropriada? Tecer considerações sobre o

¹⁵⁸ VARNHAGEN, F. A de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil.*: antes de sua separação e independência de Portugal. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo V. p. 231. (o grifo é nosso).

regime socialista? Obviamente tais reflexões são frutos de estudos, observações e análises de tais formas de governo.

Discordamos com Wehling, também, quanto ao caráter estático do pensamento varnheniano. Para este autor, Varnhagen teria assumido certas convicções políticas defendendo-as de forma intransigente ao longo de sua obra. Tomemos, a exemplo, o regime socialista. Em 1852, encontramos nas correspondências de Varnhagen com o Imperador um certo entusiasmo, ou curiosidade, pelo regime socialista:

“Na ‘Revista de ambos os Mundos’ de 15 de maio li um artigo sobre as pretensões do socialismo nas repúblicas do Pacífico e em Venezuela que muito me interessou, e que teria traduzido se não tivesse decidido a não abrir mão, para cousa nenhuma, da empresa que estou prometido.”¹⁵⁹

Por volta de 1857, o autor nas correspondências, novamente com o Imperador, repensa o regime socialista e, indica a natureza de seu rompimento intelectual com Alexandre Herculano:

“(...) repito, a que, com mais de quarenta annos de idade, eu – tão respeitador das gerarchias sociaes, e não meio socialista (como v. gr. em Portugal o Sr. Herculano, que nem quiz ser empregado do Estado) (...)”¹⁶⁰

¹⁵⁹ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 187. (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 29 de Junho de 1852).

¹⁶⁰ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.244 (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 14 de Julho de 1857).

É possível que estejamos equivocados, mas nos parece que o rompimento com Herculano é proveniente de diferentes pontos de vista historiográficos, isto é, interpretações da história.

A pesquisa de classificação da vastíssima produção vargeniana é certamente, dentre outras, uma grande contribuição de Wehling. O único trabalho desta natureza fora realizado por Romero. Arno Wehling observando as deficiências, e também as vantagens, da classificação de Romero privilegiou a abordagem metodológica:

“... é preferível outra classificação [comparando à realizada por Silvio Romero], que abrange um número consideravelmente maior de obras do autor e cujo critério básico privilegia a abordagem metodológica utilizada:

Estudos e pesquisas históricas, compreendendo quatro seções: obras históricas, obras de abordagem política e geo-política, biografias e edições críticas de documentos históricos.

Estudos e pesquisas literárias, compreendendo duas seções: história literária e edições críticas de textos literários.

Estudos e pesquisas de etnografia e lingüística indígena, compreendendo duas seções: etnografia e edições críticas de textos de interesse lingüístico e etnográfico.

Obras de reflexões política.

Obras de ficção, compreendendo teatro e romance.

Obras de interesse político-administrativo, compreendendo duas seções: obras de fomento econômico e obras sobre educação e política educacional.

Outros, compreendendo polêmicas, correspondência, avulsos.”¹⁶¹

A leitura de Francisco Iglésias tem características semelhantes aos leitores convencionais, impaciente com o autor. Suas conclusões são repetitivas:

¹⁶¹ WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 50 –51.

“Varnhagen se impõe pela pesquisa, pelo vulto da obra, pela quantidade de coisas não tratadas por outros, não por um pensamento original, uma concepção pioneira da matéria que cultiva. Seu livro é mais um caso comprovador de quantidade às vezes significar qualidade. Quer fazer e faz o histórico da colonização portuguesa. Reverente ante o poder metropolitano, não o censura, compreende-o e até o exalta. Tem mais sensibilidade e receptividade para o colonizador que para o colonizado, como se evidencia na condenação de todos os protestos ou rebeldias: não ficava a favor do índio que não se submete às tentativas de subjugação, nem do negro que foge, une-se aos seus e faz quilombos; tem palavras acres para toda desobediência às autoridades. Condena as conspirações, como de dá com os conjurados mineiros de 1788 e mais ainda com os baianos de 1798. O capítulo sobre o episódio de 1817 é deplorável como compreensão e intolerância.”¹⁶²

José Carlos Reis limitou-se, literalmente, a uma apresentação do autor tendo por fonte a leitura de Capistrano de Abreu¹⁶³. Ademais, privilegiou o diálogo com alguns leitores vargenianos como, por exemplo, Nilo Odália e Alice Canabrava. Não deteve-se às fontes, tampouco à pesquisa, nas raras passagens em que formula argumentação incorre em deslizes, como, por exemplo, nesta em que demonstra total desconhecimento da biografia do autor:

“Conhece-se pouco, no entanto, da sua formação intelectual. O que se sabe é que apreciava freqüentar os arquivos dos lugares por onde passava, os arquivos públicos, essa novidade do século XIX.”¹⁶⁴

De fato quando Silvio Romero em 1949 alegava que *“a biografia de Varnhagen, mau-grado ter sido ele um homem de ontem e que viveu em plena luz, já*

¹⁶² IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 82.

¹⁶³ CAPISTRANO DE ABREU. *op. cit.*

¹⁶⁴ REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 24.

começa, por desaso dos biógrafos, a ser obscurecida em vários pontos”¹⁶⁵, a afirmação era pertinente. Afinal poucos estudos biográficos sobre o autor haviam sido realizados. Clado Lessa, o maior biógrafo varnheniano, encontrava-se nos primeiros estudos quando em 1945 publicou nas Rev. do IHGB o artigo “*Formação de Varnhagen: primeiros tempos (1816-1841)*.”¹⁶⁶ Entretanto, tal afirmação torna-se completamente descontextualizada em 2000.

Ora, qualquer pesquisador que fizer um levantamento mínimo da biografia de Varnhagen fatalmente irá deparar com o monumental trabalho de pesquisa biográfica realizado por Clado Lessa¹⁶⁷: “*Vida e obra de Varnhagen*”, publicado em cinco volumes nas Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Como também encontrará informações sobre a biografia do autor, ainda que reduzida se comparada a anterior, na “*Correspondência ativa*”¹⁶⁸

José Carlos Reis equivoca-se em conclusões e julgamentos precipitados, não estabelecendo diferenças entre Varnhagen e os membros do IHGB.

¹⁶⁵ ROMERO, Silvio. Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 169 (Tomo V).

¹⁶⁶ LESSA, Clado Ribeiro de. *Formação de Varnhagen: primeiros tempos (1816-1841)*. In.: *Rev. do IHGB*, jan./mar. 1945, n° 186, p. 55-88.

¹⁶⁷ LESSA, Clado Ribeiro de. *Vida e obra de Varnhagen*. *Rev. do IHGB*, jan./mar. 1955, n° 226, p. 3-168. (5° capítulo).

LESSA, Clado Ribeiro de. *Vida e obra de Varnhagen*. *Rev. do IHGB*, out./dez. 1954, n° 225, p. 120-293. (3° capítulo).

LESSA, Clado Ribeiro de. *Vida e obra de Varnhagen*. *Rev. do IHGB*, abr./jun. 1954, n° 223, p. 82-297. (1° capítulo).

LESSA, Clado Ribeiro de. *Vida e obra de Varnhagen*. *Rev. do IHGB*, jul./set. 1954, n° 224, p. 109-315. (2° capítulo).

¹⁶⁸ LESSA, Clado Ribeiro de (org.). *Francisco Adolfo de Varnhagen: Correspondência Ativa*. Rio de Janeiro, INL, 1961.

Citamos a exemplo a representação do diálogo de Varnhagen com Southey, que segundo Reis, citando Dias, ocorre pelo motivo de:

*“Varnhagen e os nativistas do IHGB se revoltaram contra esta apreciação negativa de Southey em relação à colonização portuguesa e ao futuro da jovem nação. Para estes, a colonização portuguesa teria sido um enorme feito, e o futuro estava aberto ao sucesso da nova nação (Dias, 1974:237).”*¹⁶⁹

A origem da famosa polêmica de Varnhagen com o sr. Abreu Lima¹⁷⁰, é justamente uma crítica deste e a defesa de Southey. A divergência de Varnhagen com Southey, se é que o termo divergência ou revolta sejam adequados, deve-se ao desenvolvimento das pesquisas arquivísticas, comparando o período em que trabalharam. O próprio Varnhagen irá nos auxiliar na explicação:

“2.º – À vista de tantas faltas que há na história de Southey, como o defendo por bom historiador do Brasil?”

R – Repito o que digo no n. 21, pág. 63 da Revista. Os erros em que cahiu Southey não provêm de sua falta de crítica; mas da falta de documentos que eu desenterrei dos arquivos combinando-os convenientemente: - documentos que elle próprio previa, que deviam um dia apparecer, com vantagem para a história do Brasil. Não serei eu pois quem o chame a juízo por esses erros, quando a par d’elles tanto de bom há (e n’isto tenho por mim a opinião de Humboldt) n’esses tres preciosos tomos.
171

¹⁶⁹ REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 22.

¹⁷⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juízo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6.º P. 60). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIII, 1850. pág. 396/401.

¹⁷¹ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juízo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6.º P. 60). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIII, 1850. pág. 397/8. [Esta carta, que fórma o documento do *Appendice B na Replica Apologética* impressa em Madrid em 1846, era dirigida ao antigo secretario do Instituto, e se desencaminhou no original, talvez pelo falecimento do mesmo.]

Além desta “revolta” proporcionada pelo desenvolvimento natural da pesquisa realizada em arquivos, isto é, o surgimento de novas fontes, Varnhagen analisa os motivos pelos quais Southey não gozou de maior simpatia entre os historiadores brasileiros:

“Cumpre declarar, entretanto, que os três volumes de Southey são, mais do que uma história, com a competente concisão e unidade, ‘memórias cronológicas coligidas de muitos autores e vários manuscritos para servirem à história do Brasil, Buenos Aires, Montevideu, Paraguai, etc’. Por isso se nota nesses volumes a falta de nexos, e a cansada repetição de insossas descrições (sobretudo acerca dos índios) que são a causa de sua pouca popularidade.

Também devemos lastimar que se mostre tão intolerante com os brasileiros nos assuntos religiosos, motivo por que o original de sua obras nunca se fez popular no Brasil.”¹⁷²

Serão necessárias muitas pesquisas, e o olhar menos parcial, para que o pensamento de Varnhagen seja conhecido. *“Por este meio se evitariam certos quis pro quos”¹⁷³*, como diz Varnhagen. Caso contrário, continuaremos nesta continua repetição dos estigmas consolidados, sem muito a acrescentar.

Mesmo sendo um autor essencialmente político, as temáticas discutidas pelos leitores do nosso autor são clássicas. Notamos que os críticos deste período esquivam-se, ou ignoram, de discutir questões polemicas do pensamento do autor. Por exemplo, a ocupação do solo e a reforma agrária discutida pelo autor na

¹⁷² VARNHAGEN, F. A. de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil.*: antes de sua separação e independência de Portugal. São Paulo: Melhoramentos, 1975. Tomo V. p. 230.

* Em itálico pelo autor.

¹⁷³ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Primeiro Juízo: submetido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, á cerca do “Compendio da História do Brasil” do Sr. José Ignácio de Abreu Lima. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro.* vol. 6, nº 21, 1844. p. 70-71.

“HGB”¹⁷⁴ e, especificamente, no artigo “*Projecto de uma lei adicional à das terra publicas, com a imposição do censo por maior, e favores aos que promovam a colonização agrícola no Brazil*”¹⁷⁵, estão à margem dos debates atuais.

Enquanto objeto de estudo a pertinência de Varnhagen atualmente é indiscutível. No entanto, avaliamos que o interesse no autor relaciona-se com o retorno das discussões acerca da história política no meio acadêmico, que durante vários anos esteve à margem dos interesses dos historiadores (ver a seguinte relação bibliográfica¹⁷⁶). Sendo Varnhagen um historiador essencialmente político, cai ‘como uma luva’ para “*o renascimento da história política*” no Brasil.

Contestando a intransigente leitura feita de Varnhagen dentro dos rigorosos muros acadêmicos, a autor foi homenageado em 1969 pelo “*Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel*”.

¹⁷⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo v. p. 202.

¹⁷⁵ _____. *Projecto de uma lei adicional à das terra publicas, com a imposição do censo por maior, e favores aos que promovam a colonização agrícola no Brazil*. Madrid. Na Imprensa da Viúva D. R. J. Dominguez, 1856.

¹⁷⁶ BOBBIO, Norberto. *A teoria das formas de governo*. Brasília: Unb, 1992. 179 p.; BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Unb, 2^a ed. c 1986. 1318 p.; ROSSANVALLON, Pierre. Por uma História conceitual do Político (nota de trabalho). In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 15, nº 30, 1995. pp. 9-22; SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. 724 p; BURKER, Peter. O retorno da Política; O renascimento da narrativa. In.: *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929 –1989)*. São Paulo: UNESP, 1991. p. 100 –107; FALCON, F. História e Poder. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Dominios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. p. 61-89; FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. In.: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. p. 265-271.

A despeito de todas as nossas tentativas de entender “os porquês” de tal homenagem, o autor do samba enredo, o Sr. Volta Seca¹⁷⁷, falecido - segundo informações dos diretores da Escola, honrou o historiador com o samba enredo intitulado “*Vida e Glória de Varnhagen*”:

*“São Paulo, terra dos bandeirantes
Terra natal de um artista tão brilhante
Francisco Adolfo de Varnhagen
Ilustre personagem
Esse vulto imortal
Exaltamos neste carnaval*

*Glória ao eminente historiador – (bis)
Assim cantamos
Em seu louvor*

Ô Ô Ô Ô (bis)

*Apresentamos nesta passarela
Esta história tão bela
De Visconde de Porto Seguro
Esse gênio do passado
Foi honrado e agraciado
Com justa distinção*

*Obras literárias
Desse notável escritor
São lidas até hoje
Mostrando seu real valor
Resiste no alto da glória
O vulto deste grande brasileiro
Eternizando ainda mais o cenário do Rio de Janeiro.”¹⁷⁸*

Julgamos que analisar essa composição seja inconveniente, ressaltamos apenas que é exemplar de como a memória transfigurou o autor.

¹⁷⁷ Apelido, a escola não soube informar o nome do autor.

¹⁷⁸ “*Vida e Glória de Varnhagen*”. Letra gentilmente cedida pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Ano: 1969. Carnavalescos: Guilherme Martins e Alfredo Briggs. Autor do samba: Volta Seca.

4.5 - Parênteses: os literatos (breves considerações)

Este tópico exige conhecimentos específicos para uma avaliação mais detalhada. Como não possuímos tais conhecimentos, limitamo-nos a um esboço de apresentação de algumas considerações dos literatos em relação a Varnhagen que consideramos interessantes.

Chamamos atenção apenas para o fato dos autores divergirem acerca da contribuição de Varnhagen. A primeira, e mais evidente, refere-se ao “*Ensaio sobre as letras no Brasil*”, que como se sabe é o texto de apresentação da obra “*Florilégio da Literatura Brasileira*”, obra de maior repercussão entre os críticos nacionais.

Silvio Romero é o leitor menos simpático ao autor, para ele o ensaio teve a seguinte sentença: “*Lido e relido o insignificante Ensaio de Varnhagen, vê-se que não contém uma só idéia teórica (...)*.”¹⁷⁹ E ainda que:

“*O valor do minguado Ensaio sobre as letras no Brasil, que antecede o Florilégio, tem sido sem o mínimo critério exagerado, com o fim de ferir a determinado historiador da pátria literatura.*”¹⁸⁰

Para José Veríssimo, a obra em questão, tem significação diferenciada:

“*‘Ensaio histórico sobre as letras do Brasil’.*
Pelo rigoroso e acurado da sua investigação e estudo e dos seus resultados, pela novidade das suas notícias, pelo inédito e seguro da sua informação, pelo numero e justeza de algumas de suas idéias gerais, pela largueza de suas vistas, esta obra de Varnhagen lançava os

¹⁷⁹ ROMERO, Silvio. *Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen*. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 169 (Tomo V).

¹⁸⁰ ROMERO, Silvio. *Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen*. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 169 (Tomo V).

fundamentos, e o futuro provou que definitivos, da história da nossa literatura."¹⁸¹

Por fim, Innocencio Francisco da Silva, crítico literário português, ao comentar o valor do "*Ensaio histórico*" nos dá a seguinte informação:

*"O sr. dr. Alexandre José de Melo Moraes agradeu-se tanto da Introdução ou Ensaio Histórico, que publicando em 1856 no Rio de Janeiro o tomo I dos seus 'Elementos de Litteratura', não julgou poder fazer melhor que trancrevel-o fiel e integralmente em todo o conteúdo sem aumento ou diminuição, desde pág. 177 até 198, com título, na verdade menos modesto que o dado pelo auctor, chamando-lhe 'História da Litteratura Brasileira'".*¹⁸²

Um segundo ponto das divergências entre Romero e Veríssimo, sobre Varnhagen, pode ser localizado quanto à escola apropriada para classificar o autor. Para Romero, Varnhagen é um autor romântico: "*Entre os que cultivaram na fase romântica o gênero - história - no Brasil destacam-se os nomes de Francisco Adolfo de Varnhagen (...)*"¹⁸³. Para Veríssimo, a presença de Varnhagen no romantismo deve-se apenas por questões cronológicas: "*(...) Varnhagen não é de todo o fato romântico, senão pela época literária em que viveu e colaborou (...)*"¹⁸⁴.

Ambos literatos discorrem sobre a tão comentada questão indianista em Varnhagen. Para Romero a negação do indianismo em Varnhagen é desastrosa:

¹⁸¹ VERÍSSIMO, José. Varnhagen. In.: *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Unb, 1963. p. 168. 4ª ed. (1ª ed., 1916).

¹⁸² SILVA, Innocencio Francisco da. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Diccionario Bibliographico Portuguez: applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCCLIX. p. 319-322.

¹⁸³ ROMERO, Silvio. Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 163 (Tomo V).

¹⁸⁴ VERÍSSIMO, José. Varnhagen. In.: *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Unb, 1963. p. 166/7. 4ª ed. (1ª ed., 1916).

“... a crítica que fez aos exageros dos românticos sobre a influência dos índios na atual civilização brasileira, se o historiador não tivesse, por sua vez, caído no mais desastrado negativismo.”¹⁸⁵

Veríssimo é ainda mais severo no seu julgamento, para ele Varnhagen:

“(...) é talvez o único que além de vão (sic) ser indianista, isto é, de não ter nenhuma simpatia pelo índio como fator da nossa gente, ao contrario o menospreza, o deprime e até lhe aplaude a destruição.”¹⁸⁶

Fazemos um parêntese acerca da afirmação *“aplaude a destruição.”*

Como, de fato, não encontramos no autor referência semelhante, não podemos questionar Veríssimo. Ressaltamos, no entanto, a seguinte expressão de Varnhagen:

“(...) não achamos, nem sequer decoroso sacrificar aos botocudos (...).”¹⁸⁷

Já que a interpretação da questão indianista, neste momento, está sob a ótica dos literatos avaliamos que Romero e Veríssimo deveriam ter sido mais cautelosos.

Somente Machado de Assis, dentre os literatos, analisou o indianismo em Varnhagen enquanto temática literária, contextualizando e resgatando a essência do debate:

“É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe. Os

¹⁸⁵ ROMERO, Silvio. *Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen*. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 167 (Tomo V).

¹⁸⁶ VERISSIMO, *op. cit.* p. 166/67

¹⁸⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil (Memória)*. In.: *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis (RJ): Ministério da Educação e Saúde, 1948, vol. 9. p. 233.

*que, como o Sr. Varnhagen¹⁸⁸, negam tudo aos primeiros povos deste país, esses podem logicamente excluí-los da poesia contemporânea.*¹⁸⁹

Literariamente a análise de Machado de Assis é a única objetiva dentre os literatos citados.

Sob a perspectiva literária enquanto temática é que o indianismo deve ser analisado. E nisso o próprio Varnhagen antecipa seus leitores, isto é, analisa o indianismo enquanto temática literária em contraposição à histórica, tal como Machado.

Vejamos:

“Com um dos nossos mais sympathicos Amigos e dos primeiros poetas que tem dado a America, diremos pois parte da poesia brasileira “esta nos Indios”; - discordamos porém absolutamente em que nelles esteja a nossa história (...).”¹⁹⁰

Ainda sob as luzes da arte, uma última consideração é pertinente.

Thiers Martins Moreira, em um dos raros estudos destituídos da recorrente passionalidade dos leitores vargenianos, chama atenção para a contribuição do autor para a história da arte no Brasil, ressaltando que:

“Confesso que, em minhas leituras, só duas vezes achei citado Varnhagen como o criador do conceito manuelino. Ora, é justo que não se omita o seu papel. Coube-lhe achar a denominação, como lhe coube configurar o estilo em suas linhas estéticas e correlação com o momento histórico em que se formou.”¹⁹¹

¹⁸⁸ Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), autor de *História geral do Brasil e Florilégio da poesia brasileira*.

¹⁸⁹ MACHADO DE ASSIS. Instinto de nacionalidade. In.: *Instinto de nacionalidade & outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 13-14.

¹⁹⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil (Memória). In.: *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis (RJ): Ministério da Educação e Saúde, 1948, vol. 9. p. 233.

¹⁹¹ MOREIRA, Thiers Martins. Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira. In.: *Rev. do IHGB*, abr./jun. 1967, nº 275. p. 161.

Muito embora não possamos emitir qualquer julgamento sobre a análise abaixo, consideramos conveniente transcrevê-la porque Moreira faz observações acerca dos estudos lingüísticos e filológicos em Varnhagen, justificando a necessidade de uma reavaliação crítica dos estudos sobre ao autor, aspectos que não encontramos em outros críticos literários:

“De há uns cem anos para cá, exatamente a partir da fase em que Varnhagen se dedica às observações literárias e de linguagem, muito evoluíram as ciências das letras. Ao seu tempo, a filologia e a lingüística, os problemas dos textos e das observações de seus valores estéticos, como hoje entendemos, começavam a lançar suas raízes. E nessas raízes surpreende a intuição de Varnhagen, a inteligência com que compreendeu a função da linguagem e arte pela qual, levava para a matéria literária, os dados e recursos que pertenciam as outras ciências. Ele se formou ainda no estudo das retóricas tradicionais, e, por vezes, usas termos que a ela pertencem, com quando, por exemplo, nos diz, falando de Basílio da Gama, que seu poema é recomendável pela muita harmonia imitativa com que os sons são nele adaptados às imagens. Essa harmonia imitativa tem o sabor dos termos da retórica. Mas já a observação da unidade do som com a imagem, enriquecendo pelo ritmo da sintaxe e arranjo dos fonemas, o que está no significado próprio da imagem, nos mostra não é um indiferente ao fenômeno literário, nas suas minúcias, nessas sutilezas com as quais, em verdade, a grande arte tem a sua existência.

Deixo com esse exemplo tão simples, o que poderia ser objeto de um estudo. Ele fica, como ponto final, indicando a possibilidade de uma revisão crítica, se para isso for bastante.”¹⁹²

Os literatos contemporâneos não fazem maiores considerações ao autor, encontramos apenas algumas classificações referentes a ele como pertencente à escola romântica.

¹⁹² MOREIRA, Thiers Martins. Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira. In.: *Rev. do IHGB*, abr./jun. 1967, nº 275. p. 168/69.

V - “... um gênero Varnhageniano”¹⁹³

“Varnhagen é um historiador típico do século XIX”¹⁹⁴, diz Reis, citando Alice Canabrava (1971) e Nilo Odália (1979). Iglésias comentando esta condição temporal da obra vargeniana, acrescenta:

*“Tem-se, pois, em Varnhagen um estudioso em grande parte convencional, não além do entendimento de seu tempo. De quem viveu na Europa, versado em línguas, podia-se esperar mais.”*¹⁹⁵

O que não fica claro com essas afirmações é o que significa ser um estudioso “típico” do século XIX. Considerando as transformações, ou reavaliações, que os Oitocentos conheceram e a pluralidade caleidoscópica que as ciências, inclusive as humanas, adquiriram neste período, isso é uma crítica ou um elogio? Indubitavelmente o sentido dessa afirmação, quando usada pelos críticos nacionais, tem um tom de censura.

No entanto supomos que ser um “estudioso do seu tempo” significava, inclusive, conter toda a complexidade daquele período. Iremos demonstrar neste que, ao contrário do muito que se disse, Varnhagen é um estudioso típico do XIX, mas como

¹⁹³ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 192 (Carta ao Dr. Francisco Freire Alemão, botânico brasileiro. Madrid, 4 de novembro de 1852).

¹⁹⁴ REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 24.

¹⁹⁵ IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 84.

poucos o foram. Como o próprio autor comentou, procuraremos trabalhar aqui as sutilezas do “gênero Varnhageniano”.

5.1 – Crítica

Algumas observações relacionadas à análise crítica e interpretativa em Varnhagen fazem-se necessárias. Entre os leitores de Varnhagen, tanto os historiadores quanto os literatos, o consenso de que escrevera sem crítica é praticamente unânime.

Paradoxalmente ao que afirmam os críticos, Varnhagen não escreveu sem crítica. Ao contrário. Varnhagen, juntamente com o historiador português Alexandre Herculano, foi o precursor do estudo crítico no Brasil sendo, também, o precursor desse estudo na língua portuguesa.

O século XIX assistiu ao surgimento da sistematização dos documentos, que passaram a ser acondicionados em arquivos históricos. Esse procedimento tornou necessária a contribuição de outras ciências, denominadas auxiliares da história, para a sistematização das fontes. Tais como: a paleografia, diplomática, numismática, epigrafia, entre outras.

Com o auxílio dessas disciplinas os textos considerados “históricos” são submetidos à análise crítica, ou seja, a averiguação de sua natureza. Sendo assim o estudo da crítica em história reside na pertinência ou não de determinado texto, da sua autenticidade. Vejamos:

“Chega-se ao século XIX, conhecido como o século da história. Ela é renovada e enriquecida fundamentalmente na Europa, devido, sobretudo, à constituição sistemática das chamadas disciplinas auxiliares da história, que vão dar ao trabalho o necessário instrumental para rigor e êxito na pesquisa. Entre

elas distinguem a paleografia e a diplomática. Se vinham de antes, notadamente do século XVI, com a Renascença e a Reforma, para provar, através de documentos, propriedades contestadas de mosteiros e castelos, de ordens religiosas ou de senhores supostos proprietários, são técnicas que se aprimoraram e garantem ao pesquisador cada vez mais segurança. (...) É o esplendor da erudição. Revelam-se documentos até aí desconhecidos de todos, ao mesmo tempo que se aperfeiçoa o modo de trata-los e aproveita-los. Aparecem publicações especializadas, os arquivos despertam atenções de ordens religiosas ou dos poderes públicos.

Nesse clima, ganha vigor a idéia de edição sistemática das fontes. Certas nações adquirem técnicas eficazes, criam uma escola de pesquisa, com historiografia fundada em documentos, comprovação de quanto se afirma e única base para especulações explicativas ou interpretativas. Distinguem-se no esforço os alemães, entre os quais Nieburk e Ranke.”¹⁹⁶

Alguns procedimentos discutidos em obras destinadas à teoria e metodologia da história como, por exemplo, “*Teoria da História do Brasil*”¹⁹⁷, de José Honório Rodrigues, dedicam-se ao assunto.

Nessa obra, Rodrigues, do oitavo ao décimo quarto capítulo, discorre sobre os procedimentos da crítica documental. Citamos, resumidamente, alguns métodos: verificação de autenticidade documental, crítica de atribuição (discute a questão dos pseudônimos), crítica de textos (relacionada à edição de documentos históricos), crítica interna e externa (visa averiguar o autor e o valor do seu testemunho).

Os leitores e comentadores de Varnhagen, apontando que ele escreveu sem crítica, incorrem numa imprecisão terminológica, confundindo “crítica” com “interpretação”. Em 1949, José Honório Rodrigues denunciava este equívoco:

“É muito comum ouvir-se dizer, por exemplo, que faltou a Varnhagen espírito crítico, quando ele foi o iniciador da crítica histórica no Brasil, cabendo-lhe, tal como a Alexandre Herculano em Portugal, papel revolucionário na historiografia brasileira. Um autor é crítico em história quando é capaz do uso

¹⁹⁶ IGLÉSIAS, F. op. cit. pg. 40/41.

¹⁹⁷ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978. 500 p. 1ª ed. 1949.

adequado e correto das fontes históricas, examinadas sob o ponto de vista da autenticidade, integridade e credibilidade. Se, porém, ao construir sua narração ele se limita a reunir estes dados autênticos, íntegros e fidedignos, sem interpretação, então ele é um historiador crítico, mas não interprete, porque é incapaz de teorizar. A interpretação depende de outros elementos que serão indicados mais adiante. É exatamente este o caso de Varnhagen, às vezes incapaz de interpretar, por insuficiência filosófica e teórica.

Na historiografia portuguesa e brasileira foram Alexandre Herculano e Francisco Adolfo de Varnhagen que usaram pela primeira vez de processos críticos de exame e análise das fontes históricas. Ambos foram influenciados pela metodologia alemã e pela diplomática francesa. A aplicação segura dos princípios críticos permitiu que um escrevesse a História de Portugal e outro a História geral do Brasil, monumentos de saber e erudição.

*Se Varnhagen nunca foi desafiado a mostrar seus conhecimentos teóricos no campo da crítica histórica, ou nunca desejou divulga-los, preferindo apenas aplica-los nas famosas Reflexões críticas, que constituem a única e memorável tese da crítica brasileira, Alexandre Herculano foi obrigado a dar uma lição de método e crítica aos que o afrontaram na conhecida fábula da aparição de Cristo na Batalha de Ourique, que ele, por respeito à verdade histórica, omitira.”*¹⁹⁸

Dessa forma, os argumentos de que o historiador sorocabano não foi um crítico da história é uma análise estéril, sem fundamento. Realizou trabalhos de sólida análise crítica, muitos deles impressos nas páginas das Revistas do Instituto, com independência intelectual raramente encontrada nos historiadores nacionais. A título de exemplificação, citamos: “*Juízo acerca do compendio da Historia do Brasil*”¹⁹⁹, “*Breves commentarios – Á precedente obra de Gabriel Soares*”²⁰⁰, “*Reflexões críticas*”²⁰¹, “*Memorial Orgânico*”, “*O Caramuru perante a história*”...

¹⁹⁸ Rodrigues, José Honório. Crítica e História. In.: *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. p. 309.

¹⁹⁹ Publicado no n. 21 da Revista (T. 6 P. 60). In.: *Rev. do IHGB*, 1840. vol. 8, n° 2. p. 276-283.

²⁰⁰ In.: *Rev. do IHGB*, 1840. Tomo 10, primeiro trimestre. p. 449-460.

²⁰¹ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *Reflexões críticas sobre o escrito do século XIV (sic), impresso com o título de “Noticias do Brasil” no tomo III da “Coleção de Not. para a História e Geographia das Nações Ultramarinas etc.” acompanhadas de interessantes noticias bibliográficas e importantes investigações históricas*. Lisboa: Tip. da mesma academia, 1839. (século XVI; saiu no tomo V da mesma coleção [Vid. no presente volume o artigo C, 353])

O apurado trabalho de análise crítica realizado pelo autor foi assim descrito por Rodrigues:

“A edição crítica no Brasil tem sua origem nas já referidas Reflexões críticas de Francisco Adolfo de Varnhagen. Foi aí que pela primeira vez, se procurou estudar o melhor texto, baseando-se nas várias cópias existentes em diversas bibliotecas européias. Varnhagen mostrava-se, já então, inteiramente a par do desenvolvimento da crítica histórica no mundo. Depois de apontar os principais erros e adulterações de que estava inçado o exemplar impresso e as maneiras de corrigi-lo e melhor conjetura-lo, dizia: ‘que esse modo de restaurar a genuidade de um escrito antigo, idêntico ao que célebres críticos tem posto em prática, comentando os clássicos gregos e latinos, e empregando com tento, não deixará por ventura de ser aprovado e sancionado por um juiz são e livre de preocupações atrasadoras.”²⁰²

Reconhecer Varnhagen como o primeiro, e até hoje insuperável, crítico de fonte documental é um constrangimento que seus leitores não poderiam esquivar-se.

Julgamos, no entanto, que acusá-lo de não ter sido intérprete e de carecer de fundamentação teórica, é um julgamento imprudente²⁰³. Uma mera repetição de um estigma há muito consolidado. Nas palavras do próprio Varnhagen *“é proceder tão miseravelmente como um pedante ao concluir actualmente seus estudos scientificos, fosse notar faltas [?] sciencias em Plínio, ou em Linneo.”²⁰⁴*

²⁰² RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1978. p. 391.

²⁰³ Aspecto que será discutido no capítulo *“... um gênero vargeniano”*.

²⁰⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juizo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6.º P. 60). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIII, 1850. pág. 397/8. [Esta carta, que fórma o documento do *Appendice B na Replica Apologética* impressa em Madrid em 1846, era dirigida ao antigo secretario do Instituto, e se desencaminhou no original, talvez pelo falecimento do mesmo.]

5.2 – “Doutrinas Históricas”

Certamente esse é o capítulo mais delicado de nossa dissertação. Tentaremos esboçar aqui apenas algumas reflexões que supomos ser de interesse para a comunidade acadêmica, e que possam, talvez, estimular debates futuros. Assim como chamar atenção para a atualidade do autor, e necessidade de revisão da sua obra em assuntos referentes à teoria e metodologia da história.

Qualquer pesquisador que dedicar-se ao estudo de Varnhagen, notará que a ausência de capacidade interpretativa é o traço convergente entre seus leitores. Todos os leitores vargenianos nacionais, sem exceção, comungam desta idéia. Tanto para os literatos quanto para os historiadores, a obra de Varnhagen peca pela ausência de reflexão teórica. De Silvio Romero²⁰⁵ a José Veríssimo e, de Capistrano de Abreu a Arno Wehling²⁰⁶ este julgamento faz-se presente. Este mito construído em torno de Varnhagen dificulta a compreensão de seu pensamento, porque para nós é inegável a peculiaridade do “*gênero Vargeniano*”.

Constatamos que, em geral, muito desta censura dos leitores vargenianos da ausência de capacidade interpretativa é decorrente da leitura de Capistrano de Abreu. Nota-se que quando os críticos referem-se a esta questão utilizam citações de Capistrano. Como, por exemplo, em José Honório Rodrigues e José Carlos Reis, respectivamente:

²⁰⁵ ROMERO, Silvio. Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 163-176 (Tomo V).

²⁰⁶ WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 241 p.

“Como disse Capistrano de Abreu, Varnhagen soube escavar documentos, demonstrar-lhe autenticidade, solver enigmas, desvendar mistérios, revelar uma multidão de fatos. Compreender, porém, tais fatos em suas origens, em sua ligação com outros mais amplos e radicais de que demanam, generalizar, as ações e formular-lhes a teoria, não conseguiu nem conseguiu-lo-ia. Foi essa incapacidade teórica de Varnhagen que o impossibilitou de realizar, na obra mais completa da historiografia brasileira, uma bem planejada e bem arquitetada divisão de períodos. Varnhagen obedeceu quase que exclusivamente à cronologia, a que todos obedecem, mas sem periodizar.”²⁰⁷

“Capistrano lamenta que não tenha conhecido a sociologia (...) não pode produzir generalizações, formular uma teoria que permitisse a sua compreensão. (...) conclui enfaticamente sua avaliação da História geral do Brasil: ‘mãos a bolos! é preciso reconhecer nele o mestre da história do Brasil’ (Abreu, 1975 a).”²⁰⁸

Tomando a liberdade de parafrasear Varnhagen, afirmamos que tanto em Rodrigues quanto em Reis, ambos citando Capistrano: *“As primeiras linhas em que os dois escriptores se encontram e começam a perigrinar pagina por pagina com as mesmas idéas (...).”²⁰⁹*, isto é, a idéia de Varnhagen fosse um refinado compilador.

Avaliação presente inclusive nos leitores mais recentes do autor. No livro de Iglésias, publicado em 2000, faz a seguinte reflexão:

“Tinha capacidade de trabalho e visão de conjunto, embora carecesse de uma teoria que lhe enriquecesse a capacidade de intérprete, permitindo-lhe organizar o material, ajudando-o a captar o fio do processo, que às vezes lhe escapava e nem percebia. Para tanto contribuíam ainda os seus preconceitos de conservador-reacionário, de visão mais estática que dinâmica.”²¹⁰

²⁰⁷ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1978. p. 133.

²⁰⁸ REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 23-50.

²⁰⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Primeiro Juízo: submetido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, á cerca do “Compendio da História do Brasil” do Sr. José Ignácio de Abreu Lima. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. vol. 6, n° 21, 1844. p. 68.

²¹⁰ IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 75.

Wehling, concordando com esta premissa historiográfica, chega à conclusão de que “(...) podemos admitir que Varnhagen, embora não fosse um filósofo político e estivesse longe de construir um pensamento explícito na matéria (...),”²¹¹ mas que:

“Afirmar que não há em Varnhagen a preocupação de fundamentar filosoficamente sua moral não o desmerece intelectualmente: apenas o situa no contexto historicista e romântico de meados do século XIX.”²¹²

Não temos certeza se em Varnhagen não “há preocupação de fundamentar filosoficamente sua moral”, como diz Wehling. Podemos afirmar, no entanto, que é pouco prudente a análise generalizante do pensamento do autor, isto é, sem reconhecer variações desse. O próprio autor, em carta a Almeida Garrett em 1850, refere-se a mudanças no seu modo de pensar: “E isto mais quando eu estou muito mudado não só na cara (dizem), como até [em] certo modo de pensar.”²¹³

A pertinência da filosofia no pensamento do autor deve-se ao movimento ambíguo de aceitação e recusa dessa disciplina. De um lado, Varnhagen de fato rejeita a filosofia. No entanto, sua recusa filosófica é antes baseada em legitimação da ciência histórica do que ignorância do debate.

²¹¹ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1978. p.91

²¹² WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 58/9.

²¹³ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 158. (A João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, Visconde de Almeida Garrett. Madrid, 16 de Maio de 1850).

Isto é, para o autor filosofia e história são disciplinas diferenciadas, tendo a história autonomia sobre a outra. O Sr. Visconde tem por princípio a diferenciação das diversas culturas que somente pela história com o estudo das particularidades, através da observação empírica, poderá analisar, enquanto a filosofia produz generalizações. Encontramos este texto do “*Panorama*” em que o autor discorre sobre essa questão, antecipando o debate indianista e a teoria de Rousseau que iremos abordar em tópico adequado:

*“Contam, porém, nossos antigos escriptores taes horrores da incontinencia destes barbaros [os indigenas] que excedem a toda a comprehensão; mormente se reflectirmos nos pomposos encômios ás virtudes do homem da natureza, que por ahi se lêem nesses philosophos, os quaes carregam a pobre sociedade com as culpas de todos os crimes e vícios. Mas nem só há theologos ascéticos; os philosophos também o não são pouco. Encerrados entre quatro paredes fingem um mundo a seu talante, e ás cegas se engolfam no profundo pèlago da contemplação. Sahi do vosso gabinete, philosophos, percorrei o mundo, estudai os homens e as cousas, e generalizai depois, que eu vos fio, será então a vossa generalização a expressão abstracta dos factos, a verdade. Se assim tivesse praticado Rousseau, não faria um semi-deus ao homem bárbaro: nem Rousseau negaria factos vulgares e irrefreáveis só para escorar uma theoria cerebrina e sem realidade. Porém, isto de philosophos é gente muito ruim de contestar.”*²¹⁴

²¹⁴ [s/a]. Artigo extraído do “*Panorama*”. In.: *Rev. do IHGB*. [s/d], nº 28, vol. 7. p. 506. Embora o texto não tenha sido assinado, temos certeza que a autoria seja de Varnhagen. Os motivos que nos levaram a esta conclusão foram:

1. O uso de citação de Camões. Um dos poetas preferidos de Varnhagen, por ele denominado “*príncipe dos nossos poetas*”, recorrente em seus textos.
2. Não ter assinado o texto, que como dissemos é uma característica do autor, principalmente nos textos ‘polêmicos’.
3. Analisa com riqueza de detalhes os costumes indígenas.
4. Crítica veementemente de tal cultura. Fato que supomos ser presente apenas em Varnhagen, dentre seus contemporâneos.
5. O conhecimento detalhado do vocabulário indígena, bem como referências, igualmente detalhadas, em relação a conceitos pertinentes à análise literária do vocabulário indígena.
6. Divisão das nações indígenas, presente em Varnhagen. Por exemplo: Tupiniquins, Tupinaes ou Tupignaes, Apigapitangas, Muriapitangas, Tupinambás, Carijós, Guainacazes, etc.
7. Delimitação geográfica de onde habitavam as nações, e também distinção das rivalidades entre estas.

A afirmação da história como disciplina autônoma, independente da filosofia, ocorre através da metodologia. Para o paulista de Sorocaba, herdeiro das tradições dos bandeirantes, em contraposição aos intelectuais de gabinete da Corte litorânea e europeizada, a metodologia histórica é o pilar do seu trabalho:

“... reunindo por mais antiga e espontânea vocação os elementos para a organização de uma conveniente História da Civilização do Brazil, que é este dos paizes que mais se proporciona quando haja os elementos ao novo methodo de escrever a história.”²¹⁵

Por outro lado não podemos negar que há nuances de discussões teóricas no autor. Nossa suposição é de que Varnhagen não está restrito ao trabalho com as fontes, preocupação típica dos historiadores do XIX. Na leitura das fontes constatamos que há unicidade no seu pensamento, e que havia em Varnhagen um pensamento lógico que organizava o seu raciocínio. Não era ele mais um dos meros historiadores de “cola e tesoura que perseguia o documento e o reproduzia como obra histórica”²¹⁶, como fora a prática, nos oitocentos, dos discípulos de Ranke.

8. Uso da seguinte frase, que ao que parece é uma citação (Anchienta ou Nóbrega ?), presente em outros textos do autor: “*Tem muita graça quando fallam, mormente as mulheres. São mui compendiosos na fôrma da linguagem, e mui copiosos no seu orar; mas falta-lhe três letras das do ABC, que são F, L e R (grande ou dobrado), cousa muito para se notar, porque se não têm F, é porque não tem fê em nenhuma cousa que adorem, nem os nascidos entre os christãos e doutrinados pelos padres da companhia têm fê em Deus Nosso Senhor, nem têm verdade, nem lealdade a nenhuma pessoa que lhes faça bem. E se não têm L na sua pronunciação é proque [sic] não têm lei nenhuma que guardar, nem preceitos para se governarem, e cada um faz lei a seu modo, e ao som de sua vontade, sem haver entre elles reis com que se governem, nem têm lei uns com outros. E se não têm esta letra R na sua pronunciação é porque não tem rei que os reja e á quem obedeçam, nem obedecem a ninguém, nem ao pai ao filho, nem o filho ao pai, e cada um vive ao som da sua vontade. (...).*” p. 501/02.

²¹⁵ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 92. (.Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não tem data completa o original, é do ano de 1843).

²¹⁶ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1978. p. 420. 4. ed.

A consciência de que o trabalho histórico não é meramente compilação, foi por ele denunciada em críticas ao trabalho do sr. Abreu Lima. Essa crítica, embora direcionada a Abreu Lima, mostra-nos que o distanciamento do autor com os membros do Instituto em parte têm natureza de influências históricas, ou de escolas históricas:

“Concluirei com algumas reflexões mais. Escrever uma história, encarar n'ella devidamente os factos, e contal-os com algum interesse para o leitor, e com proveito para o paiz, não é ser um mero compilador. Para escrever uma história é necessário ter fé viva no que se escreve, e um entusiastico amor pela verdade: é necessário que a alma do historiador tenha se arrebatado á vista da grandeza dos acontecimentos que tem de descrever, afim de apresental-os elevada e nobremente. Para ajuizar os factos é necessário que o historiador tenha erudição no assumpto, critica histórica, independência de character, luzes geraes dos conhecimentos humanos e consciência: é necessário que seja grave, urbano, e que tenha miras de bom estadista. – Para ser compilador, e ainda melhor plagiario, basta ter ido a escola e saber copiar traslados, e ter muito atrevimento, - como tem sempre os mais ignorantes.”²¹⁷*

Parece-nos que a expressão “*doutrinas históricas*”, largamente utilizada pelo autor, tem sinonímia com o que hoje denominamos “*referência teórica*”. Termo que pode ser observado nos textos de análise historiográfica, principalmente nos “*Juízos*” encontrados nas Rev. do Instituto:

“ (...) para deixar explicadas algumas duvidas ou observações suscitadas contra as doutrinas históricas que emitto no parecer ou juízo impresso no n. 21 do tomo 6.º da Revista sobre o compendio da

* Em itálico pelo autor.

²¹⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juízo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6.º P. 60). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIII, 1850. pág. 400. [Esta carta, que fôrma o documento do *Appendice B na Replica Apologética* impressa em Madrid em 1846, era dirigida ao antigo secretario do Instituto, e se desencaminhou no original, talvez pelo falecimento do mesmo.]

*História do Brasil (...) sobre os quaes versam os reparos de um pseudo-crítico (...)*²¹⁸

A citação abaixo é igualmente ilustrativa da percepção que o termo “doutrinas” tinha para o autor nuances de significação teórica:

“Mas, infelizmente para nós e para s letras e para as letras e para a nossa história tanto prazer, tanto entusiasmo tinha de ser correspondido por uma reacção toda de melancolia e tristeza. Declara em seguida o Sr. Abreu e Lima, e revela-o ainda depois melhor o se próprio compendio, que a traducção portugueza de uma chamada História do Brasil, que corre como trabalhada por Alfonso de Beauchamp, fôra o texto que seguiu principalmente no longo periodo, por ora pouco averiguado, desde a colonisação de Martim Afonso até a chegada da casa de Bragança ao Brasil, isto é, desde 1532 até 1808 – o que constitue a doutrina desde pág. 27 até quasi o fim do volume, até o principio da pág. 256.”*²¹⁹

Podemos elaborar algumas hipóteses comparativas entre o trabalho de Varnhagen com o do IHGB porque trabalhamos paralelamente com as revistas do referido Instituto e notamos que são principalmente nas “Atas”, “Juízos”, “Prêmios”, “Additamentos” que denunciam esse referencial teórico e metodológico das influências históricas de nosso autor.

Varnhagen munuiu-se de erudição para compor seu trabalho histórico. É inclusive no seu vocabulário que observamos que questões pertinentes à

²¹⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juízo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6.º P. 60). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIII, 1850. pág. 396. [Esta carta, que fôrma o documento do *Appendice B na Replica Apologética* impressa em Madrid em 1846, era dirigida ao antigo secretario do Instituto, e se desencaminhou no original, talvez pelo falecimento do mesmo.]

* Em itálico pelo autor.

²¹⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Primeiro Juízo: submettido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, á cerca do “Compendio da História do Brasil” do Sr. José Ignácio de Abreu Lima. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. vol. 6, n.º 21, 1844. p. 62/3.

fundamentação teórica-metodológica são presentes no autor. Entre seus contemporâneos, é somente no autor que o debate sobre o conceito hermenêutica faz-se presente:

“O Sr. Abreu Lima dá a entender não se propor á discussão, e como cede campo aos que se quizerem dar a esse trabalho (nota na pág. 10); mas nós temos o direito de pôr embargos, e até de protestar contra o que nos prospecto da obra disseram os Srs. editores, isto é, que o auctor – ‘para a compilação que fez, consultou tudo quanto se há publicado desde o século XVI até o presente; e muitos factos históricos se acham corrigidos por elle, e outros essencialmente alterados, ou modificados, segundo as regras da mais sã hermenêutica; de sorte que todos os factos controvertíveis da história do Brasil foram por elle elucidados em notas instructivas, cheias de vasta erudição’.”²²⁰

A hermenêutica foi o recurso que o Visconde utilizou para destacar um debate maior: a diferenciação entre história e memória, história e fábula. Trabalho que teve repercussão extremamente negativa entre os membros do Instituto, muito embora eles não puderam esquivar-se do debate. Supomos ser necessário comentar que a preocupação hermenêutica de Varnhagen consolidou o princípio dos trabalhos acerca dos indígenas (seria interessante observar como os antropólogos utilizam-se do trabalho do autor).

Notamos que no Instituto o comprometimento com os princípios “científicos” do fazer história não são uma preocupação, isto é, até meados de 1854, com a publicação da “HGB”, há uma guerra, literalmente, entre concepções históricas. A diferenciação entre história, memória, fábula e literatura, se preferirem entre o

²²⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Primeiro Juízo: submettido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, á cerca do “Compendio da História do Brasil” do Sr. José Ignácio de Abreu Lima. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. vol. 6, n° 21, 1844. p. 80.

romantismo e o cientificismo, denotam o perfil desses grupos e a ‘vanguarda’ dos estudos históricos de Varnhagen.

Varnhagen, utilizando-se dos instrumentos metodológicos para escrita da história, vai desestruturando o discurso histórico do IHGB. Vejamos a seguinte argumentação da diferenciação entre história e fábula:

“3.º - Como justifico eu serem fabulas as historias acerca de indígenas gigantes e anões?

R. – Pelo bom senso; e se este não é o bastante, pela autoridade do celebre d’Orbigny, que viajou muitos annos na América do Sul, só para escrever a sua obra *De l’Homme Americain* (...).”²²¹

Não foram poucas as situações que Varnhagen causou mal-estar nos ihgbianos. Analisando a obra do historiador Sebastião da Rocha Pitta, “*História da América Portuguesa*”, Varnhagen²²² questionou a utilização que Pitta fez do poema de Santa Rita Durão, “*Caramuru*”²²³, discutindo as diferenciações entre história, literatura e fábula.

O auge do texto é quando nosso autor desmistifica a “*fábula*” de que a índia Paraguassú teria atravessado o Atlântico a nado para encontrar com seu amado na Espanha, casando-se e tendo filhos que foram levados à pia batismal por Catarina de Médici e Henrique II. Eis trecho do referido artigo onde Varnhagen, com o seu habitual

²²¹ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juízo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6.º P. 60). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIII, 1850. pág. 398. [Esta carta, que fórma o documento do *Appendice B na Replica Apologética* impressa em Madrid em 1846, era dirigida ao antigo secretario do Instituto, e se desencaminhou no original, talvez pelo falecimento do mesmo.]

²²² VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. O Caramuru perante a história. In.: *Rev. do IHGB*, 1848. Tomo 10, segundo trimestre. pp. 129-152.

²²³ SANTA RITA DURÃO. *Carumuru*: poema épico do descobrimento da Bahia; edição precedida da biographia do autor pelo Visconde de Porto-Seguro. Rio de Janeiro; Paris: Guarnier, 1913.

estilo irônico, denuncia o quanto de “(...) *bellas fabulas* (...) *estão cheias todas as historias*”:

“E que espirito haverá tão positivo e incrédulo, que coração tão duro e tão de pedra, que se não commova ao ver a infelizia Moema abrasada de amor e ralada de ciúme seguir a nado um navio francez, em que já a sua rival ia desfructando a porfiada posse, exhalar nas aguas o ultimo suspiro? E quem não tomaria parte na admiração de uma indígena americana quando seus olhos fartos de tantas grandezas phisicas, de tanta obra do Creador, viram na Europa pela primeira vez tanta arte, tanta obra do homem?”²²⁴

O curioso é que esse não foi um tema eleito por Varnhagen, mas proposto como prêmio pelo Instituto, “*na quinta sessão publica anniversaria, para o anno de 1845*”²²⁵. E mesmo após esse alentado, e irônico, estudo do autor, houve vozes que divergiram dele. Isto é, insistindo no que Varnhagen chamava de “*mytho heróico*”.

Neste texto podemos observar diversos elementos da fundamentação metodológica do autor, como também, sua fundamentação teórica:

“(...) tudo poderia sem grandes esforços da imaginação offerecer conjecturas para formar um romance histórico do gênero análogo aos que tanto se usam (a ponto de terem conseguido alentar o scepticismo histórico), gênero de composição em que, apesar de nos apresentarmos ostentando tanta severidade a tal respeito, já nos não podemos gabar de sã ter lançado alguma insignificante pedra.”²²⁶

²²⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. O Caramuru perante a história. In.: *Rev. do IHGB*, 1848. Tomo 10, segundo semestre. p. 151.

²²⁵ PREMIOS: proposto pelo Instituto & porpostos por S.M. o Imperador. In.: *Rev. do IHGB*. [s/d], nº 23, vol. 6. p. 562-63.

²²⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. O Caramuru perante a história. In.: *Rev. do IHGB*, 1848. Tomo 10, segundo trimestre. pp. 148.

Outra questão recorrente nos estudos atuais sobre teoria histórica, a subjetividade ou não do historiador, pode ser observada no autor. Citamos, a exemplo, a seguinte análise do autor que em carta ao Imperador faz a seguinte observação:

“Senhor!
A História Geral do Brazil fica concluída. (...) Desejava chegar com a redacção ao anno de 1825 e comprehender a Constituição, e o reconhecimento da Mãe Pátria e o nascimento de V.M.I., mas não me foi possível. Tão espinhosa é por enquanto a tarefa da imparcial narração desse periodo, sobretudo para um nacional. Daqui a poucos annos não o será.”²²⁷

Em um outro estudo, raramente citado pelos estudiosos vargenianos, “*Como se deve entender a nacionalidade na Historia do Brasil (Memoria)*”²²⁸, de 1852, e publicado apenas em 1948, vemos um consistente estudo do autor sobre as ‘qualidades necessárias a um historiador’, com a discussão sobre a importância da formação filosófica do historiador. Isto é, em Varnhagen “*obvia é á necessidade de que o historiador seja a um tempo erudito, philosopho, e litterato*”²²⁹

“No seculo actual niguem poderá alcançar este título, sem que a um tempo seja erudito no Assumpto, philosopho, litterato, e até diremos ás vezes, poeta. Expliquemo-nos.

Sem erudição no assumpto não existe materia de que escrever historia, ou a obra escripta, sem factos muito averiguados (por mais esmerada que seja a elocução), não poderá ser recebida, sobretudo dos estrangeiros, senão como uma novella ou romance provavel.

Mas se elle não é philosopho, isto é se não tem muito discernimento crítico (para o qual se necessita luzes geraes dos conhecimentos humanos), se é elevado pela paixão, maxime por impulsos menos nobres de odio, ou de despeito, ou de vingança, se não é dotado de

²²⁷ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 201 (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 6 de Maio de 1853).

²²⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *Como se deve entender a nacionalidade na Historia do Brasil (Memoria)*. In.: *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis (RJ): Ministério da Educação e Saúde, 1948, vol. 9. pp. 229-236. (escrita em 1852).

²²⁹ Idem, *ibidem*. p.

independencia de character, se não professa sãs maximas de politica e se sciencias do governo, applicaveis ao seu paiz, a sua obra será apenas uma chronica, mais ou menos bem escripta, e não poderá satisfazer á condição de ser, alem de testimunha do tempo passado, luz e guia para a marcha da nação á qual a historia deve não só ministrar exemplos de patriotismo e de governo, como apontar e censurar os erros e faltas commetidas no passado, a fim de poupar gerações futuras o cair nos que já custarão tristes experiencias a outros.”

É certo que alguns poderão questionar que nossa argumentação em nada refere-se à interpretação histórica, mas antes à crítica. Mas o que é lícito exigir de um historiador da primeira metade do século XIX sobre interpretação, quando a história está consolidando seus aspectos teóricos-metodológicos? Acaso a tenaz persistência de Varnhagen em legitimar a autonomia da história enquanto disciplina, em relação à filosofia e a literatura, não pertence ao âmbito dos debates teóricos? E, igualmente, a função interdisciplinar destas, através dos recursos para a construção do conhecimento histórico, também não pertencem? Diferenciação entre ‘*mytho*’, fábula, memória e história não pertencem igualmente ao debate teórico?

“3.º - Como justifico eu serem fabulas as historias acerca de indigenas gigantes e anões?

R. – Pelo bom senso; e se este não é o bastante, pela autoridade do celebre d’Orbigny, que viajou muitos annos na América do Sul, só para escrever a sua obra *De l’Homme Americain (...)*.”²³⁰

Discussões acerca do estilo na história, e mesmo as atuais reflexões sobre “narração”, discutidas pelo autor, também não pertencem ao debate teórico?

²³⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juízo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6.º P. 60). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIII, 1850. pág. 398. [Esta carta, que fôrma o documento do *Appendice B na Replica Apologética* impressa em Madrid em 1846, era dirigida ao antigo secretario do Instituto, e se desencaminhou no original, talvez pelo falecimento do mesmo.]

“Venha porem o homem mais erudito nos annaes historicos d’um paiz, e seja elle tão philosopho e estadista quanto se queira, poderá ainda escrever uma pessima historia, com que não ature um só leitor, se o desalinho da linguagem, e a incorrecção de frase a faz confuza, ou o que ainda é peor, se os ornatos pretenciosos, alheios tantas vezes á difficil facillidade que deve mostra o estylo, a tornão desagradavel. Na narração historica o historiador deve, quanto possa, aproximar o estylo do dos oradores da tribuna. – Cumpre ser correcto, puro, harmonico e tão elegante quanto possa, sem cair em affectação. Todo escripto historico depende da narração; e esta se acha submettida aos preceitos da unidade, da verossimilhança (pois verdades ha que mal contadas se tornem inverossimeis), e do interesse para todo o leitor. Estes preceitos não forão conhecidos ou entendidos pelos dous chronistas do Rio de Janeiro, Pizzaro e Balthazar, e por isso suas obras não tem quem as lêa.”²³¹

Afirmar que não interpretou porque não conhecia a sociologia, como afirma a leitura de Capistrano, tão repetida pelos seus seguidores, significa exatamente o quê? Que não fez generalizações? Mas se intencionalmente Varnhagen buscava afirmar o diferencial de uma cultura em particular, demarcando a diferenciação da história sobre a generalização filosófica, não interpretou? O que Iglésias sugeria com tal afirmação?

“Tem-se, pois, em Varnhagen um estudioso em grande parte convencional, não além do entendimento de seu tempo. De quem viveu na Europa, versado em linguas, podia-se esperar mais”²³²

Ademais há que se ressaltar os interlocutores do autor. Diversos foram os interlocutores com os quais Varnhagen dialogava em sua obra. Dentre os historiadores, destacamos Humboldt, presença de grande relevância no pensamento do autor. Uma das poucas presenças, citadas por Varnhagen, sobre o qual não recaiu nenhuma crítica:

²³¹ Idem, ibidem, p.

²³² IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 84.

“(...) o grande Humboldt, na conclusão do Exame crítico sobre a história do novo Continente, obra escripta com a maior erudição e independência, e um admirável espírito analytico.”²³³

Parece-nos que a influência de Humboldt é referência historiográfica determinante em Varnhagen. Entretanto, não poderemos delimitar essa influência porque apenas encontramos as obras do autor em alemão e não dominamos a língua. Dentre as influências dos historiador, chamamos atenção também para a influência de Tayne. Ademais, o diálogo de Varnhagen com os principais jornalistas do XIX, ainda tem que ser apurado, visto que a imprensa, como já dissemos, é uma espécie de referência teórica no autor:

“Em todo caso, fora das questões de política interna (em que os redatores, que não eram homens políticos, se mostravam pouco conseqüentes), as paginas do Investigador continham muita leitura instrutiva, acompanhavam de muito perto o movimento literário e científico, e ainda em geral, o político da Europa e da América, e serviram para esclarecer e formar muitos indivíduos que depois figuravam. Tem-se notado que a leitura das Revistas enciclopédicas é um dos melhores meios de desenvolver, por meio dos fatos e da argumentação, os indivíduos de talento, já para ela preparados com certos estudos regulares.”²³⁴

Por fim, uma última reflexão faz-se necessária. Diante do quadro que apresentamos, julgamos pertinente responder a seguinte asserção de Reis:

“Seria possível esperar um Varnhagen socialista? Democrático? Antiescravista? Um Varnhagen fora da sua atmosfera

²³³ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juízo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T. 6.º P. 60). In.: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brasil*, tomo XIII, 1850. pág. 399. [Esta carta, que fôrma o documento do *Appendice B na Replica Apologética* impressa em Madrid em 1846, era dirigida ao antigo secretario do Instituto, e se desencaminhou no original, talvez pelo falecimento do mesmo.]

²³⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed. T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 225.

*temporal, fora do leito da história? Individualmente, ele poderia ser socialista, democrata e antiescravista e teria um interesse particular, pioneiro; mas sua obra não representaria o seu tempo, não teria valor coletivo e histórico que nos interessa ressaltar.*²³⁵

Não foi socialista, aliás este é um dos motivos do afastamento de Varnhagen com Alexandre Herculano: “(...) *repito, a que, com mais de quarenta annos de idade, eu – tão respeitador das gerarchias sociaes, e não meio socialista (como v. gr. em Portugal o Sr. Herculano, que nem quiz ser empregado do Estado) (...).*”²³⁶

Entretanto não foi socialista por ignorar o debate, posto que essa sentença do autor foi re-elaborada, teve na juventude simpatias pelo ideal socialista. Mas o que interessa realçar é que discutiu tal questão.

Não foi democrata por, a princípio, dois motivos: a recusa do modelo jacobino da Revolução Francesa e por ser impossível tal regime numa Nação escravista e praticamente analfabeta. Idéias bebidas novamente, e inclusive, de Hipólito José da Costa: “‘... *não supomos que o Brasil em tal estado de educação que se lhe pudesse facilmente adotar alguma representação popular...*’”²³⁷

Entretanto era defensor do “*belo ideal*” do governo representativo, como pode ser observado na citação do jornal “*Brasiliense*”: “*Há um meio, o qual somente desejamos, entre o despotismo e a anarquia, e todos os males acharão remédio*

²³⁵ REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 33.

²³⁶ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 244. (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 14 de Julho de 1857).

²³⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed.T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 233.

*quando esse meio for seguido [governo representativo].*²³⁸ Questionava acirradamente o ‘modelo’ do monarquismo tropical. Finalmente, também, não foi ‘democrata’ porque ele “(...) *considerava o ideal monárquico essencial para a manutenção da unidade nacional. Julgava a forma republicana responsável pelo esfacelamento do império espanhol na América.*”²³⁹ Discussão que pode ser amplamente analisada no já citado capítulo “*Escritores, viajantes e imprensa*”, presente na “*HGB*”.

Antiescravista? Varnhagen foi crítico irrefutável do sistema de escravidão africana. Inclusive, o anti-indianismo, assim como as divergências “bairrista” entre Varnhagen, paulista, e o IHGB, carioca, contém elementos de defesa da abolição da escravidão:

*“Os Paulistas com o espírito ainda alboratado, e desvanecidos pelo heroísmo praticado na sua revolução, foram surdos a todas as propostas; protestaram contra tudo que fosse libertar os Índios, e tiral-os do seu serviço captivo. Argumentavam estes outros brasileiros d’então, para manterem e apoiarem a escravatura indígena, com as mesmas razões que ainda obrigam os Brasileiros de hoje a permittir e tolerar no seu livre território a conservação da escravatura africana. – Por tanto, se tal pretensão não poderá deixar de ser ao presente indeferida pelas idéas luminosas da philosophia moderna, não é justo que seja vituperada e condemnada cruelmente pelos que no meado do século 19 conservamos a escravidão africana, por em quanto julgada indispensável para o progresso da industria. Cuspir em taes casos infâmias contra as gerações passadas por seus actos, vale o mesmo que amaldiçoarmos os nossos com opprobio e ignomia.”*²⁴⁰

²³⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Escritores, viajantes e imprensa*. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. p. 234.

²³⁹ LACOMBE, Américo Jacobina. A construção da historiografia brasileira. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, 152 (370), jan./mar. 1991. p. 261.

²⁴⁰ VARNHAGEN, F. A de. *Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.*: Salvador Correa de Sá Benevides. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, III (9): 104. 1841.

Reis poderia ter alegado que Varnhagen não defendeu a abolição da escravidão de forma apaixonada. Aliás nem poderia, a crítica à escravidão africana é, também, uma crítica ao modelo político e econômico adotado pela coroa portuguesa no Brasil Colonial. Mas é fato que em Varnhagen a abolição era fator essencial para a construção da Nação:

“(...) e procurando finalmente, por meios lentos, cautelosos e politicos, fazer, como se fez a Europa, que em seculos futuros, d’aqui duas ou tres gerações (antes seria perder o Brasil) não haja um só servo, nem bugres bravos, e todos venhão na patria a ser cidadãos.”²⁴¹

Isto é, para Varnhagen a abolição da escravidão era ao mesmo tempo um empecilho à construção da Nação, um fator de atraso econômico e ainda há traços, muito embora a literatura sobre o autor não reconheça, de respeito humano. Entretanto foi abordada pelo autor de forma diplomática, Varnhagen não defendia a abolição imediatista, pois iria acarretar diversos agravantes socioeconômicos. Aliás, idéia compartilhada por outros intelectuais do período, citamos, a exemplo, Hipólito José da Costa e o desembargador Veloso de Oliveira, ambos mencionados pelo autor. Vejamos a seguinte passagem da “HGB”, na qual Varnhagen defende a abolição, citando os autores acima:

“O desembargador Veloso de Oliveira era filho de São Paulo²⁴², e como magistrado servira antes na ilha da Madeira, e fora depois o 1.º chanceler da Relação do Maranhão. Ainda que modesto, foi um dos estadistas mais ilustrados e de idéias mais liberais e sensatas da época do reinado, e da independência; e a não ser já pela idade e falecer logo, se

²⁴¹ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Como se deve entender a nacionalidade na Historia do Brasil (Memoria). In.: *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis (RJ): Ministério da Educação e Saúde, 1948, vol. 9. pp. 229-236.

²⁴² Note-se o fato de Varnhagen chamar atenção para a naturalidade paulista do desembargador.

houvera distinguido no reinado de Pedro I. Defendeu com audácia a idéia de acabar-se com a escravidão hereditária da raça africana (...).

Transcrevemos aqui as suas própria palavras. (...) 'Por que razão ... me não será permitido desejar ao menos que no Brasil nasçam livres os filhos de escravos, e que a escravidão seja puramente pessoal, ou o triste premio daqueles que ela libertou da morte? A humanidade, os bons costumes, a industria, a segurança interna e a defesa exterior ganhariam muito nesta feliz alteração ... Conviria talvez (e eu creio²⁴³) que os filhos dos escravos nascido no seio da liberdade se conservassem nas casas onde viram a luz do dia até a idade de 25 anos, recebendo a competente educação e prestando os devidos e racionais serviços que deles exigissem, sendo tratados como libertos ou órfãos, e aprendendo um oficio ou profissão de que pudessem viver ao depois.'²⁴⁴

(Insistimos na confrontação política entre monarquistas e republicanos, acerca da recusa de Varnhagen. Obviamente a defesa desse projeto não seria aceita pelos membros do Instituto).

Supomos assim, que a sentença de Reis, de “*um Varnhagen fora da sua atmosfera temporal, fora do leito da história*”, não é procedente, porque as justificativas que o autor discorre para tal conclusão são, na verdade, extremamente pertinentes “*ao leito da história*” Oitocentista e ao autor, representando obviamente o seu tempo, que fora definido pelo próprio Varnhagen como sendo um “*século oscillatório*”²⁴⁵

Para nós, é exatamente neste chamado “*interesse particular, pioneiro*”, que segundo Reis descontextualizaria a obra vargeniana, que reside o valor

²⁴³ Varnhagen.

²⁴⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. p. 219 (Ver: *Revista do Instituto Histórico*, 31, parte, 1.ª, 77).

²⁴⁵ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 43. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa [s/d]).

histórico que “*nos interessa ressaltar*”. Já que o próprio Varnhagen ambicionava “*á condição de ser alem de testimunha do tempo passado*”.²⁴⁶

²⁴⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Como se deve entender a nacionalidade na Historia do Brasil (Memoria). In.: *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis (RJ): Ministério da Educação e Saúde, 1948, vol. 9. p. 229.

VI – Interlocutores “oficiais”

Em história estamos sempre dialogando com a literatura produzida. Varnhagen também dialogou com os seus. Muito embora tenha dialogado com diversos intelectuais que influenciaram diretamente seu pensamento e sua obra, apenas três são destacados por seus críticos: José Bonifácio, Robert Soutey, Von Martius e, recentemente, Hegel. Tentaremos fazer um rápido esboço de como esses intelectuais são apresentados pelos leitores varnagianos, apresentando-se como um paralelo à perspectiva de Varnhagen. Ao fim, faremos uma breve exposição de algumas das influências do autor por nós localizadas.

6.1 – Robert Southey

Na já citada obra de José Carlos Reis, o autor, citando Dias, defende a idéia de que Varnhagen estabelece um diálogo, ou uma resposta, com Robert Southey. O motivo deste diálogo deve-se ao modelo da colonização brasileira estabelecido por Southey:

“Varnhagen e os nativistas do IHGB se revoltaram contra esta apreciação negativa de Southey em relação à colonização portuguesa e ao futuro da jovem nação. Para estes, a colonização portuguesa teria sido um enorme feito, e o futuro estava aberto ao sucesso da nova nação (Dias, 1974:237).”²⁴⁷

Quanto aos nativistas ihgbianos, não poderemos questionar. Entretanto, em relação a Varnhagen a afirmativa não procede. Deverá, ao menos, ser

²⁴⁷ REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 22.

relativizada, ou revista, isto porque, tanto Dias quanto Reis, generalizaram a argumentação sem justificativa pertinente, não se atendo às fontes.

Na “HGB”, capítulo “*Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado*”, Varnhagen elogia o trabalho do historiador inglês:

*“Do Southey, injustiça de nossa parte fora não confessar, que são preciosíssimos os três volumes que nos deixou, pelas muitas notícias que encerram, e das quais algumas não se encontram senão aí, o que praticamente tentamos por vezes indicar com várias remissões a essa obra.”*²⁴⁸

Apresentado, sob sua perspectiva, os motivos pelos quais Southey tornou-se impopular no Brasil:

“Cumpro declarar, entretanto, que os três volumes de Southey são, mais do que uma história, com a competente concisão e unidade, ‘memórias cronológicas, coligidas de muitos autores e vários manuscritos para servirem à história do Brasil, Buenos Aires, Montevideu, Paraguai, etc.’ Por isso se nota nesses volumes a falta de nexos, e a cansada repetição de insossas descrições (sobretudo acerca dos índios) que são causa de sua pouca popularidade.

*Também devemos lastimar que se mostre tão intolerante com os brasileiros nos assuntos religiosos, motivo por que o original da sua obra nunca se fez popular no Brasil.”*²⁴⁹

Parece-nos que a justificativa de Varnhagen é mais sólida do que dos seus críticos. O autor, Varnhagen, apresenta-nos uma versão diferenciada da receptividade da obra de Southey, estabelecendo um paralelo com a intolerância religiosa, ponto que é acirradamente por ele criticado em diversos estudos (como pode

²⁴⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado*. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed.T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 211/2.

²⁴⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado*. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed.T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 212.

ser constado nos diversos escritos acerca da Inquisição e sua perseguição aos seguidores do “*Talmud*”).

6.2 – José Bonifácio

Não nos seria possível negar que Varnhagen divergia em alguns aspectos do pensamento do “*Patriarca da Independência*”. Assim como não nos é possível ignorar que seus pensamentos convergiam em vários aspectos.

Ao analisarmos os leitores varnagianos, notamos duas correntes explicativas para essas divergências, em certa medida convergentes. A primeira, defendida principalmente por José Honório Rodrigues, discute a divergência por motivos de concepção historiográfica; a segunda, adotada em geral pelos leitores contemporâneos, analisa-a sob aspectos pessoais.

A de José Honório Rodrigues analisa essa questão pela veia historiográfica. Para o autor, Varnhagen, com sua “*visão conservadora*”, não aceitava o dinamismo do pensamento de Bonifácio:

*“Foi Varnhagen o responsável pela criação da história oficial, que sempre defende a razão de Estado e com ela se identifica. Sua História da Independência, escrita por volta de 1874, mas só publicada em 1816, reflete a concepção política dos círculos dominantes. Suas opiniões contra José Bonifácio exprimiam o desprezo oficial pelo Patriarca; deviam ser conhecidas então e devem ter influído, também, em contrapartida, nos círculos oficiais e políticos. Parte dele a imagem de José Bonifácio como homem orgulhoso, imprudente, ambicioso, indiscreto, de voz rouquenha, acompanhada de perdigotos, sem gravidade e decoro nas palavras, defeitos tão acentuados mais tarde pelos que o seguiram.”*²⁵⁰

²⁵⁰ RODRIGUES, José Honório. *Vida e História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p.33.

Algumas objeções sobre essa sentença de Rodrigues são necessárias. Primeiro, Varnhagen não defende sempre a razão do Estado e com ela se identifica. Ele defende um modelo de Estado e identifica-se, apenas, com o seu modelo. Segundo, como já demonstramos em capítulo anterior, Varnhagen não influenciou os “*circulos oficiais e politicos*”, aliás, a influência de Varnhagen em tais círculos é antes, e apenas em alguma medida, no plano historiográfico. Terceiro, “*o que o seguiram*”, deveria ser analisado como Capistrano de Abreu interpretou a leitura de Bonifácio feita por Varnhagen, para assim termos conclusões mais apropriadas.

Para o segundo grupo, esta ‘querela’ dos autores é analisada como uma questão meramente pessoal. Isto é, o motivo que teria impulsionado a repulsa de Varnhagen à Bonifácio fora ocasionado pelas críticas que este teria feito a administração da “*Real Fabrica de ferros de S. João de Ipanema, do termo de Sorocaba*” (interior de São Paulo), sob a responsabilidade do engenheiro Frederico Luís Guilherme de Varnhagen, pai do nosso autor:

“O texto [*História da Independência do Brasil*] é um perfil apaixonado de d. Pedro I, bem na linha conservadora do autor, de culto da personalidade. Menospreza a ação decisiva de José Bonifácio (...). É injusto com o principal Andrada, bem como com seus irmãos. Talvez seja até questão pessoal, pois José Bonifácio fez críticas severas ao trabalho do velho Frederico Luís Guilherme de Varnhagen, seu pai (...).”²⁵¹

É possível que em alguma medida, a vaidade do senhor Visconde tenha contribuído em seus julgamentos sobre Bonifácio. Mas, certamente, essa não foi a causa determinante.

²⁵¹ IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 88/9.

Como dissemos acima, o pensamento de Varnhagen e Bonifácio assemelhavam-se em diversos aspectos. Ambos criticavam acirradamente o clero, em alguma medida a instituição Igreja. Defendiam modelos com características parecidas, de civilização, miscigenação racial e tinham preocupações ecológicas.

Qualquer leitor minimamente familiarizado com a historiografia brasileira e, portanto, com o papel da Igreja Católica na formação do Estado Nacional, reconheceria que seria pouco provável que o sr. Cônego Januário da Cunha Barboza, *“primeiro secretario do Instituto e um dos responsáveis por sua idealização [e] também ‘pregador imperial e chronista do Império’”* e, demais membros do clero, vissem com bons olhos a seguinte crítica de Bonifácio:

“A nossa religião é pela maior parte um sistema de supertições e abusos anti-sociais; o nosso clero, em muita parte ignorante e corrompido, é o primeiro que se serve de escravos, e os acumula para enriquecer pelo comércio, e pela agricultura, e para formar, muitas vezes, das desgraçadas escravas um harém turco.”²⁵²

Que diria o referido Cônego Januário sobre as críticas ao clero, e em alguma medida a Igreja, expedidas por Varnhagen, com o abono de fontes documentais?

“... eu tomo a liberdade de lembrar quanto essa linguagem misteriosa e sophistica do próprio texto inquisitorial, que serviria para encobrir a hypocrizia e maldade, é hoje a exposição mais eloqüente de toda crueldade, que a todos nós pode apresentar-se; para fazermos idéas como uma tal perseguição, com os conseqüentes abusos da espionagem, devia servir a satisfazer vinganças particulares, e a introduzir a geral desconfiança, e portanto muita estagnação nas relações de comercio e nas intellectuaes também.”²⁵³

²⁵² SILVA, José Bonifácio de Andrada e. *Projetos para o Brasil*. São Paulo: Cia das Letras; Publifolha, 2000. p. 27. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

²⁵³ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. 501. p. 122. (Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Lisboa, 17 de Fevereiro de 1844).

“Estas culpas de judaísmo não tinham de ordinário outro fundamento do que simplesmente o sangue de judeu, isto é, o ser-se cristão novo, como se as ovelhas perdidas não fossem, segundo a parábola do Chefe da nossa lei, as que o pastor mais devêra prezar!”²⁵⁴

“(…) E com taes palavras cavilosas permittistes que a superstição e a maldade humana sophismassem na terra vossa alta justiça! Beato S. Domingos, seria assim que desejáveis fossem interpretadas vossas intenções na obra cuja existência se deveu talvez a vós?!... Por impassível que seja o escriptor, e por mais que se queira persuadir que já não existe nenhuma d’essas creaturas, é instinctamente illudido pela imaginação, que quasi lhe faz ouvir gemidos e lamentos desfallecidos das desgraçadas velhas moribundas; e ao cahir em si, apenas ousa clamar; - Quão mesquinhas, acanhadas e cheias de erros são as obras dos homens!”²⁵⁵

Como disse Wamba, o bobo de Cedric, no romance histórico “*Ivanhoé*”, de Walter Scott, autor admirado por Varnhagen: “*Quanto mais perto da Igreja, mais longe de Deus*’.”²⁵⁶

Na verdade a similitude do pensamento de Varnhagen com o de Bonifácio, em relação a questões religiosas, é apenas em relação ao fato de criticarem a instituição Igreja, e aos seus membros, isto é, o clero. No entanto Varnhagen estava dialogando antes com Walter Scott, do que com Bonifácio (desenvolveremos apropriadamente essa argumentação).

Como dissemos, a mestiçagem racial é igualmente um fator de encontro de Varnhagen com Bonifácio. A biógrafa de Bonifácio, Miriam Dolhnikoff,

²⁵⁴ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.122. (Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Lisboa, 17 de Fevereiro de 1844).

²⁵⁵ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 139/40 (A Manoel Ferreira Lagos, 2º Secretário do Instituto Histórico. Lisboa, 22 de Julho de 1845).

²⁵⁶ SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995. p. 259.

conclui que “Bonifácio acreditava que a mestiçagem criaria um repertório cultural comum, em que prevaleceria a superioridade branca, sendo portanto também um elemento civilizador”²⁵⁷ Nilo Odália, percebendo essa teoria de miscigenação racial do pensamento vargeniano, conclui:

“Não existe em Varnhagen um preconceito racial puro e simples; sua argumentação é muito mais sutil e especiosa; ele se coloca no nível do confronto de duas civilizações distantes e diferenciadas. Varnhagen jamais coloca as diferenças entre negros, índios e brancos em termos de incompatibilidades raciais, o que redundaria finalmente na impossibilidade da miscigenação. Sendo seu objetivo a eliminação das minorias étnicas, índios e negros, não lhe cabe discriminar entre as raças que são a fonte e origem do homem brasileiro. Contudo, seu raciocínio e seu ideal encaminham-se para um único objetivo: o branqueamento do povo brasileiro. Nesse branqueamento ele vê a consolidação da vitória da civilização superior contra a barbárie, desde que o homem branco brasileiro não se esqueça de sua origem tripartite (...).”²⁵⁸

Muito embora para nós essa teoria do branqueamento de Varnhagen, como coloca Odália, é um pouco confusa, ilustramos a proposição de Odália, com a seguinte sentença de Varnhagen:

“Que o Sr. Abreu Lima quizesse conservar e epitheto de perversa a casta (raça prefere o Sr. Lima) mameluca; que dissesse que os paulistas pertenciam todos a essa casta; que concordasse contra a opinião geral, que o nome de mamelucos no Brasil procedeu por alguma fôrma dos do Egypto, eram absurdos, que nós explicamos pelo seu respeito do texto mentor: mas que requintasse sobre este inventario para elles, e de sua lavra a designação de raça hybrida*, que mais adiante (pág. 208) os tratasse de piratas da terra, que não achavam em que cevar sua cubiça, e insistisse de novo em lhe chamar ‘horda de aventureiros’, tão cruéis como os mamelucos do Egypto’, isso temos por mais serio. Que razão justa haverá para inventar epithetos injuriosos, e lançar anathema a uma casta ou geração, só porque é de outra gradação de cor? Acaso ignoraria o Sr. Lima, empregando palavra

²⁵⁷ DOLHNIKOFF, Miriam. Introdução. In.: SILVA, José Bonifácio de Andrada e. *Projetos para o Brasil*. São Paulo: Cia das Letras; Publifolha, 2000. p. 8. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

²⁵⁸ ODÁLIA, Nilo. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 95.

* Em itálico pelo autor.

*tão pouco usada, que 'hybrida' equivale a injuriosa pois que o radical grego de que tal palavra deriva quer mesmo dizer injuria?*²⁵⁹

Ressaltamos, também, que esse modelo de “*miscigenação racial*” adotado por Varnhagen assemelha-se ao modelo descrito por Walter Scott, em “*Ivanhoé*”²⁶⁰. E, também, que em Varnhagen “*miscigenação racial*” contém elementos de “*diversidade cultural*”, que seria um fator positivo para composição da identidade nacional. Essa nossa segunda hipótese relaciona-se, além dos indícios observados nas fontes, com a própria história pessoal do autor. Isto é, Varnhagen era paulista de Sorocaba, filho de pai alemão e mãe portuguesa e, casado com chilena. Esse é um traço importante da biografia do autor, praticamente não abordado, mas que justificaria, segundo supomos, análise da “*miscigenação racial*” fazendo um paralelo com o conceito de “*diversidade cultural*”, e ainda com a recusa do autor com a intolerância religiosa e cultural.

A aproximação do pensamento de Varnhagen com Bonifácio nestas temáticas, assim como nas demais acima citadas, é muito evidente. Bonifácio não precisou de Varnhagen para que seu pensamento fosse banido da “*historiografia oficial*”, como defende Rodrigues. Ao contrario, a “*historiografia oficial*” não desejava que um pensamento crítico permanecesse.

²⁵⁹ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Primeiro Juízo: submetido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, á cerca do “Compendio da História do Brasil” do Sr. José Ignácio de Abreu Lima. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. vol. 6, n° 21, 1844. p. 82.

²⁶⁰ SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. São Paulo: Circulo do Livro, 1995. 642 p.

Bonifácio e Varnhagen defendiam modelos divergentes de política de desenvolvimento econômico para o Brasil. O modelo econômico de Varnhagen, sob influência de Hipólito José da Costa, era acentuadamente agrário. Enquanto que o de José Bonifácio era industrialista.

Varnhagen, em certa medida, estava na contramão do furor industrialista do XIX. Para o autor os artigos produzidos na Europa eram considerados de luxo e poderiam ser importados pelo Brasil. Nosso filão econômico era o de ter as terras fecundas que iriam alimentar os demais povos, isto é, pretendia que o *'seu Brasil'* seria o grande *"celeiro"* do mundo contemporâneo. Supomos que seria interessante analisar como o engenheiro Frederico Luís Guilherme de Varnhagen, pai de Varnhagen, conduziu a administração da *"Real Fabrica de ferros de S. João de Ipanema, do termo de Sorocaba"*, delimitando seus objetivos, para compor o quadro mais especificamente.

No capítulo LIII, *"Minas de Ferro, primeiras fundições"*²⁶¹, essa perspectiva pode ser observada detidamente. Chamamos atenção, novamente, para o fato de que estas conclusões do sr. Visconde foram *'influenciadas'* pela imprensa:

"E'este o artigo da Idade d'Ouro, da Bahia, transcrito pela Gazeta de Lisboa e pelo Correio Brasiliense (...)

'He, de notar que no logar da Fundição ao porto de mar são quatro dias de viagem; e como este gênero para se vender a baixo preço tem só a dificuldade do transporte, claro está que o ferro da Europa não pode competir no mercado do Brasil com o nosso.'

'Esta abundancia e barateza de ferro não só facilita consideravelmente a Agricultura nos instrumentos ordinários que tanto custão a conduzir para o centro, como que promete a fácil construcção de grossa Artilharia, bombas, e maquinas de vapor de que tanto se precisa

²⁶¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Minas de ferro, primeiras fundições. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. p. 185 – 208.

para suavisar os duros trabalhos dos Engenhos de assucar. O certo he que o ferro não he menos precioso que o ouro para o interesse commum; e bem considerado este negocio debaixo de vistas econômico-politicas podemos, dizeer com graves Authores, que huma Nação que só tem ferro, he mais afortunada, que huma Nação que só tem ouro.

(...)

Talvez que alguns gênios sôfregos suspirem por ver fabricas em todo gênero, para que nada precise dos Estrangeiros, mas isto he forçar a Natureza, como engenhosamente dizia Franklin. A pericia, e abundancia das Artes he obra de muitos séculos, e além disso as carências reciprocas das Nações fazem a sua respectiva riqueza; e todas serão pobres se não existisse a dependência dos gêneros, que he a origem do commercio.

'Quanto mais que o Brasil em qualidade só de paiz Agricola pôde ser o Reino mais opulento do Mundo, porque as terras bem cultivadas dão para tudo; e pouco importa que venhão de fora objectos, que exigem delicadeza de mão de obra.

'O Brasil he o Ateneu da Fabula, o qual tinha todo a sua força no chão, e que do chão tirava valor para combater Gigantes. '

Da Gazeta de Lisboa, de 4 de Maio de 1819. ”²⁶²

Ainda sob essa perspectiva Varnhagen defendia deliberadamente a reforma agrária, fator essencial para atingir seus objetivos de desenvolvimento econômico agrário, além do estímulo constante ao cultivo de gêneros agrícolas (como pode ser constatado na sua correspondência ativa). Aliás, o dicionarista Mores era reconhecido por Varnhagen, inclusive, por se dedicar à lavoura do açúcar.

Essas certamente não são as únicas explicações para que, como apresenta Rodrigues, “(...) o próprio José Bonifácio foi repellido desde então e até hoje pelas suas inovações (...)”²⁶³. São necessários estudos mais substanciais para localizar o diálogo de Varnhagen com José Bonifácio para estabelecermos as diferenças.

²⁶² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Minas de ferro, primeiras fundições. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. p. 201/02.

²⁶³ RÓDRIGUES, José Honório. *Vida e História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 62/3.

6.3 – von Martius

O artigo premiado pelo Instituto, “*Como se deve escrever a história do Brasil*”, do alemão Karl Phipp von Martius²⁶⁴, tem sido apontado como a referência metodológica de Varnhagen para a composição de sua obra, inclusive em nosso projeto inicial havíamos afirmado essa preposição. Novamente a leitura bibliográfica é testemunho desta colocação:

“(…) *Pelo simples índice, com capítulos sobre índios e sua cultura, legislação adotada na nova terra e outros dados revela ser fiel à pregação de Martius. Predomina o político sobre tudo o mais, como é típico da historiografia dominante.*”²⁶⁵

Ou ainda:

“... alemão Karl Phipp von Martius. Na sua monografia intitulada ‘*Como se deve escrever a história do Brasil*’, publicada na *Revista do IHGB*, em 1845, Von Martius definiu as linhas mestras de um projeto histórico capaz de garantir uma identidade ao Brasil. Surgiu do seu projeto a interpretação do Brasil, do primeiro Brasil-nação, que se entranhou profundamente nas elites e na população brasileira.(…)”²⁶⁶

Considerando que o Brasil, assim como a Europa, estava discutindo no XIX a formação do Estado Nação e a identidade nacional, e tendo Varnhagen dialogado com os intelectuais do período, é provável que sua influência não restringia-se ao pensamento de Martius, ou ainda, como afirma o próprio Varnhagen:

“(…) e de passagem direi que a um homem que meditou a sua obras é injusto dizer-se-lhe que achou para ella o programma feito por

²⁶⁴ MARTIUS, Karl Phipp von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. In.: *Rev. do IHGB*,

²⁶⁵ IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 82.

²⁶⁶ REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 26.

*Martius, quando aliás o achou também em todos os tratados do dia acerca do modo como se deve escrever a história geral de qualquer nação.”*²⁶⁷

Talvez estejamos subestimando demasiadamente a leitura que Varnhagen fez de Martius. Ou talvez, o trabalho de Martius seja antes o reflexo do pensamento europeu do período do que uma argumentação singular para o Brasil. Temos, por hipótese, que a crítica de Varnhagen a Martius esteja relacionada com a questão da miscigenação racial.

6.4 - Hegel

Somente agora Varnhagen está amadurecendo para a crítica nacional, como falamos acima. As leituras de Odália e Wehling são o reflexo desse amadurecimento, pois esses autores, interpretando o Estado vargeniano, chegaram à conclusão de que o Estado em Varnhagen está fortemente influenciado pela filosofia-histórica hegeliana. Um modelo perfeito em sociedades onde “*as relações sociais ainda não estavam perfeitamente determinadas*”.

Odália assim expõe a aproximação de Varnhagen com o pensamento hegeliano:

“... uma Nação, quando privada de um de seus órgãos, apenas significa que um outro se desenvolverá mais e tomará seu lugar. (...) Numa jovem nação insegura, em que seus grupos sociais ainda não estão perfeitamente determinados, parece – num primeiro momento – uma atitude de prudência e de sabedoria políticas delegar ao Estado, como instrumento de ação, a tarefa de realizar o projeto que dela se tem. É preciso, para

²⁶⁷ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.251/2. (A Manoel de Araújo Porto Alegre (depois Barão de Santo Ângelo), 1º secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Madrid, 20 de Novembro 1857).

*tanto, que ele seja concebido como um ser puro, diáfano, sereno e imparcial para que possa pairar acima das contingências daqueles que formam a comunidade. Dá-se ao Estado a forma pura de uma idéia hegeliana, mas com a mesma força de realização.*²⁶⁸

Wehling, igualmente, chega à conclusão de que o modelo estatal varnheniano tem suas origens na filosofia-histórica de Hegel:

*“Por todas essas manifestações, podemos admitir que Varnhagen, embora não fosse um filósofo político e estivesse longe de construir um pensamento explícito na matéria, foi, pragmaticamente, um hobbesiano-hegeliano em matéria de relações estatais. O Estado forte, maior do que a sociedade, criador da nação e aperfeiçoador pedagógico e étnico do povo – eis o ideal de Varnhagen. Tudo o mais – representação, funções estatais, relações internacionais, formas de governo – cede ao passo objetivo maior de um Estado regenerador.”*²⁶⁹

A partir dessas leituras, de Odália e Wehling, o foco interpretativo de Varnhagen ampliou-se. É sem dúvida uma grande contribuição, posto que demonstram uma abordagem pioneira do autor. Entretanto é uma análise que ainda requer mais estudos, como os próprios autores ponderaram.

O traço mais marcante que encontramos de convergência de Varnhagen com o pensamento hegeliano foi a dedicação aos estudos geográficos. Entretanto não há nenhuma referência sobre o autor no material que trabalhamos até então.

Desde o princípio de sua curiosidade intelectual esteve Varnhagen interessado no Brasil. Engana-se, porém, quem supor ser a história o único alvo de suas ambições. A história passou a ser o interesse preferido de Varnhagen posteriormente,

²⁶⁸ ODÁLIA, Nilo. op. cit. p.40.

²⁶⁹ WEHLING, Arno. op. cit. p. 91.

por volta de 40/41, com a viagem que realiza ao “sertão” brasileiro. Em 1839, em carta ao Cônego Januário da Cunha Barbosa (secretario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), Varnhagen comunica sua ambição:

“Em outro escripto para o qual já tenho riquíssimos elementos, procurarei para o futuro dar uma extensa Geographia Physica do Brazil²⁷⁰, e sobre ella fundar um projecto de divisão e subdivisão territoriaes, local mais conviniente para a capital do Império, etc. Esta é obra de tão grande circumstancia, que não sahra tão cedo.”²⁷¹

A primeira paixão, como nos lembra Lessa, fora a geografia:

“Segundo sua própria declaração, Varnhagen, precocemente no estudo de matérias relacionadas com o Brasil, já preparava desde 1835 a monografia que em 1838 apresentou a Academia Real das Ciências (...). Sua preferências, por esse tempo, iam mais para os assuntos geográficos, ou melhor, corográficos, do que propriamente para os históricos que mais tarde lhe absorveram principalmente a atividade.”²⁷²

Embora os estudos geográficos tenham sido preteridos a favor da história, Varnhagen não os abandonou. Ao longo da sua carreira, conciliou o estudo de ambas disciplinas:

“(...) além de quanto publiquei no Memorial Orgânico, declarando cruamente em 1849 que o Império não tinha fronteiras terrestres, o que em grande parte provocou os exames sobre tal assumpto e as negociações dos tratados desde 1850 em diante (...).”²⁷³

Na verdade, tudo o que se referia ao Brasil ainda estava por se fazer. E certamente, repetindo a flor do senso comum, temos que concordar com Reis, ao citar

²⁷⁰Essa Geografia Física não chegou a ser escrita, mas em seu lugar veio a *História Geral do Brasil*. [nota do editor]

²⁷¹LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 40. (Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Lisboa, 5 de Outubro de 1839).

²⁷²LESSA, Clado Ribeiro de. p. 100.

²⁷³LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961 p. 245. (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 14 de Julho de 1857).

Capistrano: “*Capistrano afirma que é difícil exagerar os serviços prestados por Varnhagen à história nacional assim como os esforços que fez para lhe elevar-lhe o tipo.*”²⁷⁴

Para Basílio de Magalhães “*o sério curso de engenharia militar habilitou-o a esquadrihar e resolver com segurança áridas e intrincadas questões de Geografia e Cosmografia Antigas*”²⁷⁵. Assim sendo, a hipótese da influência de Hegel no pensamento de Varnhagen vai tornando contornos mais definidos, considerando que na filosofia hegeliana os estudos geográficos tem um importante significado. A presença do conhecimento geográfico na teoria de Hegel foi descrita pelo cientista político italiano Norberto Bobbio²⁷⁶, para oesse autor:

“*Conforme se observou ainda recentemente (Storia Universale e Geografia in Hegel, edit. por P. Rossi, Florença, 1975), ‘a afirmação do fundamento geográfico do processo histórico ... constitui uma das bases doutrinárias da filosofia hegeliana de história’.*”²⁷⁷

Esta relação, natureza e história do homem, é determinante em Varnhagen, estando presente em suas reflexões da juventude à maturidade intelectual. A busca da relação homem e o ambiente foi perseguida de variadas formas, em catalogação de mapas, viagens, conhecendo a alimentação, observando a população, buscando os limites territoriais do país, etc.

²⁷⁴ REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 30.

²⁷⁵ MAGALHAES, Basilio

²⁷⁶ BOBBIO, Norberto. Hegel. In.: *A teoria das formas de governo*. Brasília: Unb, 1992. p.145-55.

²⁷⁷ *Idem, ibidem*. p. 143.

Em sua primeira estadia no Brasil, após mudança com a família para Portugal, em 1840, Varnhagen faz o seguinte relato ao seu amigo Rivara:

*“Aqui tenho visto a natureza, conversado com os livros e freqüentado as sociedades e bailes. De tudo tenho utilizado. V. S^a tem lido descrições da vegetação; pois eu creio que tudo quanto está escripto é pouco – Fructos tenho saboreado muitos, incluindo belos annanazes; e todos me são extremamente agradáveis, porque me augmentam o número de sensações experimentadas.”*²⁷⁸

Sua trajetória intelectual foi marcada pela inquietação em viajar, conhecer através da experimentação. Como um físico em seu laboratório, as viagens eram para Varnhagen o laboratório de observação do homem integrado ao ambiente:

*“O meu anterior destino era uma viagem à Allemanha, porém repentinamente mudei-o inteiramente. – Vou ver os bosques virgens da América meridional, e partirei até 5 do mez que vem. Não tenho itinerário formado, nem quero pensar nisso pois me sujeitarei às circunstancias.”*²⁷⁹

Segundo Norberto Bobbio “(...) em Hegel – seguindo as idéias do geógrafo alemão Karl Ritter, autor de uma geografia ‘relacionada com a natureza e história do homem’, de 1817- se torna uma verdadeira teoria.”²⁸⁰ . Em Varnhagen é indiscutível a presença da relação homem/ambiente. No entanto, parece-nos que é, antes, uma característica típica dos historiadores Oitocentistas, do que sintomas da influência da filosofia hegeliana no autor.

²⁷⁸ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.52 (Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Rio, 20 de Agosto de 1840)

²⁷⁹ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 47 (Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, 5 de Abril de 1840).

²⁸⁰ BOBBIO, Norberto. Hegel. In.: *A teoria das formas de governo*. Brasília: Unb, 1992. p. 143.

Consideramos ainda que a formação do Estado Nacional em Varnhagen aproxima-se mais da explicação de Hobsbawm do que as citadas acima:

“... os grandes defensores da ‘nação-estado’ entendiam-se não apenas como nacional, mas também como ‘progressista’, isto é, capaz de uma economia, tecnologia, organização de estado e força militar viáveis, ou em outras palavras, que precisava ser territorialmente grande. Terminava por ser, na realidade, a unidade ‘natural’ do desenvolvimento da sociedade burguesa, moderna, liberal e progressiva.”²⁸¹

E que:

“... o movimento ‘nacional’ [nos países onde o nacionalismo de massa e o patriotismo inexistiam] tendia a tornar-se político após sua fase sentimental e folclórica, com a emergência de grupos mais ou menos expressivos dedicados à ‘idéia nacional’, publicando jornais e literaturas nacionais, organizando sociedades nacionais, tentando estabelecer instituições educacionais e culturais, e engajando-se e várias atividades francamente políticas. Mas, de forma geral, neste ponto o movimento ainda era carente de um apoio decisivo por parte da massa da população. Consistia basicamente de um extrato social intermediário entre as massas e a burguesia ou a aristocracia existentes (se tanto), especialmente os literatos: professores, camadas inferiores do clero, alguns pequenos comerciantes e artesãos urbanos, e aquela espécie de homens que tinham conseguido subir ao ponto máximo possível para os filhos de um campesinato subordinado numa sociedade hierárquica.”²⁸²

No entanto deixamos assinalado que somente após o estudo comparativo entre a concepção historiográfica de Varnhagen com a de Humboldt, observando o modelo de Estado e de formação da identidade nacional, é que o pensamento vargeniano irá tomar contornos mais definidos.

²⁸¹ HOBBSAWM, Eric. A construção das Nações. In.: *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. p. 105.

²⁸² HOBBSAWM, Eric. A construção das Nações. In.: *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. p. 109.

VII – Outros Interlocutores

Os interlocutores acima citados são facilmente encontrados nos leitores de Varnhagen, justificando as mais diversas teorias, pertinentes, posto que estão presentes no autor. No entanto outras vozes influentes no pensamento do autor ainda não foram apresentadas. Destacamos três: Hipólito José da Costa, Walter Scott e João Francisco Lisboa.

Ressaltamos, também, como já dissemos anteriormente, que o diálogo do autor com a imprensa é bastante definidor de sua formação, visto que tanto Hipólito como Lisboa trabalharam ativamente em periódicos.

7.1 – Hipólito José da Costa

Uma das vozes mais influentes do pensamento vargeniano tem sido negligenciada pelos seus críticos, o jornalista Hipólito José da Costa, redator, dentre outros, do jornal “*Correio Brasiliense*”. Esse jornalista é sem dúvida uma importante influência no historiador e, seguramente, uma das principais figuras da imprensa durante a regência de Dom João VI, período da história nacional denominado por Iglésias como

sendo “*uma das fases mais ricas da trajetória brasileira*”²⁸³. Varnhagen descreve Hipólito como “*um político de tanta ilustração*”²⁸⁴ e:

*“Em primeira linha (graduando as obras pela importância dos serviços que prestaram ao Brasil) se nos apresentam três dos quatro escritores, que, como políticos alvitristas em muitas providências governativas, já contemplamos devidamente em outro lugar; mas que seguiram estendendo cada vez mais sua influência, a saber: Cairu, Azeredo Coutinho e Hipólito; - este como representante da imprensa periódica mais lida no Brasil, a qual constava do Correio Brasiliense e do Investigador, em Londres, do Patriota e Gazeta, no Rio, e da Idade d’Ouro, na Bahia.”*²⁸⁵

A comunhão das idéias de Varnhagen com esse jornalista não é casual, e sim política-administrativa. As idéias de nosso autor convergiam com as de Hipólito José da Costa, numa concepção dinâmica, e talvez revolucionária para o período, da organização e desenvolvimento do Estado brasileiro:

“No Correio Brasiliense há sempre desde 1808 o mesmo pensamento político: - de promover a prosperidade e aumentos do Brasil, conservando nele a corte apesar do natural ciúmes de Portugal, e de introduzir, na administração e até no sistema de governo as necessárias reformas, por meio de instituições como as que hoje temos. - Não cremos que nenhum estadista concorresse mais, para preparar a formação no Brasil de um império constitucional, do que o ilustre redator do Correio Brasiliense. Talvez nunca o Brasil tirou da imprensa mais benefícios do que os que lhe foram oferecidos nessa publicação, em que o escritor se expressava com tanta liberdade como hoje o poderia fazer; mas com a grande vantagem de tratar sem paixão as questões da maior importância para o Estado, tais como as do fomento da colonização estrangeira, etc. Não é este periódico modelo de estilo ou de linguagem; antes pelo contrario

²⁸³ IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetoira política do Brasil: 1500 – 1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1995 (2ª reimpressão). p. 96.

²⁸⁴ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado*. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed. T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 225.

²⁸⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado*. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed. T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 207.

*nesse sentido muito há que desculpar a um homem que vivia em país estrangeiro, em uma época em que ainda o horror pelos galicismos não havia passado da pessoa do desterrado Filinto; mas foi um político pensador e criador. As notícias do Correio Brasiliense tendiam sempre a um fim certo; giravam todas na órbita que o ilustrado redator havia assinado ao Brasil. – Ao dar conta de uma instituição política estrangeira, ao citar o exemplo da independência deste ou daquele Estado americano, Hipólito tinha sempre na mente o Brasil e a influência, - o efeito que para o seu fim convinha produzir. Mas, não só deste modo, e indiretamente, ia considerando o que convinha, como, sobretudo nos últimos tempos, abordava francamente muitas questões do país, e tratava-as como se se (sic) dirigisse a uma nação, onde a liberdade de imprensa fosse pleníssima, para o bem do Estado, pois como ele dizia em Março de 1819: 'A dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil já pela censura previa, já pelo perigo a que os redatores se exporiam falando livremente das ações de homens poderosos fez cogitar o expediente de imprimir semelhantes obras em países estrangeiros. A França e a Inglaterra, desde a época em que a família real passou a ter a sua residência no Rio de Janeiro. – Aberto esse canal pode dizer-se que estabeleceu a liberdade de imprimir para o Brasil, posto que não no Brasil ... esta liberdade... já tem estado em prática por mais de dez anos'.*²⁸⁶

Dentre os temas mais próximos ao nosso autor, discutidos por Hipólito, citamos: o povoamento do sertão, a defesa de uma política-econômica agrária, críticas à Inquisição e à Companhia de Jesus, relacionadas à escravidão indígena (supomos que há nessas críticas um intenso diálogo com o Marquês de Pombal²⁸⁷, que

²⁸⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed.T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 226.

²⁸⁷ A discussão acerca da escravidão indígena é, também, um intenso embate travado por Varnhagen com a política do Marquês de Pombal. Vejamos: “No meado de 1640, quase simultaneamente com a notícia de haver tomado posse do governo d’este Estado o 1º Vice-Rei Márquez de Montalvão, chegaram a seu conhecimento os motins que em S. Paulo haviam ocasionado as providencias que tentaram pôr em execução os Padres da Companhia, para reprimir ou terminar o captivo e trafico dos indígenas; fundando-se em muitas leis e instrucções do Governo de Portugal, e n’uma bulla por elles obtida do Papa Urbano VIII, em que lhes concedia ou lhes permittia arrogar-se para este fim de poderes temporaes, Salvador Corrêa julgou com razão do seu dever cumprir as leis conforme os Jesuitas reclamavam; se bem que não podia deixar de conhecer que dava um passo contrario, não só talvez aos seus interesses, como aos da maior parte dos habitantes do Brazil, dos quaes alguns com a realisação da liberdade dos Índios ficariam reduzidos á mediocridade ou á indigencia, como se viu succeder a muitos quando o Márquez de Pombal fez pôr em execução as leis a tal respeito promulgadas. Porém toda a opposição que no tempo de Salvador Corrêa se experimentava existia só na provinvia de S. Paulo. Para

necessita ser verificado), à organização política do Estado Nacional (discussões referentes as formas de governos) e o ideal de civilização.

Analisamos que o povoamento do sertão é a temática mais rica, em nível de influência, abordada por Hipólito e desenvolvida por Varnhagen em sua obra. Contém, implicitamente, diversos fatores polêmicos para o período, tais como: a unidade nacional, tanto territorial quanto lingüística; concepção de ‘homem brasileiro’; questionamento econômico, político e administrativo; questionamento da elitização e do distanciamento da cidade do Rio de Janeiro, a Corte, com as necessidades e os princípios brasileiros. Resumindo, a busca do sertão é, senão em Hipólito mas certamente em Varnhagen, a ruptura, ou melhor, a efetiva independência do Brasil em relação à Portugal.

No sertão funda-se a Nação, o Povo e a Cultura legitimamente nacionais e conseqüentemente... a ira dos membros do “*Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*”. Vejamos a seguinte passagem de Hipólito, citada e praticamente transcrita por Varnhagen, em vários momentos, em sua obra:

“O Rio de Janeiro (dizia o *Correio Brasiliense*) não possui nenhuma das qualidades que se requerem na cidade que se destina a ser capital do império do Brasil; e se os cortesãos que para ali se foram de Lisboa, tivessem assaz patriotismo e agradecimento pelo país que os acolheu, nos tempos de seus trabalhos, fariam um generoso sacrificio das comodidades, e tal qual luxo, que podiam gozar no Rio de Janeiro, e se iriam estabelecer em um país do interior; central, e immediato às cabeceiras

evitar que esta cidade do Rio de Janeiro se levantasse com as mesmas exigências d’aquella provincia, convocou o prudente Governador procuradores para uma concordata do povo com os Padres da Companhia, que se celebrou no dia 22 de Junho (...).” (VARNHAGEN, F. A. de. *Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.*: Salvador Correa de Sá Benevides. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, III (9): 102/03. 1841.)

*dos grandes rios, edificariam ali uma nova cidade, começariam por abrir estradas, que se dirigissem a todos os portos de mar, removeriam os obstáculos naturais que têm os diferentes rios navegáveis, e lançariam assim os fundamentos ao mais extenso, ligado, bem defendido e poderoso império, que é possível que exista na superfície do globo, no estado atual das nações que o povoam. Este ponto central se acha nas cabeceiras do famoso Rio São Francisco. Em suas vizinhanças estão as vertentes de caudalosos rios, que se dirigem ao norte, ao sul, ao nordeste e ao sueste, vastas campinas para criação de gados, pedra em abundancia para toda sorte de edificios, madeiras de construção para todo o necessário, e minas riquíssimas de todas as qualidades de metais; em uma palavra, uma situação que se pode comparar com a descrição que temos do paraíso terreal. Desprezou-se tudo isto, pela cidade do Rio de Janeiro porque ali havia algumas casas de habitação, comodidades para que algumas pessoas andassem em carruagens, um mesquinho teatro... para o divertimento dos cortesões; em uma palavra, porque se evitava assim o trabalho de se criar uma cidade de novo, e incômodos inerentes a novos estabelecimentos; e por estas miseráveis considerações se roubou a S.A.R. o príncipe regente a gloria incomparável de ser o fundador de uma cidade a que afixaria o seu nome, fazendo-se imortal na criação de uma vasta monarquia. Não nos demorem com as objeções que há contra a cidade do Rio de Janeiro; aliás mui própria para o comercio, e a outros fins; mas sumamente inadequada para sr a capital do Brasil: basta lembrar que está a um canto do território do Brasil, que a sua comunicação com o Pará e outros pontos daquele Estado é de imensa dificuldade, e que sendo um porto de mar, está o governo ali sempre sujeito a uma invasão inimiga de qualquer potência marítima. Quanto às dificuldades da criação de uma nova capital, estamos convencidos de que todas elas não são mais do que meros subterfúgios'.*²⁸⁸

Observamos que a temática da interiorização do Brasil representa, também, um paradigma do XIX²⁸⁹, o ponto nevrálgico que divide os intelectuais brasileiros do período. Debate presente em diversas camadas dessa intelectualidade, como, por exemplo, no já citado desembargador Veloso de Oliveira:

“A respeito da capital escrevia: ‘É preciso que a corte se não fixe em algum porto marítimo, principalmente se ele for grande e com

²⁸⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed. T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 229/30.

²⁸⁹ Julgamos que seria interessante um estudo comparativo de como os Institutos Históricos regionais assimilaram a recusa do IHGB de voltar a atenção para o sertão.

boas proporções para o commercio; pois que a concorrência de muitos negociantes e das pessoas da corte bem depressa formaria uma povoação tal como as que ficam descritas', etc... 'A capital... se deve fixar em um lugar são, ameno, aprazível e isento do confuso tropel de gentes indistintamente acumuladas', etc."²⁹⁰

A argumentação do sr. Visconde, acerca dos benefícios da busca do sertão, foi articulada em diversos detalhes, que complementam o raciocínio dos seus interlocutores. Citamos, a exemplo, este trecho muito significativo de diversos elementos do pensamento vargeniano:

"Não é o lugar próprio para tratar do assumpto, que se vai encabeçar com a da melhor situação da futura universidade brasileira; requer elle muitissimo desenvolvimento para ser apresentado com toda a evidencia: deixemos por ora só em propheta que sendo Minas o estomago do Brasil, nunca sera vigorosa e genuína litteratura, que d'ahi não tire as forças, o vigor, a origem. – Com effeito se esta recebido em these que em paizes tropicaes nas chadas ou rechanos elevados tem os habitantes mais actividade, e o clima se presta mais aos trabalhos do espirito, o que até comprovam os indígenas americanos, no México, Peru, etc., - a nenhuma provincia do Brasil tocará melhor o apanágio d'esse foco de letras e sciencias, d'essa tão indispensável universidade, do que a Minas, até pela excessiva abundancia e barateza do necessário a vida. – Neste caso o saudável e prospero local, e a maior facilidade de communicações em todos os raios, apontam para S. João d'El-Rei.

Qual dará mais garantia de futuras feições nacionaes, uma cidade no coração do Estado, ou outra maritima sempre desnacionalisada pelo continuo apparecimento de vasos com bandeiras differentes e pronuncia de línguas estrangeiras? – Onde haverá mais especialidade de um caracter próprio, nos campos e matos sem iguaes, ou ao pé da água salgada que vai lamber as praias de todo o mundo? – No sertanejo de ponche e bota mineira, ou no dandy vestido á inglesa, e penteado e perfumado á franceza? De mais em regra qualquer Estado, quando não for primeira potencia maritima, tem mais seguras e livres as cidades do sertão, do que as maritimas, de insultos e provocações estrangeiras A introducção dos caminhos de ferro e o tempo decidirão mesmo se não convirá e muito que o Rio de Janeiro, conservando, como é impossivel que não conserve para sempre, o empório do commercio, ceda por vantagem sua e do império que a capital... Mas nada de nos mettermos

²⁹⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed.T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 219

em questões que não terão de certo escapado á meditação dos homens d'Estado, e que nem são para aqui, nem da nossa competência."²⁹¹

Sendo o sertão a localização geográfica da Nação Brasileira, o ideal de homem brasileiro é, em Varnhagen, o sertanejo, que representa a síntese do perfil do homem brasileiro²⁹². Afinal, como interrogou Varnhagen: *"Onde haverá mais especialidade de um caracter próprio, nos campos e matos sem iguaes, ou ao pé da água salgada que vai lambar as praias de todo o mundo? – No sertanejo de ponche e bota mineira, ou no dandy vestido á inglesa, e penteado e perfumado á franceza?"*²⁹³

Os bandeirantes, principalmente os bandeirantes paulistas, são a síntese do ideal de miscigenação racial. Varnhagen, desde 1840, vai recolhendo elementos para justificar esta sua concepção:

*"Assim vou reunindo e collecinando as informações, que por ordem da corte davam por escripto no principio do século passado os nossos sertanejos, que descobriram as Minas Geraes, o Cuiabá, e Mato Grosso. (...). Esta colleção de roteiros será além d'isso um monumento á minha Provincia pela distincta parte que n'essas excursões tiverram os nossos ousados Paulistas."*²⁹⁴

O fator econômico é um importante apelo para a interiorização do Brasil (a economia é uma das preocupações centrais do modelo de Nação desenvolvido

²⁹¹ VARNHAGEN, F. A de. *Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc.*: Fr. José de Santa Rita Durão. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, vol. VIII (2): 276-77. 1846.

²⁹² A busca deste perfil do homem brasileiro no sertão, foi mais tarde desenvolvida enquanto temática por diversos literatos, entre eles Guimarães Rosa (obviamente sem quaisquer influência de Varnhagen).

²⁹³ Idem, *ibidem*.

²⁹⁴ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 92/3 (Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não tem data o original, é do ano de 1843).

por Varnhagen, a despeito das considerações de certos marxistas). Novamente é em Hipólito que Varnhagen busca inspiração:

“Anos depois acrescentava [o Correio Brasiliense]: ‘A corte não deve residir no porto ou lugar que se destina a ser o império do comercio; porque os negociantes iludidos com o brilhante da corte, desejam fazer-se cortesões, em vez de serem comerciantes; procuram hábitos, condecorações e títulos, em vez de procurarem sobressair em seu comercio, que é o que lhes convém e interessa ao Estado; e saindo assim aqueles individuos da esfera em que tão útil eram, de negociantes da primeira ordem, passam talvez a ser nobres na infima graduação no que não utilizam a si, nem fazem bem ao Estado.’”²⁹⁵

Varnhagen complementou a argumentação de Hipólito com a seguinte justificação: *“(...) as republicas de Veneza e Genova florescerão com o commercio, e quase que só delle vivem ainda hoje essas duas cidades maritimas que deixarão de ser nações.”²⁹⁶*

Inegavelmente, o pensamento de ambos converge para a interiorização do Brasil, mas há neles uma sutil diferença de caráter profissional, ou de formação profissional. Enquanto Hipólito falava como jornalista, Varnhagen legitimava sua asserção com o conhecimento histórico; a temática é a mesma, mas o desenvolvimento é diferenciado (esta nossa hipótese ainda tem que ser estudada detidamente, mas temos praticamente certeza desta diferenciação. Supomos que o local de observação desta diferenciação seja definido pela concepção temporal; no jornalista assimilada de forma progressiva, enquanto que no historiador de forma cíclica. Essa diferenciação é

²⁹⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed.T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 230.

²⁹⁶ “Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil” (*Memória por F. A. V.*)

presente, também, na distinção do pensamento de Varnhagen com João Francisco Lisboa).

Julgamos importante uma última observação. Muito embora, ainda, não temos recursos para nos posicionarmos em relação aos movimentos de rebelião, é certo que mesmo que tenham sido condenados por Varnhagen pelo motivo de representarem a fragmentação do território nacional, esses movimentos de “*cunho popular*” não podem ser generalizados no pensamento do autor. Como o fez Francisco Iglésias: “*Condena as conspirações, como de dá com os conjurados mineiros de 1788 e mais ainda com os baianos de 1798.*”²⁹⁷

Há que se observar os senões que o próprio Varnhagen ponderava de forma positiva em tais movimentos. O povoamento do sertão é ilustrativo dessa percepção, onde os conjurados mineiros foram chamados de “*patriotas*”:

*“Um dos grandes projetos que desenvolveu e sustentou o Correio Brasiliense foi o da mudança da capital do Brasil para o sertão, concebido, se pode dizer, pelos patriotas da conjuração mineira de 1789, e quem (sem o menor prejuízo do Rio de Janeiro, que até mais ganhará quando mais e povoem e civilizem os sertões, de que é o empório) tem de realizar-se, mais dia menos dia, em favor da prosperidade e maior independência do Brasil, se Deus mediante, ele seguir unido.”*²⁹⁸

A influência de Hipólito José da Costa em nosso autor é, como demonstramos, de extrema relevância. Aliás, como o é dos principais periódicos do século XIX.

²⁹⁷ IGLÉSIAS, Francisco. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 82.

²⁹⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed. T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 228/9.

Aliás tal influência é nitidamente negligenciada pelos leitores vargenianos, que insistem em ressaltar a temática da interiorização do Brasil como sendo um mérito de Capistrano de Abreu. José Honório Rodrigues e Alice P. Canabrava, por exemplos, incorrem no mesmo anacronismo. Para Canabrava, Capistrano, com os recursos da sociologia:

*“Na abordagem dos temas, revela-se u'a [sic] maneira nova de estudar o passado, graças ao aparelhamento que proporcionaram ao Autor suas leituras no campo das ciências humanas. O capítulo 'O sertão' é o melhor da obra, pois em suas páginas estão bem aparentes os elementos que caracterizam a nova mensagem no estudo da História. (...) O empenho está sempre presente em marcar a cada passo, a influência dos fatores da geografia física na ocupação do solo, com em notar a atividade econômico-social.”*²⁹⁹

7.2 - A presença de Walter Scott

*“Desventurados os conselheiros dum príncipe a que faltem perseverança e firmeza, tanto para o bem quanto para o mal.”*³⁰⁰

*“Cada Estado deve ter sua policia:
Os reinos têm editos, as cidades, suas cartas;
Até o bandoleiro, em seu esconderijo,
Conserva um certo ar de civil disciplina;
Pois Adão ainda não usava sua verde folhagem,
O homem já vivia com o homem, em sociedade,
E para estreita-la mais foram feitas as leis”.*
(Canção Antiga)³⁰¹

²⁹⁹ CANABRAVA, A. P. Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. In.: *Rev. de História*, São Paulo, out./dez. 1971, nº 88, vol. XLIII. p. 421-22.

³⁰⁰ SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995. p. 202.

³⁰¹ Idem, *ibidem*. p. 429.

A influência de Walter Scott³⁰² no pensamento vargeniano ocorre em dois sentidos, no plano de modelo de escrita historiográfica e no plano das idéias.

No primeiro sentido, enquanto modelo de escrita, o gênero romance histórico impulsiona a aproximação de Varnhagen com Scott:

*“Falla-me V. S^a no seu trabalho à cerca de clássicos portuguezes. Nasceu-me o desejo de saber em que sentido era, por que eu tinha isso já escripto alguma coisa em estillo meu romântico à Walter Scott; - e creio que em gênero didactico e desta natureza offereceria novidade. Passei a esta lembrança depois de ter premeditado diálogos, que também para o meu fim seria bom estillo.”*³⁰³

É a leitura de um Varnhagen próximo, ou com alguma inspiração, da historiografia romântica. Após 1840, com a já citada viagem ao Brasil e ao sertão, notamos a ruptura do sr. Visconde com tal escola e, conseqüentemente a reformulação do “*estillo*” histórico.

No segundo sentido, no plano das idéias, a identificação de Varnhagen com Scott permanece, sendo modelo de inspiração.

A temática central do romance histórico *Ivanhoé*, de Walter Scott, é a formação do Estado Escocês. Notamos, ao menos, sete temáticas desenvolvidas no romance e trabalhadas de forma similar por Varnhagen: a organização territorial, o conceito de civilização, a organização da monarquia, a cooptação de culturas diferentes dentro de um mesmo Estado geograficamente definido, discussões religiosas, mais

³⁰² SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995. 642 p.

³⁰³ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.31 (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, 24 de Agosto de 1839).

apropriadamente críticas ao clero, discussões acerca da intolerância religiosa e a fundamentação da língua para a constituição de uma Nação.

Não iremos discorrer sobre todas estas temáticas, abordaremos apenas algumas que não foram trabalhadas nos interlocutores anteriormente apresentados.

Wehling também observou a influência do processo histórico normando na historiografia vargeniana, muito embora discordamos do seu raciocínio, porque não é apenas pela relação cultural que Varnhagen relaciona-se com a cultura normanda, mas, antes, por influência de Scott, o que não é trabalhado por Wehling:

*“Varnhagen, por sua vez, argumentava de modo idêntico comparando a conquista do Brasil aos índios com a invasão normanda da Inglaterra. Esta ‘teoria da legitimação dos fatos consumados’ implicava admitir o desenvolvimento das histórias nacionais como sinônimo, na expressão de Clado Ribeiro Lessa, da ‘evolução das raças conquistadoras’ e a conseqüente substituição da cultura dos vencidos.”*³⁰⁴

Essa teoria da “*evolução das raças conquistadoras*”, aceita pelos leitores vargenianos, é para nós ponto que necessita de maiores discussões. Como já mostramos, em citação anterior, há em Varnhagen indícios, também, do conceito de “*diversidade cultural*”. Este conceito seria aceito positivamente pelo autor, é através deste que a miscigenação racial evoluiria para a conquista de um segundo conceito, o de “*civilização*”. Tal como é apresentado por Scott:

“Além dos membros das duas famílias, compareceram ao casamento tanto normandos quanto saxões de alta linhagem. O povo recebeu o acontecimento [casamento de Rowena com Ivanhoé] com demonstrações gerais de regozijo, pois era uma garantia de paz e harmonia futuras entre as duas raças, que desde essa época se misturaram tanto que,

³⁰⁴ WEHLING, Arno. op. cit. p. 54.

*hoje, já não é mais possível distingui-las. Cedric viveu o suficiente para ver essa fusão quase completa, pois, à medida que os dois povos se aproximavam e se uniu pelo casamento, os normandos iam-se tornando menos desdenhosos e os saxões menos rústicos. Mas não foi senão no reinado de Eduardo III que a língua mista, agora chamada inglesa, passou a ser falada na corte de Londres, e que o espírito de hostilidade entre normandos e saxões também desapareceu completamente.”*³⁰⁵

A intolerância religiosa é a temática mais aparente discutida por Scott e assimilada por Varnhagen. No capítulo V, entre outros, Scott discorre acerca dessa temática, criticando os motivos pelos quais os judeus, e também os cristãos novos, são perseguidos pelos católicos. A citação de Shakespeare, que utiliza como epígrafe do capítulo, representa sinteticamente as idéias de Scott:

“Não tem olhos o judeu? Não tem mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afetos e paixões? Não se nutre com os mesmos alimentos, fere com as mesmas armas, sofre as mesmas doenças, cura-se pelos mesmos meios, tem frio e calor pelo inverno e verão, como qualquer cristão?”

*(Shakespeare, O Mercador de Veneza).*³⁰⁶

Varnhagen trabalha ao longo de sua obra tal temática com “*stillo*” semelhante ao de Scott:

*“Estas culpas de judaísmo não tinham de ordinário outro fundamento do que simplesmente o sangue de judeu, isto é, o ser-se cristão novo, como se as ovelhas perdidas não fossem, segundo a parábola do Chefe da nossa lei, as que o pastor mais devêra prezar!”*³⁰⁷

“Por esta ocasião não quero deixar de comunicar a V. S. que consegui ver as listas seguidas dos autos de fé da Inquisição de

³⁰⁵ SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995. p. 634.

³⁰⁶ SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995. p. 59.

³⁰⁷ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 122. (Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Lisboa, 17 de Fevereiro de 1844).

*Lisboa; e é para admirar o crecido numero de individuos de ambos os sexos, principalmente com a pecha de christãos novos, que a ella concorreram desde o principio do século passado. Já não nos devemos admirar que alguns, quando entrou Du-Guay Troin, lhe pedissem protecção à bandeira Franceza, e fossem com elle. Até dos sertões e minas do Cuyabá mandava a Inquisição buscar gente para lhe dar tratos em Lisboa! Naturalmente esperaria que accumulassem lá primeiro algum ouro para o fisco ser mais regalo!*³⁰⁸

Julgamos que “*Ivanhoé*” é uma espécie de modelo, onde a formação de um Estado Nacional conseguiu concretizar-se, a despeito das dificuldades de diversas naturezas. Sendo em Varnhagen motivo de inspiração.

³⁰⁸ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 94/5. (Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não tem data o original, é do ano de 1843).

VIII - Observações finais

8.1 - Literatura

A literatura é predominante em Varnhagen. Não apenas como elemento auxiliar para a construção da Nação. A estreita relação do autor com a literatura pode ser constatada no interesse com que participava de ‘círculos’ literários:

*“Vejo o que V. S^a me diz acerca de estar falto ao movimento litterario Europeu, e desejar ler algum jornal de folhetins litterarios. O Sr. Castilho tem o Siècle, que a tal respeito é dos melhores (...). Eu sou assignante de um circulo allemão de trinta pessoas, onde temos muitos Jornaes allemães e francezes (...).”*³⁰⁹

No entanto o interesse do autor não restringe à leitura de periódicos literários. Discuti, ao longo da sua obra, as características do gênero como estilo, forma, conteúdo, estrutura narrativa. Em agosto de 1839, em carta ao amigo Rivara, comentava o desejo de inspirar-se no estilo literário de Walter Scott:

*“Falla-me V. S^a no seu trabalho à cerca de clássicos portuguezes. Nasceu-me o desejo de saber em que sentido era, por que eu tinha isso já escripto alguma coisa em estillo meu romântico à Walter Scott; - e creio que em gênero didactico e desta natureza offereceria novidade. Passei a esta lembrança depois de ter premeditado diálogos, que também para o meu fim seria bom estillo.”*³¹⁰

³⁰⁹ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 48. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, 25 de Abril de 1840).

³¹⁰ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 31. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, 24 de Agosto de 1839).

Alguns anos depois renuncia a esse modelo de escrita. Nessa fase, meados de 1840, o autor tinha como pretensão dedicar-se à geografia:

“Em outro escripto para o qual já tenho riquíssimos elementos, procurarei para o futuro dar uma extensa Geographia Physica do Brazil³¹¹, e sobre ella fundar um projecto de divisão e subdivisão territoriaes, local mais conviniente para a capital do Império, etc. Esta é obra de tão grande circumstancia, que não sahira tão cedo.”³¹²

É somente após renunciar com as pretensões geográficas, e ao estilo de Scott, ou melhor, ao modelo de escrita de “*narração novelesca*”³¹³ de inspiração de Scott, que Varnhagen passa a dedicar-se à história. Há indícios de que foi na primeira estadia no Brasil, em 1840, em viagem ao sertão, que tanto a geografia como o estilo literário de Walter Scott, assim como a escola romântica, deixam de ser parâmetros para Varnhagen. É em fins de 1842 que demonstra o desejo de trabalhar com a história: “*Ah, se eu ainda venho a escrever uma história da Civilização do Brazil?*”³¹⁴

Ressaltamos, também, que as discussões acerca do estilo para escrita se fazem presentes de forma mais intensa até esse período, isto é, nas correspondências do autor esta temática é recorrente até meados de 1839-40. Igualmente chamamos atenção para o fato de que Varnhagen, até esse período, discorre sobre modos de escrita diferenciadas para jornais, artigos e textos literários:

³¹¹ Essa Geografia Física não chegou a ser escrita, mas em seu lugar veio a *História Geral do Brasil*. [nota do editor]

³¹² LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 40. (Ao Cônego Januário da Cunha Barbosa, Secretario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Lisboa, 5 de Outubro de 1839).

³¹³ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. O Caramuru perante a história. In.: *Rev. do IHGB*, 1848. Tomo 10, segundo trimestre. p. 147.

³¹⁴ *Idem, ibidem*. p.89. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, 31 de Outubro 1842).

“Convêm ainda dizer outra reflexão; que convirá ser efectiva para todos os artigos que se escrevem em periódicos como o Panorama. É necessário que em todos elles trabalhe a imaginação, quero dizer, que com verdade haja imagens e poesia que deleite. V. S^a bem o saberá – É necessário que quem escreve incuta as suas ideias e é nisto que consiste a maior originalidade³¹⁵ que de V. S^a pedem os Directores do Panorama.(...).”³¹⁶

Após 1840, as questões relativas ao gênero literário estão presentes sobretudo nos artigos e, posteriormente, na “HGB”.

Interessa-nos realçar, no entanto, que de meados de 1840 à fins de 1850, a literatura revezou com a história as preocupações do autor no sentido de coligir e classificar obras de caráter literário. Supomos que a da produção no campo da literatura pode ser classificada em: sistematização da produção literária nacional, organização e publicação de obras de literatura medieval, ensaios literários e a escrita de dois romances (ou novela?).

Nas referências biográficas, lidas até então, há indícios de que o Sr, Visconde de Porto Seguro deu os primeiros passos para coligir a produção literária brasileira. Segundo nosso levantamento, o autor organizou, coligiu e publicou duas obras de sistematização da nossa produção literária: “*Epicos Brasileiros*”³¹⁷ e “*Florilégio da poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições de poetas*

³¹⁵ Em itálico no texto.

³¹⁶ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p.34. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Lisboa, 4 de Setembro de 1839).

³¹⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *Epicos Brasileiros*. Lisboa: Imp. Nacional, 1845. 18^o gr. de 451 pag. [“Nova edição. Nesta compreendem os poemas ‘Uruguay’ e ‘Caramuru’, acompanhados de notícias biographicas dos seus auctores, e de notas eruditas, que servem de illustração.” (Innocencio Francisco da Silva)]. (1^a ed. ??).

*brasileiros falecidos, tudo precedido de um Ensaio Histórico sobre as letras no Brasil*³¹⁸. Varnhagen, também, localizou e organizou para publicação o poema de Santa Rita Durão, "*Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia*"³¹⁹, precedido de uma biografia, por ele escrita.

As obras de sistematização da literatura medieval, de que tomamos conhecimento, resumem-se a duas: "*Trovas e cantares de um códice do século XIV; ou antes, mui provavelmente "O Livro das Cantigas do Conde Barcellos"*³²⁰ e "*Cancioneirinho de Trovas Antigas, coligidas de um grande Cancioneiro da Biblioteca do Vaticano, precedido de uma noticia crítica do mesmo grande Cancioneiro, com a lista de todos os trovadores que comprehende, pela maior parte portuguezes gallegos*"³²¹

As pretensões literárias de Varnhagen resumem-se num drama e num romance (novela?). "*Armador Bueno: Drama épico-historico-americano em quatro*

³¹⁸ _____ . *Florilégio da poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições de poetas brasileiros falecidos, tudo precedido de um Ensaio Histórico sobre as letras no Brasil*. Tomo I : Lisboa: Imp. Nacional, 1850. 18° gr. de liv-359 pag. – Tomo II. ibi, 1850. 18° gr. – Prosegue com a numeração vinda do primeiro, e acaba na pág. 720. – Tomo III. Madrid, 1853. 18° gr.* [*V. acerca d'esta publicação o artigo escripto por outro nosso amigo, o sr. Cascaes, na Revista Universal Lisboense, tomo III da segunda serie, a pág. 431.*] (Innocencio Francisco da Silva).

³¹⁹ SANTA RITA DURÃO. *Carumuru: poema épico do descobrimento da Bahia*; edição precedida da biographia do autor pelo Visconde de Porto-Seguro. Rio de Janeiro; Paris: Guarnier, 1913.

³²⁰ _____ . *Trovas e cantares de um códice do século XIV; ou antes, mui provavelmente "O Livro das Cantigas do Conde Barcellos"*. Madrid: Imp. de D. Alexandre Gomes Fuentenebro, 1849. 16° gr. de xlij-340. (*Com dous fac-similes*).

³²¹ _____ . *Cancioneirinho de Trovas Antigas, coligidas de um grande Cancioneiro da Biblioteca do Vaticano, precedido de uma noticia crítica do mesmo grande Cancioneiro, com a lista de todos os trovadores que comprehende, pela maior parte portuguezes gallegos*. Vienna. Typographia I e R. do E. e da Corte. MDCCCLXX. (Teve uma segunda edição em Viena em 1872).

actos, e três mutações.”³²² e “*Chronica do descobrimento do Brasil*”³²³, drama e novela respectivamente.

Nesse período todo o trabalho que Varnhagen considerava interessante comentava com seu amigo Rivara: “*Já sabe que fiz um drama?- Vel-o-á*”³²⁴. O romance, “*Chronica*”, é criticado pelos leitores vargenianos que a julgam uma mera cópia da carta de Pero Vaz de Caminha. No entanto seus leitores desconhecem que a “cópia” é intencional, como nos mostra Innocencio Francisco da Silva:

“*Vi uma carta do auctor, dirigida a um sábio e respeitável litterato, na qual dava razão d’esta sua composição, dizendo ‘que escrevera para fazer chegar a conhecimento publico a interessante carta de Pero Vaz de Caminha; e preferira a fôrma de romance por ser este o melhor meio de adaptar ao gosto de todos a história do paiz.*”³²⁵

³²² _____ . *Armador Bueno*: Drama épico-historico-americano em quatro actos, e três mutações. (Edição particular). Lisboa: Imp. Nacional, 1847. 12 [“*Foi reimpresso em Madrid, 1858. 8º gr. Não me consta que da segunda edição se expozessem á venda alguns exemplares, ao menos em Lisboa.*” (Innocencio Francisco da Silva)].

³²³ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *O descobrimento do Brasil*: crônica do fim do 15º, século. Segunda ed. autentica, rev., correta e aumentada pelo autor. Rio de Janeiro, 1840. 70 p. (Saiu no *Panoram*, vol. IV, 1840, a pág. 21, 30, 43, 68, 85, 101 – Traz por assinatura F. A V.)

³²⁴ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 137. (A Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, Diretor da Biblioteca de Évora. Sem lugar e data, editor sugere que tenha sido escrita em Lisboa, “pouco posterior a 14 de Julho” de 1845.)/ (O intitulado *Armador Bueno*, que teve uma primeira edição, diplomática, em 1847, Lisboa; e 1858, Madri. – nota do editor)

³²⁵ SILVA, Innocencio Francisco da. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Diccionario Bibliographico Portuguez*: applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCCLIX. p. 319-322.

IX – “Relação das Obras publicadas e/ou editadas por Varnhagen”³²⁶:

“Bem longe estamos de acreditar que a verdade histórica se aquilate pelo número de autoridades; não sendo estas aliás, às vezes, mais que reprodução ou plágio umas das outras, e antes pelo contrario todos sabem que, conforme o mais judicioso critério histórico, casos há em que o depoimento de uma só testemunha presencial, conscienciosa, pode completamente destruir invenções e calúnias que se tiverem ido repetindo por um chorrilho de escritores de pouca autoridade, chorrilho, com razão comparável às armadilhas das cartas de jogar dobradas ao meio, que servem de divertir crianças, quando a primeira cai, arrasta consigo a queda de todas as demais. Mas é também sem dúvida que o que sobra não prejudica; e que é somente reunindo todas as testemunhas e acareando-as entre si, e com certos fatos conhecidos, que se atina com a verdade histórica.”³²⁷

Algumas tentativas de sistematização das obras produzidas e editadas pelo Visconde de Porto Seguro foram empreendidas, entretanto, *“ainda não existe uma bibliografia absolutamente confiável da vastíssima obra de Varnhagen”³²⁸*.

Como não conseguimos localizar o levantamento bibliográfico elaborado por Horch³²⁹, nos pareceu apropriado a elaboração deste. Sabemos que nosso levantamento está longe de se tornar uma relação ‘confiável’. É um primeiro esboço que demandará pesquisa sistemática para que, ao menos, o conhecimento de um volume mais representativo da produção vargeniana torne-se conhecida.

³²⁶ Relação em fase de elaboração.

³²⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo V. p. 236.

³²⁸ WHELNG, Arno. p. 49.

³²⁹ Indicado pelo parecerista da Fapesp.

Certamente o pesquisador que se dedicar a coligir o material vargeniano terá um trabalho de Hércules, os motivos não são pouco. Seria interessante a catalogação das cartas, ao menos parte delas, recebidas pelo autor como, por exemplo, as envidas pelo Imperador Pedro II.

A “*Correspondência ativa*” coligida por Lessa, é seguramente o trabalho mais sólido até então empreendido. Ainda assim, o próprio autor tinha consciência de que:

*“Apesar de bastante volumosa e variada, nossa coletânea está longe de se poder considerar completa. No que respeita à correspondência particular talvez não encerre, sequer, metade dos originais ainda existentes por aí, esquecidos em gavetões de velhas cômodas dos tempos da Monarquia”*³³⁰.

Lessa, também, adverte que:

*“(…) há ainda a notar a ausência de muitas cartas porventura existentes ainda em arquivos particulares, estrangeiros principalmente, que não chegaram ao nosso conhecimento, nem temos, sequer, vaga idéia de onde se poderão encontrar. Varnhagen entreteve correspondência com o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, o Conde Raczynske, o Barão de Humbold, o naturalista Martius, os sábios Cotambert, Saint Hilaire, d’Avezac, Vegezzi-Ruscalla, e muitos outros grandes vultos das letras e das ciências do Velho Mundo, em cujos arquivos, se conservaram, o que é quase certo, devem encontrar-se cartas suas.”*³³¹

No entanto, o que nos parece ser a ausência maior do trabalho de Lessa é a exclusão intencional de ofícios diplomáticos:

“(…) por motivos óbvios, excluimos todos os ofícios diplomáticos de caráter mais ou menos confidencial, que se conservam no arquivo do Ministério das Relações Exteriores, dando acolhida apenas aos

³³⁰ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 13.

³³¹ *Idem, ibidem*. p. 13-4.

que de feição informativa, que por outras vias nos chegaram ao conhecimento.”³³²

Julgamos esta opção de Lessa pouco prudente, principalmente neste que é um dos principais conhecedores de Varnhagen, porque certamente era do seu conhecimento que a documentação oficial foi muito priorizada pelo historiador. Como pode ser constatado nas referências de Varnhagen sobre a “*História da Independência*”, feitas na “HGB”: *Finalmente, as importantíssimas correspondências oficiais dos agentes diplomáticos e consulares (...)*”³³³

Além destes, todo o material impresso em jornais e revistas européias e até mesmo em periódicos nacionais são desconhecidos, o levantamento sistemático dos artigos de autoria de Varnhagen, nestes veículos de informação, ainda estão por fazer.

O biógrafo Clado Lessa fez um levantamento sumário³³⁴ dos artigos publicados na revista portuguesa “*O Panorama*”, do qual o sr. Visconde foi “(...) *um dos diretores suplementes (...) desde que apareceu [a revista] em 1837 até o ano de 1840 (...)*.”³³⁵ O biógrafo encontrou o empecilho típico que todos que se dedicarem ao autor fatalmente irão encontrar, a verificação de autoria:

“Esta lista deve ser ainda muito lacunosa apesar de todos os esforços para faze-la tão extensa quanto possível, pois só incluímos

³³² LESSA, Clado Ribeiro de (org.). *Correspondência ativa*: Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 13.

³³³ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil*: antes de sua separação e independência de Portugal. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo V. p. 235.

³³⁴ LESSA, Clado Ribeiro de. Colaboração de Varnhagen no “Panorama”. In.: *Rev. do IHGB*, jan./mar. 1946, nº 193, p. 105-109.

³³⁵ *Idem, ibidem*. p. 105.

*as composições de que nos foi possível justificar com segurança a autoria, deixando de parte muitos artigos anônimos, especialmente sobre matéria de arquitetura, que nos inclinamos a supor de Varnhagen, mas a respeito dos quais nenhum indício possuímos além da natureza do assunto e semelhança de estilo, nos autorizem a firmar serem da sua pena.*³³⁶

Consideramos que o material impresso em jornais é de importância fundamental para a apreensão do pensamento do autor. Varnhagen manteve estreito vínculo com a imprensa, nas páginas da “HGB” dedicou um capítulo exclusivamente aos periódicos: “*Escritores, viajantes e imprensa*”. Neste, aliás, encontramos um rico material acerca das influências do autor. Notoriamente, à exceção de Clado Lessa, não localizamos referências deste capítulo nos leitores varnagianos. Ausência que julgamos inapropriada principalmente nos leitores mais recentes, que tanto alardeiam a ausência de espírito interpretativo no autor:

*“Não cremos que nenhum estadista concorresse mais, para preparar a formação no Brasil de um império constitucional, do que o ilustre redator do Correio Brasiliense [Hipólito José da Costa]. Talvez nunca o Brasil tirou da imprensa mais benefícios do que os que lhe foram oferecidos nessa publicação, em que o escritor se expressava com tanta liberdade como hoje o poderia fazer; mas com a grande vantagem de tratar sem paixão as questões da maior importância para o Estado, tais como as do fomento da colonização estrangeira, etc.”*³³⁷

Diversas obras poderiam ser citadas de forma a ilustrar que ainda não podemos fazer generalizações sobre o pensamento de Varnhagen, simplesmente porque ainda nem ao menos conseguimos catalogar material básico elaborado ao longo de sua vida.

³³⁶ LESSA, C. *op. cit.* p. 109.

³³⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Escritores, viajantes e imprensa*. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo V. p. 226.

Chamamos atenção para a “*Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, etc., escripta pelo P. Fernão Cardim*”, citada apenas no dicionário de Innocencio Francisco da Silva³³⁸, há indícios de que esta obra foi censurada. Não saberemos informar os porquês de tal censura, nem ao menos a localização de tal narrativa conhecemos.

Outros trabalhos como artigo “*Projecto de uma lei adicional à das terra publicas, com a imposição do censo por maior, e favores aos que promovam a colonização agricola no Brazil*”³³⁹, onde Varnhagen discute a ocupação do solo e a reforma agrária tem acesso restrito, sabemos o “*Ministério das Relações Exteriores*” possui uma cópia, entretanto não obtivemos acesso. A “*Memória acerca de como se deve entender a nacionalidade brasileira*” é, igualmente, ignorada pelos leitores do nosso historiador, nesta Varnhagen discorre sobre os fundamentos da sua teoria da miscigenação brasileira, recusada inteiramente pelos membros do IHGB. Este documento foi enviado, em anexo, em carta ao Imperador e sugerida para publicação, no que não foi atendido. O projeto de MERCOSUL do XIX, elaborado por Hipólito José da Costa e desenvolvido por Varnhagen, foi recebida de forma tão sonolenta pelo Imperador que é possível que “*(...) talvez durma na pasta (...)*”³⁴⁰ em alguma caixa do “*Ministério das Relações*.”

³³⁸ SILVA, Innocencio Francisco da. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Diccionario Bibliographico Portuguez: applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCCLIX. p. 319-322.

³³⁹ _____ . *Projecto de uma lei adicional à das terra publicas, com a imposição do censo por maior, e favores aos que promovam a colonização agricola no Brazil*. Madrid. Na Imprensa da Viúva D. R. J. Dominguez, 1856.

³⁴⁰ LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 198. (Ao Imperador D. Pedro II. Madrid, 4 de Março de 1853).

Obviamente não queremos dizer que somente com o conhecimento de “todo” o material do autor seria possível apreender seu pensamento, e sim que o usual trabalho por amostragem das fontes tem se revelado pouco satisfatório.

Como a maior parte da bibliografia vargeniana encontra-se em arquivos europeus, priorizamos em nosso levantamento o item ‘*observações*’. Este contém referências diversificadas, tais como: localização da obra, edições, alguns comentários de autoridades e outros que julgamos importantes como referência.

Ano	Autor	Obra	Observações
1839	F. Varnhagen	A <i>Reflexões críticas sobre o escrito do século XIV (sic), impresso com o título de “Noticias do Brasil” no tomo III da “Coleção de Not. para a História e Geographia das Nações Ultramarinas etc.” acompanhadas de interessantes noticias bibliográficas e importantes investigações históricas.</i> Lisboa: Tip. da mesma academia, 1839.	* <i>século XVI</i> * Saiu no tomo V da mesma coleção (Vid. no presente volume o artigo C, 353).
1839	F. Varnhagen	A <i>Diário da navegação da armada, que foi a terra do Brasil sob a capitania-mór de Martim Affonso de Sousa, escripto por seu irmão Pero Lopes de Sousa.</i> Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen, etc. Lisboa: Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839. 8º gr. de XXIV-130 pag., com o retrato de Martim Affonso de Sousa.	Acompanhou o texto inédito com as biografias dos dois Sousas, e com anotações e documentos, que ocupam de pág. 61 até o fim do volume. – V. acerca d’esta publicação a Analyse do visconde de Santarém, inscrita na coleção periódica <i>Nouvelles annales des voyages</i> , caderno de Março de 1840, da qual se tiraram também

		exemplares separados.
1840	F. Varnhagen	A <i>Chronica do descobrimento do Brasil</i> . (Saiu no <i>Panoram</i> , vol. IV, 1840, a pág. 21, 30, 43, 68, 85, 101) – Traz por assinatura F. A V.
		<i>O descobrimento do Brasil</i> : crônica do fim do 15 ^o , século. Segunda ed. autêntica, rev., correta e aumentada pelo autor. Rio de Janeiro, 1840. 70 p.
		* “Vi uma carta do auctor, dirigida a um sábio e respeitável litterato, na qual dava razão d’esta sua composição, dizendo ‘que escrevera para fazer chegar a conhecimento publico a interessante carta de Pero Vaz de Caminha; e preferira a fôrma de romance por ser este o melhor meio de adaptar ao gosto de todos a história do paiz.’” (Innocencio Francisco da Silva)
1841	F. Varnhagen	A <i>Corografia Cabo-Verdina, ou descripção geographico-historica da provincia das Ilhas de Cabo-verde e Guiné</i> , publicada por José Conrado Carlos de Chelmicki e Francisco Adolfo de Varnhagen. Lisboa: Typ. de Luis Corrêa da Cunha, 1841. 8 ^o gr. 2 vol. com 6 estampas: o I com 304 pag. e o II com 511 ditas.
		* “Só o segundo tomo traz no rosto expressa a indicação do nome do sr. Varnhagen. Vej. o que elle diz a este respeito no prólogo do mesmo volume, onde igualmente declara qual a parte que teve n’esta obra” (Innocencio Francisco da Silva)
1842	F. Varnhagen	A <i>Noticia histórica e descriptiva do mosteiro de Belém</i> . Lisboa: Typ. da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, 1842. 8 ^o maximo, de VI-41-XII pág., com uma estampa
		* “Tem no fim o ‘Glossario de alguns termos respectivos a Architectura’. A Noticia tinha já sido inserta, mais resumidamente, em alguns números do Panorama. Não traz no frontispicio o nome do auctor. Esta edição acha-se há annos exhausta,

			<i>segundo</i> (Innocencio Francisco da Silva)	<i>creio.</i> "
1843	F. Varnhagen	A <i>Elogio histórico do Vice-Almirante Ignácio da Costa Quintella.</i> Lido em sessão publica do Conservatório Real de Lisboa. Sahiu nas <i>Memórias do Conservatório</i> , tomo II (sem primeiro). Lisboa: Imp. Nacional, 1843. 4º de pág. 1 a 8, e ouvi dizer que se tiraram d'elle alguns exemplares em separado (Innocencio Francisco da Silva)		
1845	F. Varnhagen	A <i>Epicos Brasileiros.</i> Lisboa: Imp. Nacional, 1845. 18º gr. de 451 pag.	<i>"Nova edição. N'esta comprehendem os poemas 'Uruguay' e 'Caramuru', acompanhados de noticias biographicas dos seus auctores, e de notas eruditas, que servem de illustração."</i> (Innocencio Francisco da Silva)	
1847	F. Varnhagen	A Armador Bueno: <i>Drama épico-historico-americano em quatro actos, e três mutações. (Edição particular).</i> Lisboa: Imp. Nacional, 1847. 12º	<i>"Foi reimpresso em Madrid, 1858. 8º gr. Não me consta que da segunda edição se expozessem á venda alguns exemplares, ao menos em Lisboa."</i> (Innocencio Francisco da Silva)	
?(1847)	F. Varnhagen	A Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, etc., escripta pelo P. Fernão Cardim.	* OBRA CENSURADA	* (<i>"V. o artigo relativo a este nome no presente volume a pág. 281) – O sr. Varnhagen declara em uma advertência final a causa que obstou a que a publicação d'este inédito sahisse acompanhada das notas que tencionava ajuntar-lhe"</i> . Innocencio

			Francisco da Silva)
	Fr.	Gaspar	
1847	Madre	de	<i>Memórias para a história da Capitania de S. Vicente, hoje província de S. Paulo do império Brazil.</i> Rio de Janeiro: Agostinho de Freitas Guimarães, 1847.
	Deus		
1849	F.	A	<i>Memorial Orgânico</i>
	Varnhagen		
1849	F.	A	<i>Trovas e cantares de um códice do século XIV; ou antes, mui provavelmente "O Livro das Cantigas do Conde Barcellos".</i> Madrid: Imp. de D. Alexandre Gomes Fuentenebro, 1849. 16° gr. de xlij-340.
	Varnhagen		* "Com dous fac-similes. * Publicou passado tempo um Post-scriptum no mesmo formato, que segue a numeração de pág. 339 a 369, e que serve de indispensável complemento a obra". (Innocencio Francisco da Silva)
1850	F.	A	<i>Ensaio histórico sobre as letras no Brasil</i> (In.: "Florilégio da poesia brasileira", tomo I, Lisboa, 1850)
	Varnhagen		
1850	F.	A	<i>Florilégio da poesia brasileira ou coleção das mais notáveis composições de poetas brasileiros falecidos, tudo precedido de um Ensaio Histórico sobre as letras no Brasil.</i> Tomo I : Lisboa: Imp. Nacional, 1850. 18° gr. de liv-359 pag. – Tomo II. ibi, 1850. 18° gr. – Prosegue com a numeração vinda do primeiro, e acaba na pág. 720. – Tomo III. Madrid, 1853. 18° gr.
	Varnhagen		* "V. acerca d'esta publicação o artigo escripto por outro nosso amigo, o sr. Cascaes, na Revista Universal Lisboense, tomo III da segunda serie, a pág. 431." (Innocencio Francisco da Silva). * "O sr. dr. Alexandre José de Melo Moraes agradeou-se tanto da Introducção ou Ensaio Histórico, que publicando em 1856 no Rio de Janeiro o tomo I dos seus 'Elementos de Litteratura', não julgou poder fazer melhor que

-
- trancrevel-o fiel e integralmente em todo o conteúdo sem aumento ou diminuição, desde pág. 177 até 198, com título, na verdade menos modesto que o dado pelo auctor, chamando-lhe 'História da Litteratura Brasileira'". (Innocencio Francisco da Silva)
- 1851 F. Varnhagen A *Tractado descriptivo do Brasil de Sousa etc. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscriptos existentes no Brasil, Portugal, Hespanha e França, e acrescentada de alguns commentarios á obra, etc.* Rio de Janeiro, 1851. 8º gr. – (V. Gabriel Soares de Sousa) * “Edição em tudo incomparavelmente superior á que d'este opúsculo fizera pela primeira vez a Academia Real das Sciencias de Lisboa, quando ainda se ignorava quem fosse o seu auctor, na 'Collecção de noticias etc.' (V. n'este vol. o artigo C, 353)”. (Innocencio Francisco da Silva)
- 1852 F. Varnhagen A *Memória acerca de como se deve entender a nacionalidade brasileira* Enviada a D. Pedro II, em anexo a uma carta, ao que parece não foi publicada, como sugeriu o autor.
- 1853 F. Varnhagen A *Sucinta indicação de alguns manuscritos importantes, respectivos ao Brasil e Portugal, existentes no Museu britânico em Londres, e não compreendido no Catálogo Figanière.* Lisboa, 1853 (ou) *Simples aditamento ao dito Catálogo.* Habana, Imprensa la Antilha, 1863
- 1853 F. Varnhagen A (A “folha junta” do) *Florilégio* A folha junta do *Florilégio* deve ser a que somente em muito poucos exemplares aparece completando o 3º volume (Madri, 1853), com as páginas 289-311 (um caderno in-12º).
- 1854 F. A *História geral do Brasil, isto é, do descobrimento, colonisação,* O primeiro volume é ornado com quinze estampas, e o
-

	Varnhagen	<p><i>legislação e desenvolvimento segundo com doze ditas, d'Estado, hoje imperio todas de grande interesse independente; escripta em para illustração do texto. presença de muitos documentos authenticos, recolhidos nos * 2.^a ed. "muito aumentada e melhorada pelo autor", foi arquivos do Brasil, de Portugal, e publicada em 1877, também da Espanha e da Hollanda, por em dois volumes, Rio de Janeiro, Laemmert (Viena, Tomo I. Madrid, Imp. da viuva de Dominguez, rua Hortaleza, n.º Impressa do filho de Carlos Gerold).</i></p> <p>67. 1854. 4.º de XV-498 pag. – Tomo II. Madrid, Imp. de J. Del Rio, a cargo de F. Molina, R. Estrella 7. 1857. 4.º de XXVIII-489 pag., além de um indice numerado com as letras (a) a (g).</p>	
1855	F. Varnhagen (editor)	<p>A <i>Sumé, lenda mytho-religiosa americana. Recolhida em outras eras por índio Moranduçára. Agora traduzida e dada à luz com algumas notas por Um Paulista de Sorocaba.</i> Madrid: na Imp. da Viúva de Dominguez, rua Hortaleza, 1855. 16º de 39 pag. (Segunda referência localizada: MDCCCLV. No verso do frontispício: <i>Imprensa da V. de Domingues: Hortaleza, 67. – 8º de 39 páginas).</i></p>	<p>Publicada também nos seguintes: <i>Panorama</i>, no número de 3 de Novembro de 1855 (vol. XII, págs. 347-351), assinada pro F. A V. Saiu também no periódico <i>A Abelha</i>, do Rio de Janeiro, no nº 9 (1856)</p>
1856	F. Varnhagen	<p>A <i>Projecto de uma lei adicional à das terra publicas, com a imposição do censo por maior, e favores aos que promovam a colonização agricola no Brazil.</i> Madrid. Na Imprensa da Viúva D. R. J. Dominguez, 1856.</p>	
1857	F. A de Varnhagen	<p><i>Projecto de código criminal Militar (proposto para o Brasil)</i></p>	<p>Enviado a D. Pedro II (não temos certeza se foi publicado).</p>

-
- 1858 F. Varnhagen A *Vespuce et son premier Voyage, ou notice d'une découverte et exploration primitive du golfe du Mexique et des côtes des États-Unis en 1497 et 1498.* Paris: Imp. L. Martinet, 1858. 8° gr. de 31 pag. com ma lithographia no fim.
- 1858 F. Varnhagen A *Examen de quelques points de l'Historie Geographique du Brésil, comprenant des éclaircissements nouveaux sur le second Voyage de Vespuce, etc. ou Analyse critique du rapport de M. d'Avezac sur la recente Histoire générale du Brésil.* Paris: Imp. de L. Martinet, 1858. 8° gr. de 70 pag. com um mappa.
- 1867 F. A de Varnhagen *Os índios bravos e o Sr. Lisboa,* Imprensa Liberal, 1867
Timon 3. Imprensa Liberal, 1867.
- 1867 Pero Lopes de Sousa *Diário de navegação: pela costa do Brazil ate o Rio Uruguay (de 1530 a 1532), acompanhada de varios documentos e notas de Pero Lopes de Souza.* 4. ed. Livro da Não "Bretoa" ao Cabo Frio (em 1511) por Duarte Fernandes. nova edição; tudo annotado e precedido de prólogo ... pelo ... F. A de Varnhagen. Imprensa: Rio de Janeiro: Typ. de D. L. do Santos, 1867.
- 1870 F. A de Varnhagen (editor) *Cancioneirinho de Trovas Antigas, coligidas de um grande Cancioneiro da Biblioteca do Vaticano, precedido de uma noticia crítica do mesmo grande Cancioneiro, com a lista de todos os trovadores que comprehende, pela maior parte portuguezes gallegos.* Vienna. Typographia I e R. do E. e da Corte. Teve uma segunda edição em Viena em 1872.
-

-
- MDCCLXX.
- 1871 F. A *História das lutas com os* “Esta é a melhor obra de
Holandeses no Brasil, desde 1624 autor brasileiro até hoje
 Varnhagen *a 1654.* Viena, 1871. 365 p. escrita sobre o assunto”
 (J.H.Rodrigues)
- Edição: São Paulo:
 Cultura, 1943.
- 1874 F. A de *Ainda Amerigo Vespucci: novos*
 estudos e achegas, especialmente
 Varnhagen em favor da interpretação dada a
 sua 1^a. viagem, em 1497-98, as
 costas do Yucatan e Golfo
 Mexicano. Imprensa Vienna
 D’Austria: C. Gerold, 1874.
- 1913 Santa Rita *Carumuru: poema épico do*
 descobrimento da Bahia; edição
 Durão precedida da biographia do autor
 pelo Visconde de Porto-Seguro.
 Rio de Janeiro; Paris: Guarnier,
 1913.
- 1916 F. A *História da independência do*
Brasil (Rev. Inst. Hist. Geo. Brás.
 Varnhagen t. 79, 1916, 598 p.)
- 1939 Nuno *Compendio narrativo do*
peregrino da América. Rio de
 Janeiro: Publ. Acad. Brasileira,
 1939.
 Pereira
-

X – Glossário

Este mini-glossário tem por objetivo a aproximação com o vocabulário Oitocentista, este se fez necessário com o desenvolvimento da pesquisa por diversos motivos, entre eles a manifesta preocupação filológica de Varnhagen. Selecionamos alguns dos vocábulos centrais da obra vargeniana³⁴¹, e buscamos sua significação à luz do XIX. Chamamos atenção para o fato de que a significação destes vocábulos quando comparados com a conotação atual redundam em consideráveis modificações. Se a princípio esta nossa preocupação possa parecer insignificante, ela muito tem contribuído para a contextualização do autor.

A princípio trabalhamos com três dicionaristas, da língua portuguesa, do século XIX: Francisco Solano Constancio³⁴², o qual publicou em 1845; José da Fonseca³⁴³, cuja publicação ocorreu em 1848; e Antonio de Moraes Silva³⁴⁴, que em 1878 encontrava-se na sétima edição. Com o desenvolvimento da pesquisa evidenciou-se a pertinência de Moraes, tanto pela qualidade da obra quanto, e mais importante, pela preferência do nosso autor.

³⁴¹ Este está em permanente construção, dependendo da demanda da pesquisa.

³⁴² CONSTANCIO, Francisco Solano. *Novo Diccionario: crítico e etymologico da língua portuguesa*. Paris: (?) Francisco Carneiro, 1845.

³⁴³ FONSECA, José da. *Diccionario da língua portuguesa*. Paris/ Lisboa: Aillud e Cia, Guillard, 1848. (feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por ROQUETE, J. I.).

³⁴⁴ MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da língua portuguesa*. Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves, 1878. 7ª ed. 2 v. (melhorada, e muito acrescentada com grade numero de termos novos usados no Brazil e no Portuguez da Índia). – * Não localizamos a data da primeira edição.

As obras dos dicionaristas acima citados quando comparadas, evidenciam a superioridade inquestionável da de Moraes. O dicionário de Moraes revela um lexicógrafo exigente, resultando numa obra mais substancial. Não seria impróprio afirmar que este dicionário nascera clássico, destes que o autor e a obra tornam-se indissociáveis, posto que em 1852 Varnhagen assim o apresentava:

*“Poucos trabalhos litterarios tem sido mais úteis á geração actual, entre os povos que fallão e cultivam a bella lingua de Camões e Vieira, do que o dictionario da lingua portugueza por Antonio de Moraes Silva. Assim fez elle tão popular entre nós, que o appellido – Moraes – se tornou quase exclusivo ao nosso lexicographo, e ao seu livro.”*³⁴⁵

Os dicionários de Constancio e Fonseca não permaneceram enquanto referências, são por demais simplista³⁴⁶. Nem entre seus contemporâneos, como Varnhagen sugere na citação acima, conheceram notoriedade. Constancio é citado pelo Visconde como que um plagiador de Moraes:

*“No fim de quasi trinta annos, no meio de tantos especuladores e compiladores de dictionarios, que se tem apresentado a vituperar Moraes (depois de haverem d'elle aproveitado até as ultimas migalhas), ainda ninguém foi capaz de lhe disputar a palma. Entra n'este numero o ingrato Constancio, que, por desgraça nossa, ganhou alguma entrada nos escriptorios dos negociantes, e nos bufes dos charlatães, como elle.”*³⁴⁷

³⁴⁵ VARNHAGEN, F. A de. Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc.: Antonio de Moraes Silva. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 15: 245. 1852. p. 243.

³⁴⁶ Ressaltamos que nossas conclusões residem apenas na comparação dos termos lexicais pertinentes à pesquisa. Obviamente, é inquestionável a importância destes enquanto modelos de sistematização da língua portuguesa.

³⁴⁷ VARNHAGEN, F. A de. Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc.: Antonio de Moraes Silva. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 15: 247. 1852. p. 247.

A análise varnheniana do dicionário Moraes é ilustrativo de sua refinada qualidade crítica, ousadamente afirmamos rara entre os historiadores brasileiros. Assim dissecou Varnhagen este dicionário:

*“Na primeira edição d’elle não se propôz o nosso autor a mais que a dar um resumo dos numerosos volumes indigestos e palheirões de Bluteau. Seguiu porém estudando a lingua, lendo os classicos (...). A segunda edição do dictionario (de 1813), e sobretudo a terceira (de 1823) receberam grandes retoques e subsídios, que do Brazil enviava sem cessar nosso lexicographo, convertido já em senhor de engenho.”*³⁴⁸

Conclui Varnhagen que apesar dos defeitos que se apresentam neste dicionário ele é ‘autoridade’:

*“Com effeito, há no Diccionario definições pouco exatas; há em seu systema menos methodo e concisão do que v. g. em Boiste; há falta de harmonia, dando-se a etymologia de umas palavras e de outras não; há mesmo faltas na ordem natural das idéas, em muitos significados, apresentando-se, ás vezes, as do sentido metaphorico e translato antes da do natural e primitivo; mas todos esses defeitos, e outros que se lhe notem, servem de realçar os méritos da obra; méritos deve ella ter para, apezar de tantos defeitos, continuar a ser autoridade.”*³⁴⁹

A despeito destes predicados inegáveis do dicionário de Moraes, seu valor acrescer pelo motivo de ser ele brasileiro, ao que parece carioca. Uma inestimável qualidade aos olhos deste autor que se dedicou a vigília dos vultos ilustres do Brasil³⁵⁰:

“Para prevenir, pois, contra o descuido dos contemporâneos, que assim se esquecem de salvar a memória de patricios dignos, para estímulo, talvez, de algum seu parente ou amigo, que conheça d’elle mais factos que nós, por homenagem de lembrança ao varão

³⁴⁸ VARNHAGEN, F. A de. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Antonio de Moraes Silva. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 15: 246/7. 1852. p. 246.

³⁴⁹ VARNHAGEN, F. A de. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Antonio de Moraes Silva. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 15: 246/7. 1852.

³⁵⁰ Nossas pesquisas nos levaram à suposição de que o trabalho de Varnhagen em resgatar o “heróis” nacionais em alguma medida relaciona-se com a necessidade de ressaltar, e diferenciar, um Brasil, que independentemente dos interesses de Portugal,

laborioso, e, finalmente, por tributo ao paiz que o viu nascer, passamos a consignar n'este esboço de biographia, o pouco que a seu respeito temos podido alcançar."³⁵¹

Contrariando a vastíssima bibliografia existente, nossas pesquisas nos levaram à suposição de que o trabalho de Varnhagen em resgatar os “heróis” nacionais em alguma medida relaciona-se com a necessidade de ressaltar que no Brasil, independentemente dos interesses de Portugal, “os brasileiros distintos por armas, letras, virtudes etc” além de serem exemplos pedagógicos para o ‘povo’, representam vozes que articularam os interesses nacionais em oposição a Portugal. Isto é, o estado rudimentar de idéias e atitudes que se caracterizam por promover o questionamento, caracterizando as especificidades do homem brasileiro, da dominação da Metrópole. Obviamente é uma hipótese bastante polêmica, que demanda pesquisa sistemática, entretanto, não poderíamos nos esquivar de apresentá-la.

Um segundo mérito deste dicionarista reside na forma peculiar pela qual foi levado ao interesse pela língua pátria, o aprimoramento intelectual devido à aplicação e estudo:

*“Foi em Coimbra que lhe nasceu o gosto pela nossa lingua e litteratura, de um modo muito original. Apresentou-se o jovem Moraes na universidade pronunciando e fallando muito incorrectamente o portuguez, e taes vexames lhe faziam por isso soffrer seus contemporâneos, que protestou comsigo vingar-se d’elles, do modo mais seguro e terminante. Começou a ler e estudar os classicos ...”*³⁵²

³⁵¹ VARNHAGEN, F. A de. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Antonio de Moraes Silva. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 15: 246/7. 1852. p. 244.

³⁵² VARNHAGEN, F. A de. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Antonio de Moraes Silva. In. : *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, vol. 15: 245. 1852. p. 245.

Estaria Varnhagen sugerindo que com dedicação e estudo poderíamos superar os portugueses? Isto é, que os brasileiros se apresentavam em forma bruta que quando dilapidada, viria a ser mais rara que nossos colonizadores? Diversos indícios da pesquisa indicam que a resposta seria afirmativa, entretanto, mais pesquisas serão necessárias.

Chamamos atenção para o fato de que a despeito das qualidades do dicionário de Moraes, o fato dele ter se dedicado à lavoura de açúcar, isto é, ter dedicado ao desenvolvimento da economia agrária, é mais um ponto a favor do dicionarista aos olhos de Varnhagen, posto que para este é na agricultura que o Brasil deveria desenvolver sua economia. E ainda que, esta proximidade com o “povo” possibilitou a Moares intimidade com a língua portuguesa falada no Brasil:

“(...) apesar dos cuidados que demandavam dele a lavoura do açúcar, à qual se entregou, prosseguiu na obra empreendida, votando-se com o maior afincamento ao estudo dos clássicos, e recolhendo dos campos e dos engenhos muitos termos usados familiarmente no nosso país, e a que deu por assim dizer sanção literária.”³⁵³

Notar as peculiaridades da língua portuguesa falada no Brasil em oposição a Portugal, ressaltando a independência e as variabilidades do português-brasileiro, relaciona-se explicitamente com a teoria de emancipação do Brasil em relação a Portugal (supomos que ponto harmônico entre os lexicógrafos) presente no pensamento vargeniano. É precisamente esta a maior contribuição do trabalho de Moares, denunciar a independência da nossa língua, e conseqüentemente a autonomia

³⁵³ VARNHAGEN, F. A de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo V. p. 211.

do Brasil em relação ao “*velho mundo*”. Afinal, como disse Varnhagen, citando Hipólito José da Costa, “(...) *é preciso confessar que devemos dizer carvão e não cravão, ainda que na corte de Lisboa assim se fala.*”³⁵⁴

Apesar desta convergência de idéias, a refina qualidade crítica não permitiu a Varnhagen abster-se de apontar as deficiências da obra do maior dicionarista dos Oitocentos:

Apontem-se embora no trabalho de Moares definições pouco exatas, note-se no sistema falta de concisão, de método e de regularidade, outros muitos méritos deve ele ter para que censores do crédito e autoridade de Filinto e do patriarca São Luís lhe prestassem tanta consideração.”³⁵⁵

⌘

⌘

⌘

Brazil, adj. 2 g. *Páo Brasil*; vermelho; côr de braza (d’onde vem *brazil*, *brasido*, ou *brazido*), de que se extrahe tinta da mesma côr, cozinhando-o em agua. § *Côr Brasil*, de *páo Brasil*. § *Indio natural do Brasil*. (p. 289)

Brasileiro, a, adj. E s. Natural do Brasil; pertencente ao Brasil: v. g. *produções brasileira*. (p. 289)

Cidadão, s. m. (do Lat. bárbaro *civilamus*, do Lat. *civilas*, cidade) O homem que goza dos direitos de alguma cidade, das isenções, e privilegios, que se conteem no seu

³⁵⁴ VARNHAGEN, F. A de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo V. p. 231.

³⁵⁵ VARNHAGEN, F. A de. Escritores, viajantes e imprensa. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. Tomo V. p. 211.

foral, posturas, etc. homem bom: “*faziam hum juiz cidadão* da cidade, ou villa, e outro *fidalgo*” aqui *cidadão* como contraposto a *fidalgo*. *Ord. Af.* 2 59. 9. (corresponde ao *burguez*, do Fr. *bourgeois*) e 60. 8 “nam sendo fidalgo, ou pessoa honrada, ou *cidadão* honrado, etc.” *Ord. Af.* 5.80.2 “*cidadãos* de qualquer cidade, que andem nos pelouros de vereadores, juizes, almotacés, ou procuradores desses conselhos” *cil. Ord.* 2.23.43 f. 136 e *Man.* 5.6.4 § Vizinho de alguma cidade. *Andr. Chr.* 4.92. *no fim.* “foi *cidadão* em Goa” § fig. *Cidadões do Céu*; os Bemaventurados. *V. de Suso*, f. 268. Melhor é o pl. *cidadãos*, mais conforme a etymologia. *Leão*, *Orth.* f. 224. mas a f. 226. diz: *cidadãos, e cidadões, villães, e villões.* *V. do Arc.* 2. e 31. “*cidadãos* principaes” § *Cidadão*, m. – *ã, ãa* ou *ãn*, f. adj. *Cout.* 5.2.4 “*mao cidadã*” i. é, de *cidadão*. *Arr.* 1.3. “*gente cidadã*” (p.384)

Civilização, s. f. O acto de civilizar: o estado do povo civilizado.

Civilisádo, p.p. de Civilizar.

(Civilisado (ou Civilizado), Policiado, Polido. Syn.) *Civilizado* diz-se de um povo, quando tendo deixado os costumes barbaros se governa por leis. *Policiado* quando pela obediência ás leis tem adquirido o habito das virtudes sociaes. E *polido* quando em suas acções mostra elegância, urbanidade, e gosto. A civilização estabelece-se pelas leis que formam os bons costumes. E estes aperfeiçoam as leis, e policiam os povos. A polidez segue-se depois. (p. 390).

Cultura, s. f. (do Lat.) O modo, a arte, o trabalho de cultivar a terra, de tractar as arvores, etc. *Lus.* 9. 58. “os dões, que dá Pomona, alli natura produz diferentes nos sabores, sem ter necessidade de *cultura*” “impedir a *cultura* aos lavradores” *Frei, L.*

1. nº 59. § no fig. *A cultura do engenho, do entendimento*; instruindo-nos. § *A cultura das boas artes*; o trabalho por sabê-las. *Cultura do estylo*; imato. V. Culto. *Frei. P. 3* “estrepito de vozes novas, a que chamão *cultura*” § *Cultura dos idolos*; culto. *Flos Sanct. 2 f. 33 v. § A – das almas*; com missões, sacramentos. *Vieira. (p. 483).*

Escravizar, v. a. us. Reduzir á condição de escravo, captivar: v. g. – *as nações, os homens*; e fig. subjugar, supitar, dominar, senhorear-se: v. g. – *os povos, um reino, etc. il. fig. – os entendimentos, as vontades, as liberdades.* § Este vocabulo parece tomado do Francez; em Portuguez limpo temos *subjugar, captivar, arassalar, tyranizar*; e não *escravizar*. *D. F. F. de S. Luiz. Gloss. p. 54. (p.702).*

Escrávo, a, adj. (do Lat. Barv. *sclavus*) Captivo, que esta sem liberdade, no estado de servidor: e fig. *escravo dos vícios, paixões, da cubiça, da sensualidade*, e outros vícios predominantes: “*o escravo do corpo*” *Sangram. c. 8.* “*alma escrava*” c. 10. *Utis. 5. 3.* “*huma alma – “ Povo - ; que não goza dos direitos, e liberdades, e fóros, que as leis do seu paiz lhe condem: il. cuja liberdade é restringida arbitrariamente, e em damno da republica, contra o bem commum, e mais do que a este cumpre, ou é necessário.* § *Escravo, a, s. Pessoa escrava.* § (* *A melhor cidade do Gharb e a mais bella das minhas escravas a quem m’o trazer vivo aqui*” *A. Herc. Eur. c. 15*) § fig. “*Escravo do trabalho*” *Lobo, f. 302.* que se dedica a elle com affinco e applicação. § *- do seu segredo*; o que o occulta mesmo com risco proprio. § *Ser escravo de vícios, cubiça*; i. e., dominado, sujeito. § *Ser – das suas paixões*; não as poder refrear. § *Ser*

– *da sua palavra*; i. e. estricto observador d'ella, exacto no seu cumprimento. § t. poet. Amante. (p. 702).

Indígena, s. 2g. (do Lat. *indigena*) Natural de alguma terra; fallando relativamente a essa terra: diz-se das pessoas; fallando relativamente a essa terra; e fig. das plantas, ou animaes, que não foram transplantados para ella. *Barros*: “todos confessam serem estrangeiros, e não proprios *indigenas*, e naturaes da terra” “o gentio natural, e proprio *indigena* da terra” *B* 1.3.3. (p. 160).

Nação, s. f. (do Lat. *natio*) A gente de um paiz, ou região, que tem língua, leis, e governo á parte: v. g. a nação *franceza*, *Hespanhola*, *Portugueza*. § *Gente de nação*, i é, descendentes de Judêus, Christãos novos. § *Nação*; fig. Raça, casta, especie. *Prestes*. § * *Doutor das nações*, *apostolo das nações*; locuções pelas quaes o pregadores designavam S. Paulo.

(*Nação*, *Povo*. Syn.) No sentido litteral e primitivo, a palavra *nação* indica uma relação commum de nascimento, de origem; e *povo* uma relação de número, e de reunião. A *nação* é uma dilatada familia; o *povo* é uma grande reunião de seres da mesma espécie. A *nação* consiste nos descendentes de um mesmo pae, e o *povo* na multidão de homens reunidos em um mesmo sitio. Em outra accepção a palavra *nação* comprehende os naturaes do paiz; e o *povo* todos os habitantes. Um *povo* estrangeiro que forma uma colonia em um paiz longinquo, continua ainda a ser Inglez, Portugues, Hespanhol ele é-o por *nação*, ou de origem. Diversos *povos* reunidos, ligados por differentes relações communs em um mesmo paiz, formam uma *nação*; e uma *nação* se divide em varios *povos*, diversos uns dos outros por differenças locaes e physicas, ou politicas e moraes. A *nação* esta intimamente unida ao paiz pela cultura, ella o possúe; o *povo* esta no paiz, elle o habita. A *nação* é o corpo de

cidadãos; o *povo* é a reunião dos reinícolas. Uma *nação* divide-se em muitas classes; o *povo* é uma d'ellas: é a parte mais numerosa de que a *nação* é o todo.

Negrejar, v. n. (do Lat. *nigrescere*) Fazer-se negro, pouco a pouco, gradualmente. § Parecer negro: v. g. negreja a terra. *Eneid.* 8. 83. “a mão direita *negrejavai*” “*negreja* horrorisada a natureza” *Bocage*. § fig. Aparecer triste, horrível, luctoso: “na bruta *negreja* o crime” *Id.* “*Negreja* numa, e noutra infausto agoiro” “*negreja* a alma criminosa” *Bocage*. “a virtude rutila .. o vicio então *negreja*” *Id.* 1. 152. (p. 350)

Negrinha, s. f. Semente imperfeitamente espherica, mais pequena, que a ervilhaca, muito negra por fora, e assas branca por dentro; nasce nas searas de trigo. (p. 350)

Negríssimo, a, sup. de Negro, - a. *Carvalho, Comp. Geog.* 3. 6. “os que morão em Ceilão, e Malabar são *negríssimos*”. *B. Flor.* 1. 6. 50. *Id.* 2. 13. 2. “muitos demônios de corpulencia mais que agigantada *negríssimos*, e feissimos”. (p. 350)

Nêgro, s. m. (fem. V. Negra) (do Lat. *nigrum*; do Gr. *nekros*, morte) Cor negra: v. g. *vestido de negro*. § Homem preto: v. g. *comprei um negro*. § Um peixe d'este nome. § * *Negro*; nome que durante o cerco do Porto os realistas davam aos contitucionaes situados. (p. 350).

Nêgro, a, adj. (do Lat. *niger, nigra, um*) De còr preta como a tinta de escrever, e carvão apagado, etc. “o ar *negro* de volcão horrendo” § fig. Infausto, triste, desgraçado, melancolico, abominável: v. g. *negras novas*; *negra consolação*. *Sá Mir.*

“tudo a fim de conservar a *negra* prelazia” *M. Lus.* “*negra* hora” *Eneid*, 11. 7. O coração – de *culpas*. *Cam. Eleg.* 10”irados inimigos, que exhalavam a *negra* alma do corpo traspassado” § “O ar – de bulcão horrendo” § figu. Maculado: v. g. – *reputação, fama*; que denigra, ou ennegrece: “a *negra* calumnia o cobre de infamias” § * Adag. “Ainda que *negros* gente somos e alma temos” “Jurado tem as aguas da *negras* não fazerem alavas” “*Negro* é o carvoeiro, branco é o seu dinheiro” “*Negra* gallinha e *negro* carneiro” “*Negra* é a ceia em casa alheia”. (p.350).

* **Negróphilo**, a. adj. Que ama os negros. § s. m. Partidario da abolição da escravatura. (p. 350).

Povo, s. m. Os moradores da cidade, villa, ou lugar. § *Povo miudo* ; a plebe, gentalha. § *Povo*; nação, gente: v.g. o povo *de Marte*, etc. § fig. O que tem costumes, usos e credulidade do povo: “*sois povo*” *Eufr.* 1. 3. e 3. 2. “*essa opinião he povo*” e *ac.* 5. *sc.* 1. “*cá nos entendemos; vós navegaes por huns rumos povo*” i. é, do vulgo, e não sois capaz de entender o que o vulgo não comprehende. Aqui é de notar, que os nomes, quando se tomam pro adjectivos, ou attributivos, talvez não concordam com os outros nomes, a que modificam o numero; v. g. uns *rumos povo*; por, *vulgares, populares*: como, “*achar os mares leite*” *Freire* § Multidão de pessoas: e no fig. “Eolo encerra o bravo – dos sonoros ventos” *Diniz Pind.* “*o povo revoltoso dos bravos ventos*” *Id.* “*povos de nomes*” *H. Dom* 2. L. 3. c. 7. § V. *Nação, syn.*

(Povo, Plebe. Vulgo. *Syn.*) *Povo* diz-se mui propriamente dos habitantes de uma cidade, provincia, ou reino, em geral, e sem relação alguma a

distincção de classes; v.g. o *povo* Portuguez tem-se feito celebre na historia, etc. Emprega-se porém freqüentemente para significar a terceira classe dos cidadãos, por distincção das outras da nobreza, e clero: assim dizemos *a nobreza, o clero, e povo: a câmara, nobreza, e povo,* e em nenhuma d'esta phrases podemos usar do vocabulo *plebe*. Por onde se vê que *plebe* significa precisamente o *povo* miudo, e gentalha, o mais baixo do *povo*; aindaque d'este mesmo vocabulo derivamos o adjectivo *plebeu*, exprimindo (segundo a significação Latina) homem da classe do *povo*, não nobre. *Vulgo* é propriamente o commum do *povo*, e refere-se tanto a classe alguma de cidadãos distincta das outras classes, quanto ás pessoas (de qualquer classe que sejam) que, ou por sua ignorancia, ou por seus baixos sentimentos e acções, pertencem ao commum da gente, ao que é mais ordinário, ao maior número. E por isso usa muitas vezes com a significação de *peble*; porquanto o homem ignorante, e de baixos sentimentos, o homem, que em pensamentos e acções mostra um carácter ignobel, póde sem injuria collocar-se entre a *plebe*, qualquer que seja aliás sua qualidade, e condição na jerarquia civil. Pela mesma razão qualificamos de *vulgar* tudo o que é ordinário, que succede muitas vezes, que é facil de achar-se; tudo o que não é raro, nem nobre, nem de subida sorte, nem excelente no seu género.

XI – Conclusões

“(…) as linhas que vamos escrever apenas têm a mira de se aproveitarem da garantia civilizadora, que mais devem às sciencias os seus progressos, isto é, da liberdade da discussão, única que termina por aclarar a verdade.”³⁵⁶

Não temos a pretensão de “*aclarar a verdade*”, apenas de propor a discussão. A leitura de nosso trabalho evidencia a busca de analisar Varnhagen tentando resgatar os interlocutores do autor, os debates que endossava ou repelia, os motivos pelos quais aceitava ou não um determinado argumento, as variantes do seu pensamento, tentando conhecer e estabelecer relações entre o seu pensamento historiográfico com o “*secullo oscillatorio*”, no qual viveu e para o qual escreveu.

Durante este processo concluímos que a situação “marginal” do autor na historiografia brasileira deve-se a dois motivos: divergência de natureza historiográfica e política com o IHGB e a implantação da República. O pensamento de Varnhagen ainda está por ser analisado e muito do seu pensamento foi estigmatizado pelo seu maior leitor, Capistrano de Abreu.

Concluímos que ainda não temos recursos para produzir análises gerais sobre o autor, como pretenderam alguns dos nossos mais eminentes historiadores. Ousamos afirmar que Varnhagen ainda não foi lido atentamente, não podendo assim ser

³⁵⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Primeiro Juízo: submettido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, á cerca do “Compendio da História do Brasil” do Sr. José Ignácio de Abreu Lima. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. vol. 6, n° 21, 1844. p. 65/6.

interpretado de forma generalizante. Há um ranço ideológico nos leitores de Varnhagen que faz com ele seja continuamente retirado de sua contextualização temporal pelos seus críticos.

A “*ponte entre o que se fez e o que se faz*”, como sugere Odália, é uma necessidade urgente que academicamente precisamos pôr em prática. É inviável o paradoxo no qual está aprisionado o pensamento vargeniano. Não apenas pelo autor em si, que seria uma justificativa pertinente, mas também pelo nosso século XIX.

Tanto as leituras marxistas quanto às leituras dos historiadores influenciados pelos *Annales* têm se mostrado insuficiente. Muito destas leituras empregam um recurso insuficiente, o conhecimento teórico é utilizado a fim de justificar uma convicção definida a priori do “*historiador reacionário*”, incorrendo em contradição, os leitores vargenianos concluem que ele não possuía conhecimentos teóricos, enquanto seus leitores demonstram não possuir o conhecimento elementar do estudo das fontes elaboradas pelo autor.

Não podemos deixar de concordar com Varnhagen: “(...) ‘quanto a história do Brasil poderia ganhar com exames e estudos feitos nos arquivos’”³⁵⁷, não no sentido pragmático do século XIX, mas ao menos ouvindo as vozes dos nossos objetos de estudo.

Quanto do nosso debate acadêmico não será enriquecido, se ao menos privilegiarmos as discussões sobre o caráter da disciplina historiográfica no autor, como,

³⁵⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed.T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 212.

por exemplo, as nuances do estilo na história, a narração, os recursos literários, a ironia (questões discutidas na obra de Hayden White)? Revendo a temática do sertão, da interiorização do país, que é também a recusa da litoraneidade e, conseqüentemente uma ruptura geográfica e política com Portugal? E ainda propondo novas abordagens temáticas no autor.

Varnhagen é um historiador que contribuiu de forma insuperável em nossa historiografia, e não meramente pelo trabalho de coligir documentos históricos, mas por incentivar o amadurecimento da reflexão historiográfica no Brasil.

Contraditoriamente, o esforço empreendido pelo autor para o amadurecimento da disciplina histórica no Brasil, em muitos aspectos foi negligenciado, e o próprio Varnhagen aprisionado em estigmas por ele denunciados.

“Eis aqui quando tem todo o lugar a exclamação: - Et voilà comme on écrit l’histoire!”³⁵⁸

³⁵⁸ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Primeiro Juízo: submetido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pelo sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, á cerca do “Compendio da História do Brasil” do Sr. José Ignácio de Abreu Lima. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*. vol. 6, n° 21, 1844. p. 83.

XII - Bibliografia

12.1 - Fontes Primárias

CARTAS: de Varnhagen a Dom Pedro II e outros escritos. In.: *Anuário do Museu Imperial de Petrópolis*, Petrópolis/Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1948, vol. 9. p. 159-197.

LESSA, Clado Ribeiro (org.). *Correspondência ativa: Francisco Adolfo de Varnhagen*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1961. p. 7-260.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Apontamentos que deixo para o meu successor no cargo de 1.º secretário do Instituto Histórico. In.: *Anuário do Museu Imperial de Petrópolis*. Petrópolis/RJ, MEC, 1948, vol. 9. p. 221-229.

_____. Como se deve entender a nacionalidade na história do Brasil (Memória por F. V. A.). In.: *Anuário do Museu Imperial de Petrópolis*. Petrópolis/RJ, MEC, 1948, vol. 9. p. 229-236.

_____. *Ensaio histórico sobre as letras no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Fund. Biblioteca Nacional, [s/d].

_____. Escritores, viajantes e imprensa periódica do reinado. In.: *História Geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 8ª ed.T. V (Revisão e notas de Rodolfo Garcia). p. 209-36.

_____. Minas de ferro, primeiras fundições. In.: *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos/MEC, 1975. p. 185 – 208.

12.1.2 – Relação dos artigos de autoria de Varnhagen publicados nas Rev. do IHGB³⁵⁹ (1839-1857)

VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Biographias de Brasileiros illustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brazil ou ao Brazil: Martim Affonso de Souza. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843, vol. V (18). p. 248-256.

_____. Biographias de Brasileiros illustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brazil ou ao Brazil: Fr. José de Santa Rita Durão. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1846, vol. 8. p. 276-283.

_____. Biographias de Brasileiros illustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brazil ou ao Brazil: Pero Lopes de Souza. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1844, vol. 6, nº 21. p. 118-122.

_____. Carta offerecendo ao Instituto um exemplar de sua obra “Reflexões críticas”. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1839, vol. I, nº 4. p. 376 (2ª ed.).

_____. Additamento: Thomaz Antonio Gonzaga. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1850, vol. XIII. p.405.

_____. Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc.: D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, offerecida pelo sócio o Sr. F. A. de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. II. p. 388-

_____. Biographia dos brasileiros distinctos por armas, letras, virtudes, etc.: Salvador Correa de Sá Benevides, offerecida pelo sócio o Sr.

³⁵⁹ Relação coletada da primeira edição das Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com algumas referências da 2.ª ed. (relação completa dos textos assinados).

F. A. de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1841, vol. III, nº 9. p. 100-113.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: João Fernandes Vieira (o Castrioto Lusitano). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843, vol. V, nº 17. p. 88-96.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Dr. Gaspar Gonçalves de Araújo. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843, vol. V, nº 18. p. 248-256.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Dr. Gaspar Gonçalves de Araújo. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843, vol. V, nº 19. p. 373-76.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Pero Lopes de Souza. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843, vol. V, nº 19. p. 376-79.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, oferecida pelo sócio o Sr. F. A. de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1844, vol. VI, nº 21. p. 118-22.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, oferecida pelo sócio o Sr. F. A. de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845, vol. VII, nº 25. p. 387-389.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, &c. – Fr. Jose de Santa Rita Durão, pelo Sr. F. A. de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1846, vol. VIII, nº 2. p. 276-283.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, &c. – Eusébio de Mattos, pelo Sr. F. A. de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1846, vol. VIII, nº 4. p. 540-546.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc. – Antonio José da Silva, pelo Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1847, vol. IX, 1º trim. p. 114-126.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc. – Manoel Botelho de Oliveira, pelo Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1847, vol. IX, 1º trim. p. 124-127.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc. – Vicente Coelho Seabra, pelo Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1847, vol. IX, 2º trim. p. 261-264.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Fr. João de Brito e Lima, oferecida pelo sócio o Sr. F. A. de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1848, vol. X, 1º trim. p. 116-119.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Fr. Manoel de Santa Rita Itaparica. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1848, vol. X, 2º trim. p. 240-245.

. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc. – Thomaz Antonio Gonzaga, pelo Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1849, vol. XII, 1º trim. p. 120-136.

_____. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Ignácio José de Alvarenga Peixoto. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1850, vol. XIII. p. 513-516.

_____. Biographia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc.: Domingos de Caldas Barbosa. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1851, vol. XIV. p. 449-460.

_____. Biographias de Brasileiros illustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brazil ou ao Brazil: Antonio de Moraes Silva. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1852, vol. XV. p. 224-247.

_____. Breves commentarios – À precedente obra de Gabriel Soares. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1851, vol. XIV. p. 367-423.

_____. Carta ao Instituto. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845, vol. VII, nº 27. p. 411-414. (acerca da Inquisição).

_____. Carta communicando ter encontrado o processo de Antonio Jose, assim como uma carta de Thomé de Souza, escripta de S. Paulo, na qual fala de João Ramalho (lida na sessão de 30 de Abril de 1846). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1846, vol. VIII, nº 2. p. 290.

_____. Carta dando conta de suas investigações em Santos etc. (lida na sessão de 31 de Outubro de 1840). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. II. p. 524. (2ª ed.).

_____. Carta dando conta de suas investigações em São Paulo (lida na sessão de 14 de Novembro de 1840). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. II. p. 529. (2ª ed.).

_____. Carta escripta pelo sócio Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, versando sobre ethnographia indígena, línguas, emigrações e

archeologia, padrões de mármore dos primeiros descobridores. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1849, vol. XII, 3º trim. p. 366-376.

. Carta lida na sessão de 19 de Janeiro de 1843. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843, vol. V, nº 17. p. 94.

. Carta: escripta ao secretario do Instituto em 1846 em additamento ao Juízo, sobre o compendio da História do Brasil, publicado no n. 21 da Revista (T.6 P. 60). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1850, vol. XIII. p. 396-405.

. Cartas que de Lisboa dirigiu ao Instituto em 1844 e 1845. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1844, vol. VI, nº 23. p. 383. (2ª ed.).

. Complemento do que se disse á pág. 100 do N. 9, 3 tomo da “Revista”, de Salvador Corrêa de Sá e Benevides. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1843, vol. V, nº 18. p. 237-241.

. Continuação da 2ª Parte do Thesouro descoberto no Rio Amazonas. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1841, vol. III, nº 10. p. 158-183.

. Descobrimto do jazigo de Pedro Álvares Cabral. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. II. p. 139 (2ª ed.).

. Dita do Sr.. Francisco Adolpho de Varnhagen, sobre os habitantes do Brasil condemnados pelo Santo Officio em Lisboa, desde o anno de 1711 até 1767. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1844, vol. VI, nº 23. p. 330-33.

. Ethnographia indígena: línguas, emigrações e archeologia, padrões de mármore dos primeiros descobridores. In.: *Rev. do*

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1849, vol. 12, 3º trim. p. 366-376. (carta).

_____. Memoria sobre a necessidade do estudo e ensino das linguas indigenas do Brasil. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1841, vol. III, nº 9. p. 53-63.

_____. Noticia geral sobre o Thesouro descoberto no Maximo Rio Amazonas. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. II. p. 329.

_____. O Caramuru perante a historia. Dissertação apresentada ao Instituto pelo sócio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1848, vol. X, 2º trim. p. 129-152.

_____. Prefacio e commentario ao “Tratado descriptivo do Brasil de 1587” de Gabriel Soares de Souza. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1851, vol. XIV. p. V-3311.

_____. Primeiro Juizo submettido ao Instituto Histórico e Geographico Brasileiro pelo sócio Francisco Adolpho de Varnhagen, á cerca do “Compendio da Historia do Brasil” do Sr. José Ignácio de Abreu Lima. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1844, vol. VI, nº 21. p. 60-83.

_____. Uma explicação relativa á biografia de Bento Teixeira Pinto de J. Norberto de Souza. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1850, vol. XIII. p. 402.

12.1.3 – Documentos Oferecidos (ao IHGB)

[s/a]. Enformação do Brasil, e de suas capitancias – 1584 -. MS offerecido de Lisboa pelo sócio o Sr. Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1844, vol. VI, nº 24. p. 412-443. (anotação manuscrita, à caneta, no

canto superior esquerdo do texto: “*Suppõe-se haver sido escripta pelo Pe. Anchieta*”).

[s/a]. Excerptos: de varias listas de condemnados pela Inquisição de Lisboa, desde o anno de 1711 ao de 1767, comprehendendo só brasileiros, ou colonos estabelecidos no Brasil (Offerecido ao Instituto pelo sócio o Sr. F. A. de Varnhagen). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845, vol. VII, nº 25. p. 52-85.

CONDE DE AZAMBUJA, D. ANTONIO ROLIM. Relação da viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da cidade de S. Paulo para a villa de Cuyabá em 1751 (remmettida de Lisboa pelo sócio correspondente o Sr. F. A. de Varnhagen). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845, vol. VII, nº 28. p. 449-474.

D. AFFONSO BRAZ. Carta: de D. Affonso Braz, mandada do porto do Espirito Santo, do anno de 1551. In.: In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, [s/d], nº 24, p. 222-223.

DESEMBARGADOR LUIZ THOMAZ DE NAVARRO. Itinerario da viagem que fez por terra, da Bahia ao Rio de Janeiro, por ordem do príncipe regente, em 1808, o Desembargador Luiz Thomaz de Navarro. (MS. inédito, offerecido ao Instituto pelo sócio correspondente o Sr. F. A. de Varnhagen). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845, vol. VII, nº 27. p. 417-444.

DIOGO LEITE. Carta: de Diogo Leite para El-Rei, de 30 de Abril de 1528. – Na Torre do Tombo. Corpo Chronolog. Parte 1 Maç. 39. Documento 132. (Offerecida ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Varnhagen). In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1844, vol. VI, nº 22. p.222-223.

DIOGO LEITE. Carta: de Diogo Leite para El-Rei, de 30 de Abril de 1528. – Na Torre do Tombo. Corpo Chronolog. Parte 1 Maç. 39. Documento 132. (Offerecida ao Instituto pelo soco correspondente o Sr. Varnhagen). In.: *Rev. do Instituto*

Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1844, vol. VI, nº 22. p.222-223.

Fragmentos que existem na Torre do Tombo das instrucções dadas por el-rei D. Manoel a Pedro Álvares Cabral, quando chefe da armada, que indo á Índia descobriu casualmente o Brasil. Copiados pelo Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, membro correspondente do Instituto. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1846, vol. VIII, nº 1. p. 89-115.

JOSE DE ANCHIETA. Informação dos casamentos dos índios do Brasil, pelo padre Jose de Anchieta. Manuscripto offerecido ao Instituto pelo sócio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1846, vol. VIII, nº 2. p. 254-262.

MANOEL DA NOBREGA. Carta: do Padre Jesuita Manoel da Nobrega, copiada do Real Archivo de Lisboa. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. II. p. 279. (2ª ed.)

12.2 - Fontes Secundárias

_____. Abertura da cedula correspondente á memoria premiada pelo Instituto, e o que a mesma cédula continha. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1847, vol. IX, 2º trim. p. 275.

_____. Parecer acerca da obra intitulada – Reflexões críticas sobre o escripto do século XVI, impresso com o título de Notícia do Brasil, no T. 3 da Coll de Not. Ultr. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. II. p. 109-112.

_____. Parecer sobre a memória de ..., concorrente ao premio para quem escrevesse o melhor trabalho sobre a duvida histórica da ida de Caramuru a Paris, no reinado de Henrique II. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1847, vol. IX, 2º trim. p. 275.

- _____. Parecer sobre a proposta de ..., relativa ao "Estudo e ensino das linguas indígenas no Brasil. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1841, vol. III. p. 138.
- _____. Parecer sobre as biographias de fr. José de Santa-Rita Durão e Antonio José da Silva, escriptas por ... In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1847, vol. IX, 3º trim. p. 410.
- Actas. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, tomo 9, 1847. p. 136.
- Actas. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1839, vol. I, 1º trim. p. 45-53.
- BARBOZA, J. da Cunha. Programa: se a introdução dos escravos africanos no Brazil embarça a civilização dos nossos indígenas, dispensando-se-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuízo que soffre a lavoura Brasileira? In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, 1839, Tomo 1, 3º trim., nº 3. p. 123-129.
- BARBOZA, Januário da Cunha. Discurso. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1839, tomo I, 1º trim. p. 9-17.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado de terra do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, [s/d].
- LAGOS, Manoel Ferreira. Extractos da actas das sessões dos mezes de Julho, Agosto e Setembro de 1845. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1845, nº 27, vol. 7. p. 400-410. (contém duas cartas de Varnhagen).
- LEOPOLDO, Visconde de S. Programma Histórico: O Instituto Histórico e Geographico Brasileiro é o repreentante das idéias de Illustração, que em differentes épocas se manifestaram em nosso continente. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1839, vol. I, nº 2. p. 61-71.
- LISBOA, Bento da Silva; MONCORVO, J. D. de Attaide. Parecer: sobre o 1.º e 2.º volume da obra intitulada, Vouage Pittoresque et Historique au Bresil, ou Serjour d'un artiste français au Bresil, depois de 1816 jusqu'e 1831 inclusivement, par J.

- B. Debret. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1839, vol. 3, nº 9. p. 95-99
- MARTIUS, Carlos Frederico Ph. de. Como se deve escrever a História do Brasil. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1844, n.º 24. p. 389-411.
- NOBREGA, Manoel da. Informação: das terras do Brasil. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, vol. 6, nº 21. p. 91-94.
- PINTO, Roquette. Actas. In.: In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, tomo 80, 1916. p. 614-666.
- PONTES, R. de S. da S.; VIANNA, C. J. de Araújo. Juízo: sobre a história do Brasil, publicada em Paris pelo Dr. F. S. Constancio. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1839, tomo I, 2º trim. p. 81-85.
- PORTO ALEGRE, Manoel de Araújo; BARBOSA, J. da C. Relatório: sobre a inscrição da Gavia. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 1, 1839. p. 77-81.
- PREMIOS: propostos pelo Instituto & propostos pro S. M. o Imperador. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, [s/d], nº 23, vol. 6. p. 562-563.
- REBELLO, José Silvestre; REBELLO, Lino Antonio. Juízo: sobre a obra intitulada Examen critique de l'histoire de la geographie du nouveau continent, par Alexandre Humboldt. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1840, tomo 2. p. 105-108.
- SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995. 642 p.
- SOUZA, Conselheiro Paulino Jozé Soares de. Memória sobre os trabalhos que se podem consultar nas negociações de limites do império, com algumas lembranças para a demarcação destes (1851). In.: *Anuário do Museu Imperial de Petrópolis*, Ministério da Educação e Saúde, Petrópolis/RJ, 1948, vol. 9. p. 199-220.

VOLTA SECA. “*Vida e Glória de Varnhagen*”. (Letra gentilmente cedida pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Ano: 1969. Carnavalescos: Guilherme Martins e Alfredo Briggs).

12.3 - Bibliografia Geral

12.3.1 - Dicionários

- AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 687 P.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 430 pág. (2.^a ed).
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Unb, 2.^a ed. c 1986. 1318 pág.
- MORAES SILVA, Antonio de. *Diccionario da língua portuguesa*. Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves, 1878. 7.^a ed. 2 v. (melhorada, e muito acrescentada com grade numero de termos novos usados no Brazil e no Portuguez da Índia).
- MORAIS, Rubens Borba de; BERRIEN, William (orgs). *Manual Bibliográfico de estudos brasileiros*. Brasília: Senado Federal, (Col. Brasil 500 anos).
- SILVA, Innocencio Francisco da. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Diccionario Bibliographico Portugez: applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCCLIX. p. 319-322.

12.3.2 - Historiadores:

- CANABRAVA, A. P. Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. In.: *Rev. de História*, São Paulo, ot./dez., 1971, vol. XLIII, nº 88, ano XXII. p. 417-424.
- CESAR, Temístocles. Varnhagen e os relatos de viagem do século XVI: ensaio de recepção historiográfica. In.: *Anos 90*, Porto Alegre, n. 11, julho de 1999. p. 38-53

(Revista de pós-graduação em história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

- FLEURY, Renato Sêneca. *Varnhagen: o visconde de Pôrto Seguro*. São Paulo: Melhoramentos, [s/d]. 40 pág.
- GUIMARAES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de Nação. In.: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988. p. 5-27.
- IGLÉSIAS, Francisco. A pesquisa histórica no Brasil. *SBPC*, XXIII, 1971. p. 373-415.
- _____. *Trajétoria Política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 316 p. (1ª ed. 1993).
- _____. Varnhagen. In.: *Historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000. p. 72-94.
- NEVES, Lucia Maria Batos P. Corcundas e constitucionais: a cultura política no mundo luso-brasileiro (1820-1822). In.: SILVA, Maria Beatriz Nizza (coord.). *Cultura portuguesa na Terra de Santa Cruz*. Lisboa: Ed. Estampa, 1995. p. 265-278.
- ODÁLIA, Nilo. Formas do pensamento historiográfico brasileiro. In.: *Anais de História*, UNESP, 1976. p. 31-40.
- _____. Varnhagen e a Historiografia Brasileira. In.: *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 10-113.
- REIS, José Carlos. Anos 1850: Varnhagen – O elogio da colonização portuguesa. In.: *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 23-50.
- RODRIGUES, José Honório. Varnhagen: mestre da história geral do Brasil. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, abr./jun. 1967, nº 275, p. 170-196.
- _____. Varnhagen: o primeiro mestre da historiografia brasileira. In.: *Rev. Do IHGB*, abr./jun. 1967, nº 275, p. 135-160.

- _____. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In.: *A pesquisa histórica no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1978. p. 37-49.
- SCHWARCZ, Lília K. Moritz. *Os guardiões da nossa história oficial: os Institutos Históricos e Geográficos Brasileiros*. São Paulo: IPESP, 1989. 79 p.
- STEIN, Stanley J. A historiografia do Brasil, 1808-1889. In.: *Revista de História*, n. 39, vol. XXIX, ano XV, 1964. p. 81-131.
- VIEIRA, Evaldo. Oliveira Vianna e o Estado brasileiro no final do século XX. In.: *Educação & Sociedade*, nº 42, agosto/92. p. 290-296.
- WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 241 p.

12.3.3 - Literatos:

- AMORA, Antônio Soares. *O romantismo e a literatura brasileira (1833-1838/1878-1881)*. São Paulo: Cultrix, 1957. vol. II.
- CAMPOS, Humberto de. *Antologia da Academia Brasileira de Letras: trinta anos de discurso acadêmico (1897-1927)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson In.: Editora, 1945. 2ª ed.
- MACHADO DE ASSIS. Instinto de nacionalidade. In.: *Instinto de nacionalidade & outros ensaios*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. p. 9-36.
- NEVES, Fernão. Patronos dos sócios efetivos. In.: *A academia brasileira de letras: notas e documentos para sua história (1896-1940)*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia, 1940. p. 159-171.
- OLIVEIRA, Flávio de. O moço loiro: Joaquim Manoel de Macedo. In.: Biblioteca Virtual/Acervo Digital/Romance Brasileiro. Site: *Biblioteca Nacional*. (Conferir modo de expor referência digital).
- PICCHIO, Luciana Stegagno. Historiografia, romance histórico e pesquisa folclórica. O nacional e o regional: Varnhagen, Joaquim Felício dos Santos e Couto Magalhães. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 176-180.

- REBELO, Marques. Varnhagen: prólogo. In.: *Antologia escolar brasileira*. [s/l]: MEC, 1967. p. 285-287.
- ROMERO, Silvio. Historiadores: Francisco Adolfo de Varnhagen. In.: *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 163-176 (Tomo V).
- VERÍSSIMO, José. Varnhagen. In.: *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Unb, 1963. p. 166-169. 4.^a ed. / 1916 1.^a ed.

12.3.4 – Historiadores e Literatos do IHGB e do IHG/SP

- ARAGÃO, Pedro Moniz de. Cartas de Varnhagen ao Conselheiro João Antonio. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, jul./set. 1965, nº 268, p. 13-26.
- CAPISTRANO ABREU, J. Necrológio de Varnhagen & Sobre o Visconde de Porto Seguro. In.: *Ensaio e Estudos: crítica e história*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1975. (2.^a ed.).
- CALMON, Pedro. Varnhagen. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, jan./mar. 1983, nº 338. p. 249-258.
- CÂMARA, José Gomes Bezerra. Varnhagen – o homem e o historiador. In.: *Rev. do IHGB*, jul./set. 1980, nº 328, p. 161-187.
- LACOMBE, Américo Jacobina. Curso Varnhagen: as idéias políticas de Varnhagen. In.: *Rev. do IHGB*, abr./jun. 1967, nº 275, p. 135-154.
- _____. A construção da historiografia brasileira o IHGB e a obra de Varnhagen. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, 152(370): 245-264, jan./mar. 1991.
- LESSA, Clado Ribeiro de. Colaboração de Varnhagen no “O Panorama”: notas bibliográficas. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, jan./mar. 1946, no 193, p. 105-109.

- _____. Vida e obra de Varnhagen. *Rev. do IHGB*, jan./mar. 1955, nº 226, p. 3-168. (5º capítulo).
- _____. Formação de Varnhagen: primeiros tempos (1816-1841). In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, jan./mar. 1945, nº 186, p. 55-88.
- _____. Vida e obra de Varnhagen. *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, out./dez. 1954, nº 225, p. 120-293. (3º capítulo).
- _____. Vida e obra de Varnhagen. *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, abr./jun. 1954, nº 223, p. 82-297. (1º capítulo).
- _____. Vida e obra de Varnhagen. *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, jul./set. 1954, nº 224, p. 109-315. (2º capítulo).
- _____. Varnhagen no Paraguai: uma caçada de antas em Petrópolis, inscrições lapidares de Recife (1859-1851). In.: *Anuário do Museu Imperial de Petrópolis*. Petrópolis/RJ, Ministério da Educação e Saúde, Petrópolis/RJ, 1942. p. 103-114.
- MOREIRA, Thiers Martins. Varnhagen e a história da literatura portuguesa e brasileira. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, abr./jun. 1967, nº 275, p. 155-169.
- OLIVEIRA LIMA, M. Francisco Adolpho de Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 1908, tomo 13. p. 61-91.
- ROCHAN, Henrique de Beaurepaire. O primitivo e o actual Porto-Seguro. In.: *Rev. do IHGB*, 1880, nº 43 (61), p. 5-26.
- RODRIGUES, José Carlos. Biographia de F. A. Varnhagen. In.: *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 1908, tomo 13. p. 95-105.
- VIANNA, Hélio. Correspondência do Visconde de Porto Seguro. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, jan./mar. 1967, p. 232-235. (publicado no *Jornal do Comércio* de 2 de julho de 1961).
- _____. Sesquicentenário de Varnhagen. In.: *Rev. do IHGB*, Rio de Janeiro, abr./jun. 1967, nº 275, p. 197-200.

_____. Singularidade de um Historiador. In.: *Rev. do IHGB*, jul./set. 1964, n° 264, p. 354-372. (publicado no *Jornal do Comércio* de 28 de dezembro de 1962; 4,11,18 e 25 de janeiro de 1963).

12.3.5 - Teórica-Methodológica

BOBBIO, Norberto. Hegel. In.: *A teoria das formas de governo*. Brasília: Unb, 1992. p.145-55.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. Historicismo. In.: *Dicionário de política*. Brasília: Unb, 2ª ed. c 1986. p. 581-584.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. Monarquia. In.: *Dicionário de política*. Brasília: Unb, 2ª ed. c 1986. p. 776-781.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: duvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Unesp, 1997.

BOURDIER, Pierre. É possível um ato desinteressado. In.: *Razoes praticas sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papyrus, 1996. p. 137-157.

BOVERO. Michelangelo. Apêndice – A monarquia constitucional: Hegel e Montesquieu. In.: BOBBIO, Norberto. *A teoria das formas de governo*. Brasília: Unb, 1992. p.157-61.

BURKER, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In.: *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 327-348.

_____. O retorno da Política; O renascimento da narrativa. In.: *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929 –1989)*. São Paulo: UNESP, 1991. p. 100 –107

CAVALLI, Alessandro. Intelectuais. In.: BOBBIO, N.; MATTEUCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Brasília: Unb, 1986. (2ª ed.).

FALCON, F. História e Poder. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. p. 61-89

- FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. In.: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. p. 265-271.
- GAY, Peter. Conclusão: sobre o estilo na história. In.: *O estilo na História*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. Rio de Janeiro: Cia das Letras. p. 167-214.
- _____. Introdução: o estilo da maneira à matéria. In.: *O estilo na História*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. Rio de Janeiro: Cia das Letras. p. 17-31.
- HOBBSAWM, Eric. A construção das Nações. In.: *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. p. 101-16.
- HOBBSAWM, Eric. Dentro e fora da História. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-21.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Identidade cultural, identidade nacional. In.: *Tempo Social*; Rev. de Sociol. USP, São Paulo, 1(1): 29-46, 1. sem. 1989.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil*: introdução metodológica. Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1978. 500 p.
- RODRIGUES, José Honório. *Vida e História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. 278 p.
- ROSSANVALLON, Pierre. Por uma História conceitual do Político (nota de trabalho). In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. v. 15, nº 30, 1995. pp. 9-22
- SKINNER, Quentin. Prefácio. In.: *As fundamentações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. 724 p

XIII - Anexo:

“Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil”³⁶⁰

(Memória por F. A. V.)

Eis uma questão, d’alta transcendencia, preliminar á nossa História, e que desejáramos ver tratada sem prevenções, e discutida e esclarecida com o animo tão tranquillo e despreocupado, como temos ao inspirar-nos as idéias que passaremos a transcrever, de pois de assentarmos bem quaes sejam reconhecidamente os dotes necessários ao historiador.

No seculo actual niguem poderá alcançar este título, sem que a um tempo seja erudito no Assumpto, philosopho, litterato, e até diremos ás vezes, poeta. Expliquemo-nos.

Sem erudição no assumpto não existe materia de que escrever historia, ou a obra escripta, sem factos muito averiguados (por mais esmerada que seja a elocução), não poderá ser recebida, sobretudo dos estrangeiros, senão como uma novella ou romance provavel.

Mas se elle não é philosopho, isto é se não tem muito discernimento crítico (para o qual se necessita luzes geraes dos conhecimentos humanos), se é elevado

³⁶⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. Como se deve entender a nacionalidade na Historia do Brasil (Memoria). In.: *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis (RJ): Ministério da Educação e Saúde, 1948, vol. 9. pp. 229-236.

pela paixão, maxime por impulsos menos nobres de odio, ou de despeito, ou de vingança, se não é dotado de independencia de character, se não professa sãs maximas de politica e se sciencias do governo, applicaveis ao seu paiz, a sua obra será apenas uma chronica, mais ou menos bem escripta, e não poderá satisfazer á condição de ser, alem de testemunha do tempo passado, luz e guia para a marcha da nação á qual a historia deve não só ministrar exemplos de patriotismo e de governo, como apontar e censurar os erros e faltas commetidas no passado, a fim de poupar gerações futuras o cair nos que já custarão tristes experiencias a outros.

Venha porem o homem mais erudito nos annaes historicos d'um paiz, e seja elle tão philosopho e estadista quanto se queira, poderá ainda escrever uma pessima historia, com que não ature um só leitor, se o desalinho da linguagem, e a incorrecção de frase a faz confuza, ou o que ainda é peor, se os ornatos pretenciosos, alheios tantas vezes á difficil *facillidade* que deve mostra o estylo, a tornão desagradavel. Na narração historica o historiador deve, quanto possa, aproximar o estylo do dos oradores da tribuna. — Cumpre ser correcto, puro, harmonico e tão elegante quanto possa, sem cair em affectação. Todo escripto historico depende da narração; e esta se acha submettida aos preceitos da unidade, da verossimilhança (pois verdades ha que mal contadas se tornem *inverossimeis*), e do interesse para todo o leitor. Estes preceitos não forão conhecidos ou entendidos pelos dous chronistas do Rio de Janeiro, Pizzaro e Balthazar, e por isso suas obras não tem quem as lêa.

Pelo que fica dito, obvia é a necessidade de que o historiador seja a um tempo erudito, philosopho, e litterato. Como porém exigir-se a poesia na Historia, quando parece que a invenção d'aquella tao opposta é a verdade n'esta requerida.

Entendamo-nos. Exige-se no historiador algum genio poetico mas não para *improvisar*. A poesia, sem sua accepção mais lata, tem por fim verdadeiramente a expressão do bello e do sublime, quer como pincel ou cinzel, quer finalmente com as proporções architectonicas. Tem alguma alma poetica todo o que é capaz de conceber e definir, por qualquer d'estas formas, o bello e o sublime; mas verdadeiramente, só é poeta o que, em logar de combinar os sons a manejar o pincel ou cinzel, ou de servir-se do esquadro (isto é, em logar de ser musico, pintor, esculptor ou architecto) domina a palavra, e a obriga a moldar-se á sua concepção *poetica*. Factos ha tão sublimes na historia de todos os povos, paragens tão encantadoras em alguns paizes, como o nosso, acções tão bellas e generosas de alguns heroes, que o historiador que os não descrevesse poeticamente não interessaria o leitor, de um modo conveniente á *propria verdade*. Não poderá porém, por via de regra, ter todos os dotes de historiador um poeta, digamos assim, de profissão. A propria erudição historica que tem de colher, os aridos estudos de politica e legislação, a que se deve dedicar, - não se coadunão com a impaciencia dos grandes genios criadores, e serião, só por si, capazes de suffocar muito estro a menos que o poeta não fosse d'esses privilegiados do Céu, como os Schiller e os D. Franciscos Manueis, que reunião ao estro grandes dotes historiographicos. Deve pois, alguma vez que outra, o historiador sentir como os poetas, e expressar-se como elles, para poder desempenhar o seu mister.